

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS JOGOS
TRADICIONAIS A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES
DE SEUS ESPAÇOS E TEMPOS NO CONTEXTO DA
COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Fernanda Stein

Santa Maria, RS, Brasil

2014

**OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS JOGOS TRADICIONAIS A
PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES DE SEUS ESPAÇOS E
TEMPOS NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA
NO RS**

Fernanda Stein

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Área de Concentração em Educação Física, Saúde e Sociedade, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Educação Física**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizara Carolina Marin

Santa Maria, RS, Brasil

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Stein, Fernanda

Os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais a partir das transformações de seus espaços e tempos no contexto da colonização italiana no RS / Fernanda Stein.-2014.

105 p. ; 30cm

Orientadora: Elizara Carolina Marin

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, RS, 2014

1. Jogo Tradicional 2. Sentidos 3. Espaço e Tempo 4. Colonização Italiana 5. Sociedades I. Marin, Elizara Carolina II. Título.

© 2014

Todos os direitos autorais reservados a Fernanda Stein. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: fefestein@yahoo.com.br

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física e Desportos
Programa de Pós-Graduação em Educação Física**

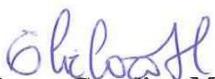
**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

**OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS JOGOS TRADICIONAIS A PARTIR
DAS TRANSFORMAÇÕES DE SEUS ESPAÇOS E TEMPOS NO
CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO ITALINA NO RS**

elaborada por
Fernanda Stein

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA


Elizara Carolina Marin, Dr.^a
(Presidente/Orientadora)


Andressa Aita Ivo, Dr.^a (UFSM)


Larissa Michelle Lara, Dr.^a (UEM)

Maristela da Silva Souza, Dr.^a (UFSM)
(Suplente)

Santa Maria, 27 de fevereiro de 2014.

esquecimento nos prende ao peso de um presente sem dimensões, quando causado pela violência dos sentidos e pelo agrilhoamento da consciência. Ai daqueles que esquecem! As sociedades que esquecem do seu passado recente, vagarão e errarão estupidamente sem encontrar a porta de saída que é a reflexão sobre o passado.

(Alfredo Bosi)

A nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida.

(Ecléa Bosi)

Precisamos, entretanto, dar um sentido humano às nossas construções. E quando o amor ao dinheiro, ao sucesso nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu.

(Érico Veríssimo)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação Física
Universidade Federal de Santa Maria

OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS JOGOS TRADICIONAIS A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES DE SEUS ESPAÇOS E TEMPOS NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RS

AUTORA: FERNANDA STEIN
ORIENTADORA: ELIZARA CAROLINA MARIN
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 27 de fevereiro de 2014.

Este é um estudo que tem como tema os jogos tradicionais, compreendidos como manifestações culturais produzidas pela humanidade ao longo da história. Buscamos investigar os jogos tradicionais em algumas Sociedades no Rio Grande do Sul (RS) e os sentidos atribuídos a eles por sujeitos sociais que vivenciaram o processo de transformação desses espaços e tempos. Para tanto, a pesquisa é caracterizada como de campo e documental, lançando mão de entrevistas em profundidade. Abarcamos duas Sociedades do município de São João do Polêsine, RS, ou seja, a Sociedade Agrícola Cultura Esportiva Polesinense e a Sociedade Agrícola Cultural Esportiva Vale Vêneto. Estas entidades apresentam-se como espaço de vivência dos jogos tradicionais e sofreram mudanças com a expansão do sistema capitalista. Identificamos que as transformações dos espaços e tempos para os jogos tradicionais modificam seus sentidos, assim como esses mudam aqueles, numa relação dialética. Para manterem os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais, os sujeitos resistem às transformações espaciotemporais, com o movimento entre o conformismo e a resistência. A pesquisa visa contribuir para aprofundar o entendimento de como o jogo tradicional vem sendo reconfigurado historicamente.

Palavras-chave: Jogo Tradicional. Sentidos. Espaço e Tempo. Colonização Italiana. Sociedades.

ABSTRACT

Master's Dissertation
Graduate Program in Physic Education
Federal University of Santa Maria

THE MEANINGS ATTRIBUTED TO TRADITIONAL GAMES STARTING FROM THE TRANSFORMATION OF THEIR SPACE AND TIME IN THE CONTEXT OF ITALIAN COLONIZATION IN RS

AUTHOR: FERNANDA STEIN

ADVISOR: ELIZARA CAROLINA MARIN

Date and Place of Presentation: Santa Maria, February, 27, 2014.

This is a study that has as its theme the traditional games, understood as cultural manifestations produced by humankind throughout history. We seek to investigate the traditional games in some societies in Rio Grande do Sul (RS) and the meanings attributed to them by social subjects who experienced the transformation of those spaces and times. Therefore, the research is characterized as a field and documental research, making use of in-depth interviews. We have covered two societies from São João do Polêsine, RS, i.e., the "Sociedade Agrícola Cultural Esportiva Polesinense" and the "Sociedade Agrícola Cultural Esportiva Vale Vêneto". These entities present themselves as living spaces for traditional games and have changed with the expansion of the capitalist system. We found that the transformations of space and time for traditional games modify their meanings, as these change those, in a dialectical relationship. To keep the meanings attributed to traditional games, the subjects resist against spatiotemporal transformations, with movement between conformity and resistance. The research aims to contribute to deepening the understanding of how the traditional game has been historically reconfigured.

Keywords: Traditional Game. Meanings. Space and time. Italian Colonization. Societies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CAMINHO DA PESQUISA	12
1.1 A pesquisa de campo	15
1.2 Pesquisa documental	18
1.3 Entrevistas em profundidade	20
1.4 Análise de conteúdo	23
2 JOGO TRADICIONAL COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL: CONFIGURAÇÃO HISTÓRICA E ATUAL	26
2.1 O tempo e o espaço na sociedade capitalista	26
2.2 Tradição e modernidade, continuidade e descontinuidade	29
2.3 O tradicional e o popular: jogo tradicional e jogo popular	31
2.4 Jogo tradicional como manifestação cultural	38
3 ESPAÇOS E TEMPOS PARA OS JOGOS TRADICIONAIS NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RS	42
3.1 A colonização italiana no RS e as Sociedades	42
3.2 Espaços e tempos para os jogos tradicionais anteriores à constituição das SACE Vale Vêneto e SACE Polesinense	45
3.2.1 Os jogos tradicionais nas residências das famílias	47
3.2.2 Os jogos tradicionais nos bolichos	50
3.2.3 Os jogos tradicionais nos espaços destinados às carreiras de cancha reta.....	52
3.3 A constituição das SACE Vale Vêneto e SACE Polesinense	53
3.3.1 Surgimento da SACE Vale Vêneto	59
3.3.2 Surgimento da Sociedade Agrícola Cultural e Esportiva Polesinense	65
3.3.3 Os Jogos Tradicionais nas SACE Vale Vêneto e SACE Polesinense	68
3.3.3.1 Os jogos de bocha nas Sociedades	69
3.3.3.2 Os jogos de baralho nas Sociedades	70
3.3.3.3 As carreiras de cancha reta nas Sociedades.....	71
3.4 As SACE Vale Vêneto e SACE Polesinense na atualidade	73
4 OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS JOGOS TRADICIONAIS A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES DE SEUS ESPAÇOS E TEMPOS	78
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	99

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como tema os jogos tradicionais, entendidos como manifestação da cultura que os seres humanos produziram e produzem no processo histórico de interação com a natureza na busca de suprir as necessidades materiais e imateriais. São tradicionais pois há muito tempo estão presentes na cultura de um grupo e assumem características a partir do contexto e das relações sociais ali estabelecidas. Dessa maneira, representam o passado e o presente.

O tema tem sido pouco estudado no contexto brasileiro e latino americano. No Brasil, ganham destaque alguns grupos de pesquisa, dentre eles o Grupo de Pesquisa em Lazer e Formação de Professores (GPELF), do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), liderado pelos professores Elizara Carolina Marin e João Francisco Magno Ribas, e de onde parte nosso interesse e dedicação na produção de conhecimento sobre o tema.¹

De acordo com estudos do grupo, que culminaram com a obra de Marin e Ribas (2013) sobre os jogos tradicionais de diferentes grupos sociais que compõem o estado do Rio Grande do Sul (RS), foi possível identificar que existe grande número e diversidade dessas manifestações. Nos grupos sociais italiano e alemão, expressivos no RS, pois no século XIX o estado foi colonizado, principalmente, por estes grupos, existem espaços específicos para a produção e reprodução de manifestações culturais, como os jogos tradicionais, denominadas Sociedades. Mazo (2007, 2012) utiliza o termo Associações Esportivas.

As Sociedades constituíram-se como espaço e tempo onde a população compartilhava propósitos, costumes e preocupações em comum, e tiveram papel fundamental na reconstrução social e cultural dos imigrantes que chegavam ao sul do Brasil. Além disso, foram palco para manifestações de diversão como jogos, bailes, jantares, dentre outras. Estas entidades caracterizam-se como espaço institucionalizado, sem fins lucrativos e congregam registro como pessoa jurídica, regulamentos e estatutos internos.

Embora sem aprofundarem suas análises nesses espaços, Marin e Ribas (2013) identificaram que as Sociedades se transformaram ao longo do processo histórico. Schuch (2008) também constatou que muitas Sociedades estão sofrendo um processo de envelhecimento, pois poucos são os jovens que participam delas. Não existe sucessão de

¹ Também ganham destaque os grupos: Esporte, Jogos 'Tradicionais' e Sociedade, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), liderado pelas professoras Maria Beatriz Rocha Ferreira e Vera Regina Toledo

cargos, como diretores e secretários, ficando sempre as mesmas pessoas responsáveis em assumir a gestão desses espaços.

Além disso, com a influência da conjuntura atual pautada na sociedade capitalista neoliberal e nos modos de acumulação flexível, os jogos tradicionais também se modificaram. Alguns se tornaram institucionalizados, orientados e regulamentados por uma federação esportiva, como por exemplo, o Bolão, a Bocha e o Tiro ao Alvo.

É a partir da constatação das Sociedades como espaço e tempo para os jogos tradicionais e da transformação tanto daquelas quanto desses, que emergem nossos questionamentos.

À luz de Vigotski (2009), Duarte (1999 e 2004) e Leontiev (1978), entendemos que toda atividade humana assume diferentes sentidos para as pessoas. Os sentidos dizem respeito aos motivos da atividade e estão mediados pelas relações sociais que se dão na materialidade da vida dos seres humanos. Assim, problematizamos *quais os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais por sujeitos que vivenciaram o processo de transformação de Sociedades no RS?*

Compreendemos que pesquisar o processo de transformação das Sociedades e os sentidos que o jogo tradicional historicamente vem assumindo no cotidiano das comunidades contribui para o avanço do entendimento de tais manifestações culturais e suas configurações históricas.

Estabelecemos como objetivo principal desse estudo: *investigar os jogos tradicionais em algumas Sociedades no RS e os sentidos atribuídos por sujeitos sociais que vivenciaram o processo de transformação desses espaços e tempos.*

Para darmos conta dessa questão, nossos objetivos específicos são:

- a) *situar as Sociedades como espaços e tempos de vivência dos jogos tradicionais;*
- b) *compreender o processo de constituição de Sociedades do município de São João do Polêsine no contexto histórico de colonização no RS;*
- c) *compreender as mudanças pelas quais passaram as Sociedades no contexto da sociedade capitalista;*
- d) *identificar a configuração atual das Sociedades investigadas;*
- e) *compreender os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais para sujeitos sociais que vivenciaram o processo de transformação das Sociedades em foco.*

Para melhor visualização, apresentamos a seguir um fluxograma (Figura 1) que ilustra os elementos centrais da pesquisa:

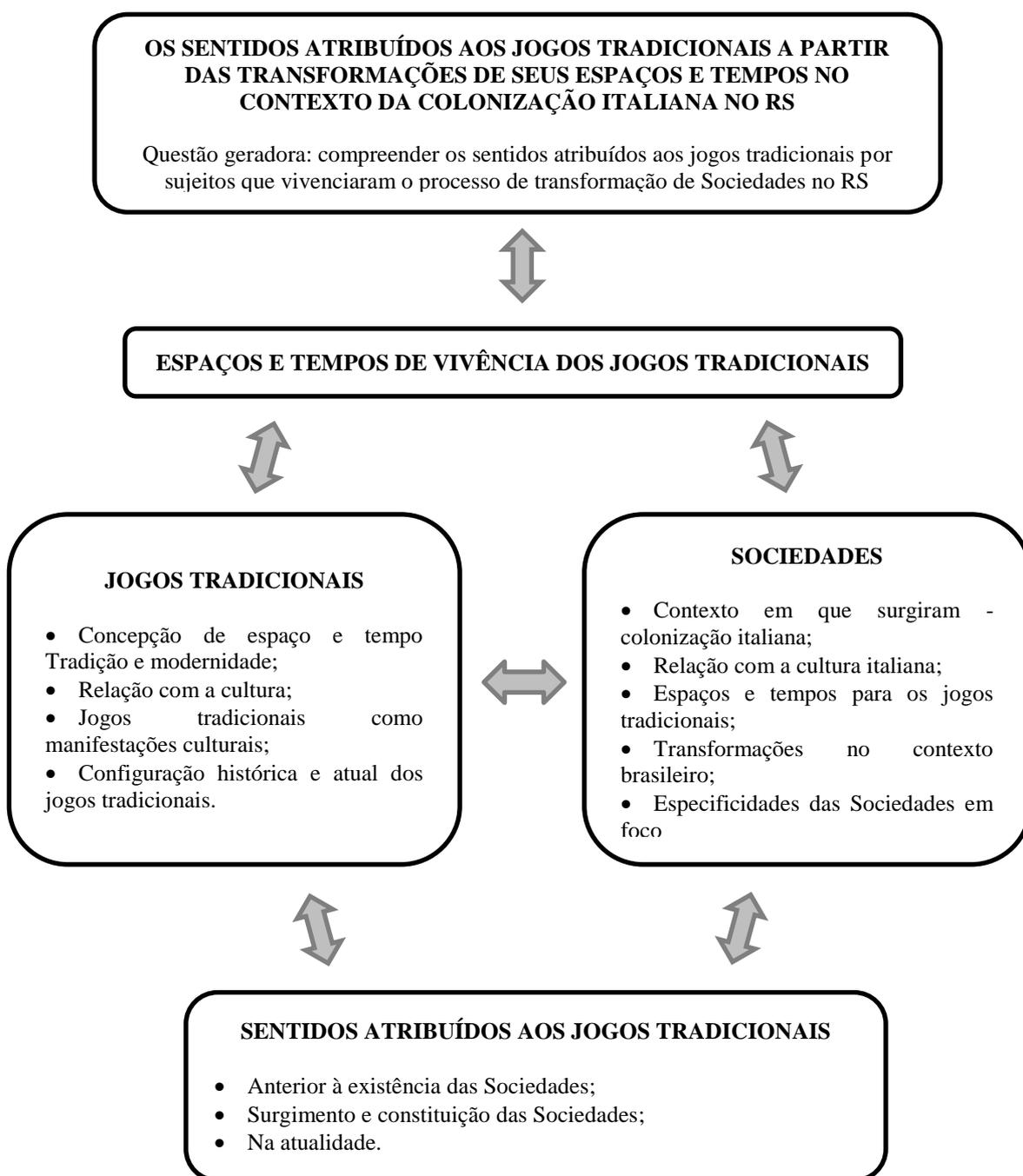


Figura 1 - Fluxograma com elementos centrais da pesquisa

Com o propósito de esclarecer a concepção de pesquisa e os processos metodológicos, apresentamos os “Encaminhamentos Metodológicos” como primeiro capítulo. Para dar conta dos objetivos propostos, utilizamos pesquisa de campo e documental, lançando mão de entrevistas em profundidade. Para o tratamento dos dados, contamos com a análise de conteúdo, segundo os pressupostos de Bardin (1990) e Franco (2005). Abarcamos as Sociedade Agrícola, Cultural e Esportiva Polesinense (SACE Polesinense) e Sociedade Agrícola, Cultural e Esportiva Vale Vêneto (SACE Vale Vêneto), localizadas no município de São João do Polêsine, com expressividade cultural da colonização italiana.

O segundo capítulo, intitulado “Jogo tradicional como manifestação cultural: configuração histórica e atual”, propõe a discussão das mudanças de tempo e espaço, suas influências nos processos culturais, inclusive no que tange à tradição, à modernidade, à cultura popular e aos jogos tradicionais.

O terceiro capítulo, denominado “Espaços e tempos para os jogos tradicionais no contexto da colonização italiana no RS”, situa os espaços e tempos de vivência dos jogos tradicionais no município de São João do Polêsine a partir da colonização italiana, ou seja, a singularidade da dinâmica espaciotemporal dos jogos tradicionais anterior às Sociedades (nas residências das famílias, nos bolichos ou bodegas, nas canchas de corridas de cavalos), nas Sociedades e na atualidade, em diálogo com o contexto geral do sistema capitalista.

Por fim, o quarto capítulo, denominado “Os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais a partir das transformações de seus espaços e tempos” congrega os sentidos dos jogos tradicionais no período anterior à existência das Sociedades, durante a constituição e primeiras décadas dessas entidades, e, na atualidade, buscando elementos espaciotemporais que contribuiriam para as mudanças de sentidos dessas manifestações.

1 CAMINHO DA PESQUISA

Pesquisar é, antes de tudo, questionar. Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004) explicam que todo conhecimento científico é estimulado pela capacidade da razão negar ela mesma na busca de um novo conhecimento. A razão não é razoável, ela não se contenta com seus próprios achados, e isto impulsiona o fazer científico. Questionar significa que o pensamento científico não cessa nunca e é o elemento principal que move a pesquisa.

Entendemos a pesquisa como um processo criativo que se dá na própria prática. Mills (1975) caracteriza o ato de pesquisar como um trabalho artesanal, em que a vida do pesquisador e seu trabalho científico relacionam-se, cruzam-se, fazendo o pesquisar parte do viver, trabalho artesanal que se concretiza no próprio processo, no qual o pesquisador deve ter a sensibilidade para ampliar sua percepção, para buscar relações que deem conta de determinada realidade e para produzir sua própria maneira de investigar; e, dessa forma, construir sua “imaginação sociológica”. Não significa abandonar o caminho metodológico seguro, mas evitar normas de procedimentos rígidos que cegam o processo criador do pesquisador como artesão. O autor alerta para que se evite o “fetichismo do método e da técnica” (MILLS, 1975, p. 240).

Os passos metodológicos não são moldes estanques nos quais as perguntas da pesquisa se enquadram. Entendemos tais passos como maneira planejada e processo racional que surge dos objetivos que se quer atingir com o estudo. Não são os procedimentos metodológicos que se impõem ao problema da pesquisa, mas o problema da pesquisa que constrói seus procedimentos metodológicos (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2004).

Corroboramos com Gamboa (2007) quando argumenta que o método é um caminho de se chegar ao objeto, feito pelas próprias características desse. É preciso cuidado para que rigores metodológicos não descaracterizem o objeto de estudo.

Por isso entendemos que a pesquisa não se reduz a técnicas e à simples sistematização do conhecimento empírico. As relações epistemológicas do pesquisador e sua base teórica também constituem o fazer científico. Para que a pesquisa não se torne receita, restrita à aplicação de técnicas e instrumentos, é preciso ter o que Bourdieu, Chamboredon, Passeron (2004, p. 12) denominam de “vigilância epistemológica”, ou seja, ter sempre o olhar cuidadoso tanto com o nível técnico quanto com o teórico e metodológico e, principalmente,

com o epistemológico. Dessa maneira, reconhecemos a importância de esclarecer com que pressupostos epistemológicos, teóricos, metodológicos e técnicos percorremos a investigação.

Buscamos a compreensão da realidade em sua complexidade histórica e social, a partir da totalidade, mesmo sendo essa sempre mais complexa do que podemos observar e entender (KONDER, 1981). Evidenciamos que o caminho para compreender a totalidade do problema de pesquisa dá-se pela prática social, ou seja, pelo próprio pesquisar, que Kuenzer (1998) denomina de “dimensão praxica da produção”. Toda reflexão teórica deve estar articulada à inserção empírica. A pesquisa que procura explicar uma realidade somente a partir do movimento do pensamento produzirá explicações superficiais, genéricas e distantes da realidade. Essa é criada pela união dialética entre teoria e empiria, sujeito e objeto, necessária desde o início da investigação, na construção do problema, na análise e nas considerações. Entendemos que nenhuma prática científica dá-se de maneira desinteressada.

Consideramos que o movimento de apreensão da realidade em um primeiro momento é caótico. Para entendê-la, é preciso desmembrá-la em análises de conceitos mais simples, abstraí-la em partes, chegando até sua essência. A partir daí, começamos o caminho inverso, voltando à realidade que queremos entender, essa agora rica em relações complexas que conseguimos compreender pela abstração de suas várias determinações (KONDER, 1981).

Marx (1978, p. 116) situa a realidade concreta, enfatizando que

O concreto é concreto porque é síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida da intuição e da representação.

Esse movimento, que vai da realidade ou concreto caótico ao concreto pensado, não se dá de forma simples, pois precisamos de categorias que nos auxiliem nesse processo. Kuenzer (1998) explica que as categorias nos ajudam a organizar e selecionar a teoria do que é investigado a partir dos objetivos do estudo, sistematizando-o de maneira a dar rigor e importância científica. Elas também são o princípio organizador da coleta e análise dos dados.

De acordo com a autora, existem as categorias metodológicas e as de conteúdo. As categorias metodológicas correspondem às do método do materialismo histórico dialético, que permeiam todo o processo da pesquisa, sustentando os procedimentos e passos, tais como: a totalidade, a mediação, a contradição e a historicidade.

A categoria totalidade possibilitou-nos a construção da visão conjunta e a relação entre as partes que compõem o objeto de estudo, ou seja, a relação entre os sentidos que os jogos tradicionais assumiram no processo de transformação das Sociedades, com a colonização

italiana no RS e da consolidação do modo de produção capitalista como sistema hegemônico no Brasil e no mundo.

Não podemos pensar cada parte excluindo suas relações e sua unidade, tampouco pensarmos essa unidade sem suas contradições. Konder (1981) explica que a categoria mediação contribui para compreender tanto as contradições quanto a unidade das partes que formam a totalidade, num movimento que vai das partes para o todo e do todo para as partes.

A categoria metodológica da historicidade foi fundamental para entendermos que a realidade não se reduz a dados e datas com caráter a-histórico. Gamboa (2007) esclarece que a história e o tempo são processuais e o sujeito da pesquisa, ser histórico. Demo (2005), também ao falar das ciências sociais como questão histórica, afirma que a história é de um lado condicionada por elementos naturais e sociais dados e, de outro, pela capacidade humana de intervir nestas circunstâncias dadas. Assim, Marx (2003, p. 7) também entende que “os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

Consideramos que as transformações pelas quais as Sociedades passaram aconteceram pelas próprias condições materiais dadas, pelas condições que o modo de produção capitalista impôs e vem impondo; e que os jogos tradicionais vivenciados nestes espaços sofreram influência dessas transformações. Por outro lado, existem os sujeitos sociais que jogam e dão sentidos às suas manifestações, sujeitos às influências das condições objetivas dadas. Para conseguirmos entender estas relações, foi necessário pensamento dialético constante entre condições objetivas e subjetivas do problema.

Em relação às categorias de conteúdo, Kuenzer (1998) explica que essas são definidas a partir dos objetivos da pesquisa e dizem respeito aos aspectos particulares do objeto. Nossas categorias de conteúdo surgiram na medida em que a pesquisa avançou e a partir das inserções no campo, sendo elas: jogo tradicional; Sociedades; espaço e tempo; colonização italiana; sentidos atribuídos aos jogos tradicionais.

Para a consecução do estudo, realizamos pesquisa de campo e documental, lançando mão de entrevistas em profundidade. Para a interpretação dos dados, lançamos mão da análise de conteúdo, como explicitaremos a seguir.

1.1 A pesquisa de campo

Com a investigação de campo foi possível identificar relações, contradições, mediações e acontecimentos que permearam as Sociedades no RS, ampliando o pouco conhecimento produzido em tal temática. Além disso, contribuiu para o diálogo constante entre teoria e realidade.

Nossa escolha pela colonização italiana deve-se ao fato da mesma assumir grande destaque entre todo o fluxo imigratório que marcou o século XIX na região sul do Brasil e pela região central do Rio Grande do Sul ter sido palco do quarto núcleo da colonização italiana no Estado, repercutindo na configuração social, histórica, econômica e cultural da região na atualidade.

A pesquisa abarcou Sociedades do município de São João do Polêsine² (representado pela letra A na Figura 2), localizado na Região Central do RS, há 45 km de Santa Maria. Integra a Quarta Colônia de Imigração Italiana no Estado. Após a proclamação da República, em 1889, a região passou a fazer parte do 5º distrito de Cachoeira do Sul e, em 1959, do município de Faxinal do Soturno até início da década de 1990. Foi emancipado em 1992 e, segundo dados do censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conta com uma população de 2.635 habitantes. São João do Polêsine foi escolhido por expressar fortes marcas culturais da colonização italiana e pela proximidade com a Universidade Federal de Santa Maria (cerca de 40 km), viabilizando as viagens a campo. Além disso, o município já fez parte de pesquisas desenvolvidas pelo GPELF, o que facilitou o contato e articulações com os locais e sujeitos da pesquisa.

² São João do Polêsine é composto por sete distritos (sede, Vale Vêneto, Recanto Maestro, Vila Nova São Lucas, Vila Ceolim, Linha do Monte e Linha Bonfim).

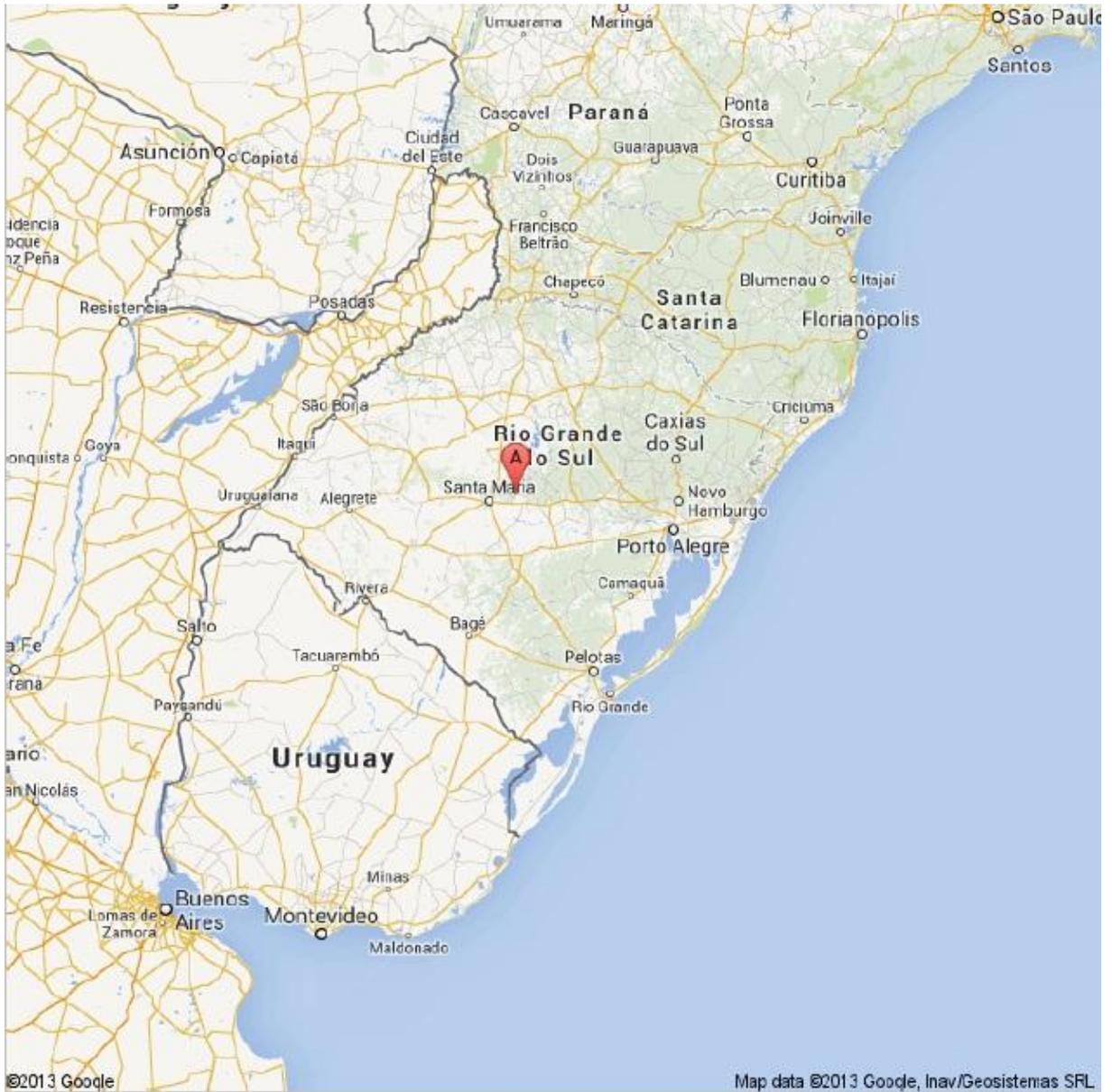


Figura 2 - Localização do município de São João do Polêsine

Fonte - Google Maps Brasil. Disponível em:

<https://maps.google.com.br/maps?q=s%C3%A3o+jo%C3%A3o+do+polesine&ie=UTF-8&ei=5V_qUrq8NIUkQeE9YCYBw&ved=0CAkQ_AUoAQ>. Acesso em: 28 dez. 2013

Nossos critérios de escolha das Sociedades foram:

- a) Os jogos tradicionais estarem presentes no rol de suas manifestações desde sua fundação até atualmente;
- b) Expressividade na região em que está localizada;
- c) Existir a longo período de tempo (mais de 40 anos).

A partir de nossas primeiras inserções em campo e dos dados disponibilizados pela Secretaria de Educação, Cultura, Desporto e Turismo de São João do Polêsine³, identificamos que existem apenas três Sociedades ativas no município atualmente: Sociedade Agrícola, Cultural e Esportiva Polesinense (SACE Polesinense), localizada na sede⁴; Sociedade Agrícola, Cultural e Esportiva Vale Vêneto (SACE Vale Vêneto) e Sociedade Caravel de Esporte, Recreação e Cultura (SCERC), localizadas no distrito de Vale Vêneto. Todas têm mais de 40 anos e contam com os jogos tradicionais dentre suas manifestações. Entretanto, não abarcamos as três Sociedades em face do decurso de tempo que tivemos para apresentarmos os desfechos de nossa investigação.

Assim, selecionamos a SACE Polesinense e a SACE Vale Vêneto por terem maior expressividade na região. Além disso, a saturação e qualidade de nossos dados não se deram a partir do número de Sociedades abarcadas, mas pelas relações, inferências e interpretações alcançadas com os dados coletados.

As idas a campo deram-se nos meses de novembro de 2012, fevereiro de 2013 e entre julho e outubro de 2013. Para as inserções nestes locais, contamos com auxílio de “mediadores”, pessoas do próprio município que mantêm contato próximo com as Sociedades e conhecem seus membros. A figura do mediador foi de extrema importância para as primeiras visitas a campo, pois possibilitou maior conhecimento e aproximação com os sujeitos.

As primeiras inserções se deram em Vale Vêneto. Buscávamos pistas e indicações de sujeitos a serem entrevistados e também informações sobre o atual presidente da SACE Vale Vêneto, afinal era preciso formalizar a pesquisa de campo. Chegamos em frente ao estabelecimento comercial do povoado e lá se encontrava, além do dono do estabelecimento, alguns compradores e um ex-secretário da SACE Vale Vêneto. Logo explicamos sobre o que se tratava a pesquisa e que buscávamos pessoas que pudessem contribuir com o estudo. Assim iniciou longa conversa entre nós, moradores e ex-secretário da SACE. Atentas, anotávamos cada pista que surgia nas falas.

De início, houve confusão. Eram tantos nomes distintos, mas sobrenomes poucos: *“Ah, isso os Piveta que sabem contar”*; *“logo de início, tu tem que entrevistar os Rorato”*; *“os Dotto sempre participaram, fala com eles”*. Todos na comunidade pareciam se conhecer. E assim prosseguiam: *“Este é o filho do fulano que é casado com a beltrana, que foi*

³ Esses dados foram disponibilizados via correio eletrônico.

⁴ Região urbanizada do município de São João do Polêsine.

secretária da SACE?”; “não, não. Este é o irmão daquele que são filhos gêmeos do ex-presidente da SACE”. Demoramos para nos situarmos entre os nomes e sobrenomes. Aos poucos conseguimos distinguir quem eram os filhos, pais, tios, maridos e mulheres, quem ainda não havia partido e quem já não estava mais entre nós, mas era citado, pois era o ciclano, pai de fulano que foi um dos membros fundadores da SACE Vale Vêneto.

Da mesma maneira aconteceu na SACE Polesinense. Identificamos, desde as primeiras inserções no campo, que as relações sociais ali estabelecidas traziam fortes traços dos laços familiares estreitos que estas comunidades conservam.

Também estabelecemos contato com os presidentes atuais de ambas as Sociedades, que prontamente se dispuseram em nos receber, mostrando-nos as dependências das sedes e os espaços destinados aos jogos tradicionais, indicando nomes de possíveis entrevistados, inclusive apresentando-nos para alguns, e confiando-nos todos os documentos disponíveis nas secretarias de cada SACE.

No decorrer da pesquisa, foram necessárias algumas inserções em outros espaços onde acontecem os jogos tradicionais atualmente, como por exemplo, nos bolichos ou bodegas existentes em São João do Polêsine, palco para jogos de bocha e baralho. Estes espaços fazem parte do resultado e são condição da configuração atual das Sociedades. Assim, ampliamos nossa compreensão de tais espaços e tempos.

1.2 Pesquisa documental

Segundo Cellard (2010), a pesquisa documental permite reconstruções que, por vezes, não estão ao alcance da memória dos sujeitos entrevistados, além de trazer a percepção histórica do fenômeno estudado. Para o autor, tudo que é vestígio do passado, tudo que serve de testemunho é considerado documento ou fonte. Podem ser textos, filmes, objetos, fotos, entre outros.

O autor também alerta para algumas dimensões dos documentos que devem ser analisadas, visando o melhor entendimento e classificação dos mesmos, quais sejam: contexto em que o documento foi produzido; quem são os seus autores; confiabilidade e natureza do texto; e sentido dos conceitos e palavras utilizadas nele.

Dentre os armários e gavetas das secretarias das SACEs, encontramos as fontes documentais. Estavam lá registros, atas, alvarás de funcionamento, estatutos e correspondências trocadas entre as Sociedades e outras entidades. O primeiro passo foi entender a lógica de organização (cronológica, por assunto, por tipo de documento, etc.) para que pudéssemos encontrar os materiais de interesse ao estudo. Após esse discernimento, iniciamos a busca.

Para a retirada dos documentos das secretarias de ambas as SACEs, seria necessário a autorização em reunião da diretoria da entidade, o que poderia levar semanas ou alguns meses para acontecer. Assim, optamos em fazer consulta e busca nas próprias secretarias durante as duas primeiras semanas do mês de julho de 2013. Todos os documentos submetidos à análise foram fotografados e, posteriormente, impressos.

Em virtude da diversidade de documentos arquivados, priorizamos estes que seguem abaixo:

- a) Ata de fundação – registra o ano de fundação de Sociedade, nome de seus fundadores, e outras questões referentes à fundação;
- b) Livros de Atas: constam registradas todas as reuniões e assembleias feitas desde o ano de fundação da Sociedade até a atualidade. No total, analisamos onze livros de Atas: seis pertencentes à SACE Vale Vêneto e cinco à SACE Polesinense;
- c) Estatutos (desde o primeiro até o atual) – são constituídos por um conjunto de normas que regulam as relações entre os membros e a Sociedade. Capítulos que podem estar presentes nesse tipo de documento: da organização; das finalidades; dos deveres; do patrimônio; da dissolução; dos sócios (categorias, direitos, deveres, exclusão); das penalidades; da joia e mensalidade; da frequência; da diretoria; da eleição; da assembleia geral; dos regimentos internos; das disposições gerais; entre outros. Identificamos uma edição dos Estatutos na SACE Vale Vêneto e duas edições na SACE Polesinense;
- d) Correspondências trocadas entre as SACEs e as entidades ou órgãos dos governos municipal, estadual e federal.

Para a coleta das informações junto a cada documento, consideramos os seguintes pontos:

- a) tipo de documento (ata, estatuto, etc.);
- b) nome do documento, ano, autor(es);

- c) assunto principal;
- d) registros que assinalam a constituição da Sociedade, em especial os objetivos;
- e) registros que assinalam transformações por que passaram no processo histórico;
- f) registros que assinalam a configuração atual de Sociedades;
- g) registros relacionados aos jogos tradicionais;
- h) registros que assinalam os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais;
- i) outras informações relevantes.

As tardes transcorridas nas secretarias das SACEs, em companhia de correspondências, fotografias, atas e registros que guardam a memória de cada reunião, discussões e decisões, dificuldades enfrentadas e datas de acontecimentos importantes, foram fundamentais para que nos situássemos na história de cada Sociedade pesquisada. As leituras de todas as atas, desde o período de fundação até a atualidade, transportaram-nos para diferentes espaços e tempos que se transformaram dando a configuração atual dessas entidades. Nos meses que se seguiram, estes dados tomaram forma e vida nas falas dos sujeitos entrevistados.

1.3 Entrevistas em profundidade

Com base em Duarte (2006), a entrevista em profundidade busca explorar, compreender e aprofundar um tema a partir de informações, percepções e conhecimentos dos sujeitos da pesquisa, podendo ser realizada em um ou vários encontros.

A partir do olhar de Thompson (1992) e Bosi (2003), entendemos a entrevista não como conversa, mas como relato do entrevistado em que é preciso a atenção e a sensibilidade do pesquisador para interpretar cada detalhe, desde a maneira como o sujeito rememora os fatos até o modo como fala, seus silêncios e o que coloca em destaque. Para Bosi (2003, p. 20), “a fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa”.

Ao entrevistador atento e sensível, esse instrumento permite entender a realidade sob diferentes percepções e pontos de vista, tornando mais rico o contexto social e evitando simplificações. A entrevista também amplia as informações dos documentos, pois capta a

atmosfera de conflitos, acordos e debates que atas e estatutos não detêm; e dão a oportunidade de compreender a história do que está sendo estudado considerando as pessoas que a vivenciaram (THOMPSON, 1992; BOSI, 2003).

Ao atentarmos para o caráter histórico no processo da entrevista, despertamos as memórias dos sujeitos, que para Bosi (2003, p. 18) têm um sentido individual e coletivo para os quais o pesquisador deve estar atento. A autora explica que todo relato oral traz consigo um sentido e uma memória coletiva para determinado fato e que eles influenciam na ideia individual de cada pessoa. “Há portanto uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias, e valores que dão identidade àquela classe”. Estivemos, portanto, atentas às amarras entre sentido individual e coletivo.

Os entrevistados foram sujeitos envolvidos com as Sociedades e jogos tradicionais e que vivenciaram os sentidos que estes assumiram no processo histórico. Adotamos os seguintes critérios de seleção:

- a) ser membro de longa data (mais de 25 anos) da Sociedade em foco e/ou;
- b) jogar algum jogo tradicional desde sua admissão como membro da Sociedade e/ou;
- c) ter sido membro fundador da Sociedade ou ser atual presidente, mesmo não sendo jogador e;
- d) ter o interesse e a disponibilidade de tempo para contribuir com a pesquisa.

Ao todo foram doze sujeitos entrevistados (nove homens e três mulheres), com idade entre 48 e 93 anos. Dentre eles, seis eram jogadores, quatro eram jogadores e membros fundadores, um era apenas membro fundador e um era atual presidente de uma das Sociedades.

Para que o sigilo de privacidade fosse mantido, substituímos seus nomes originais por nomes fictícios, que seguem abaixo:

- Acácia - 68 anos, jogadora de baralho;
- Antônio - 66 anos, jogador de bocha;
- Emilio - 91 anos, jogador de baralho;
- Hortência - 69 anos, jogadora de baralho;
- Pietro - 72 anos, jogador de bocha e baralho;
- Rosa - 93 anos, jogadora de baralho;
- Benito - 73 anos, jogador de bocha e baralho e membro fundador;

Giovani - 80 anos, jogador de bocha e baralho e membro fundador;

Isidoro - 81 anos, jogador de bocha e membro fundador;

Renato - 70 anos, jogador bocha e membro fundador;

Francesco - 70 anos, membro fundador;

Firmino - 48 anos, atual presidente de uma das Sociedades.

As entrevistas foram mediadas por um roteiro (Anexo A) flexível⁵, contendo questões norteadoras que foram aprofundadas no decorrer dos relatos, permitindo incorporar elementos importantes para a pesquisa.

Organizamos o roteiro em blocos para melhor visualização dos objetivos e para facilitar nossa localização e do entrevistado no tempo e no espaço. Assim, foram dispostos os blocos:

- a) Informações gerais sobre a entrevista (local, data, horário, etc.) e informações gerais do sujeito entrevistado (nome completo, idade, profissão, etc.);
- b) Perguntas relacionadas ao tempo e espaço, jogo tradicional, sentidos atribuídos aos jogos tradicionais (antes de haver Sociedade);
- c) Perguntas relacionadas ao tempo e espaço, jogo tradicional, sentidos atribuídos aos jogos tradicionais (surgimento e primeiro período da Sociedade);
- d) Perguntas relacionadas ao tempo e espaço, jogo tradicional, sentidos atribuídos aos jogos tradicionais (Sociedade na atualidade).

Como forma de aprimorar o roteiro, efetuamos uma entrevista piloto, possibilitando revisar as questões, acrescentar o que não foi contemplado e visualizar o conjunto do instrumento.

Realizamos as entrevistas entre os meses de julho e outubro de 2013. Os primeiros contatos com os sujeitos e os agendamentos foram feitos a partir dos mediadores ou mediante telefonema.

Informamos aos sujeitos sobre os objetivos da pesquisa, a maneira como a entrevista transcorreria, sobre a viabilidade de ser gravada, assegurando o sigilo de identificação com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Esse documento informa, de

⁵ As questões contidas no roteiro de entrevista tiveram a função de orientar o pesquisador sobre os pontos que deveriam ser esclarecidos na medida em que o entrevistado dava seu relato. Portanto, muitas foram respondidas no decorrer da fala, sem precisarem ser perguntadas e também sem, necessariamente, seguirem a ordem como consta no roteiro.

maneira clara e em linguagem acessível aos sujeitos, os aspectos gerais da pesquisa, como objetivos, métodos, benefícios previstos, possíveis riscos e incômodos que essa possa acarretar, a garantia do sigilo da privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, autorizando a participação voluntária no estudo.

Todos foram muito receptivos e dispostos em auxiliar com a pesquisa. Receberam-nos em suas residências e, entre um café e outro, ao sabor dos biscoitos caseiros ou até mesmo dos torresmos fresquinhos feitos na hora, relatavam o que sabiam.

Após a realização das entrevistas, transcrevemo-las e retornamos às residências dos sujeitos com uma cópia da mesma junto com carta de agradecimento (ANEXO C). Então, as entrevistas foram submetidas à análise.

1.4 Análise de conteúdo

Para Bardin (1990), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Tudo o que é dito ou escrito pode ser submetido à análise. Para a autora, este trato com os dados coletados torna-se importante, pois evita as análises espontâneas, vai contra a evidência da análise subjetiva e tenta compreender para além dos significados imediatos da mensagem.

Segundo Bardin (1990) e Franco (2005), o que esse tipo de análise pretende não é apenas a descrição do conteúdo, mas a interpretação do que não está explícito na mensagem, seja ela entrevista, documento, dentre outros. As autoras salientam que não existe fórmula, apenas algumas regras que devem ser sempre readaptadas ao contexto da própria investigação. Assim, como todo o processo da pesquisa, a análise de conteúdo se faz na própria prática.

Bardin (1990) traz três momentos dessa técnica:

O primeiro momento é caracterizado como a pré-análise. É quando fazemos a leitura flutuante sobre o material, a fim de formularmos nossas primeiras impressões e orientações. É também o momento das transcrições das entrevistas.

O segundo momento diz respeito à exploração do material, à leitura mais atenta para ver como ele pode ser codificado e agrupado em categorias. A codificação é a transformação dos dados brutos do texto, permitindo atingir uma representação do conteúdo. É o recorte de

todo o material em unidades de registro, em partes que podem ser a palavra, o tema, o acontecimento, o personagem, dentre outros. Após o recorte de todos os dados em unidades de registro, há o agrupamento dessas unidades em razão de suas características em comum, dando origem às categorias. Bardin (1990) afirma que a categorização é importante porque fornece representação conjunta dos dados brutos, que se fossem analisados individualmente não teriam tanta expressividade.

O terceiro momento é propriamente o tratamento dos resultados obtidos, com as inferências e interpretações, a partir de deduções lógicas que os processos anteriores dão suporte.

A partir de Franco (2005), entendemos que todo processo de análise deve estar atento também ao momento histórico em que os dados foram produzidos. Além disso, a autora salienta que o produtor da mensagem é também produto das condições materiais onde vive e está condicionado pelos interesses de sua época e classe a que pertence.

Em nossa análise, optamos em recortar cada material em unidades de registros temáticas, ou seja, em uma ou várias afirmações acerca de um assunto. Posteriormente, cada unidade de registro foi classificada em um conjunto a partir de suas características comuns, originando as categorias Jogo Tradicional; Tempo e Espaço; Sociedade; Sentidos atribuídos aos Jogos Tradicionais. Estas, por sua vez, foram subdivididas em: período que antecede a existência das Sociedades; surgimento e primeiras décadas das Sociedades; e, Sociedades na atualidade, como explicita a Figura 3 abaixo.

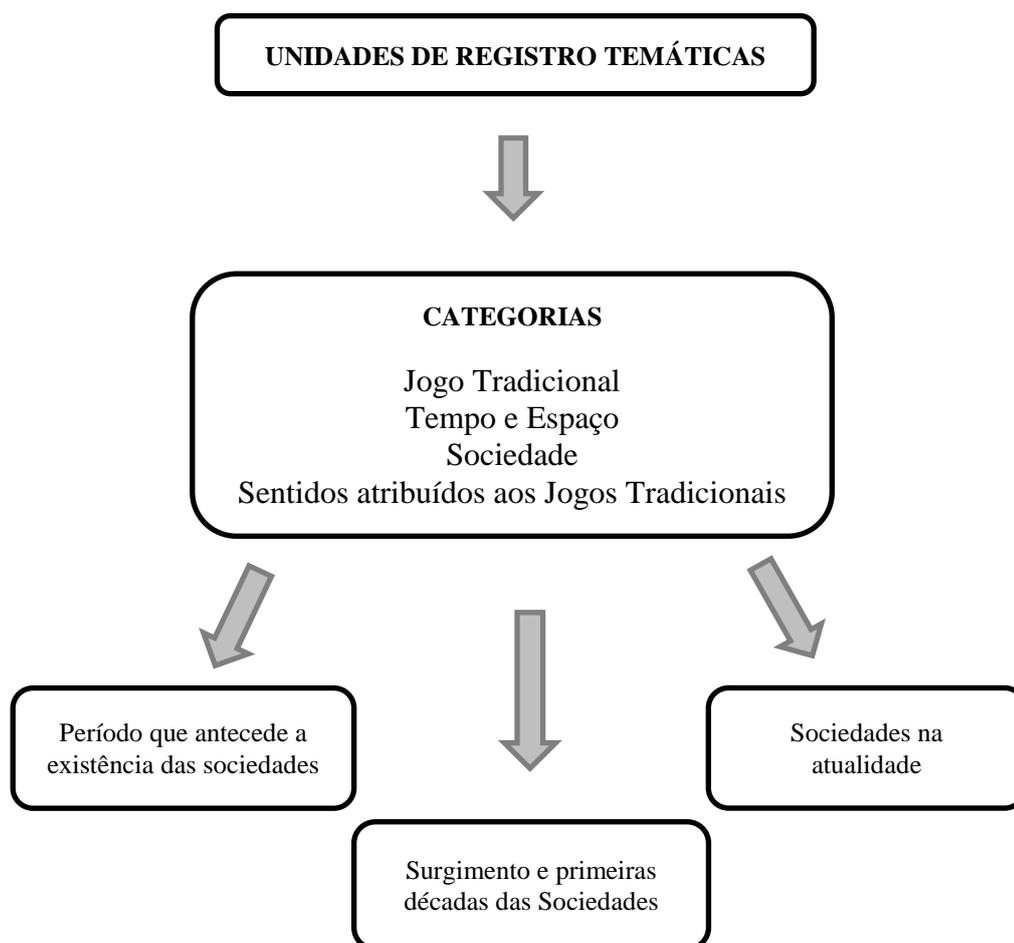


Figura 3 - Processo de categorização

2 JOGO TRADICIONAL COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL: CONFIGURAÇÃO HISTÓRICA E ATUAL

Para entendermos a configuração histórica e atual dos jogos tradicionais, identificamos a necessidade de aprofundar conhecimentos sobre temas como as mudanças de espaços e tempos na sociedade capitalista; tradição e modernidade; cultura e cultura popular.. Buscamos sustentação em autores como Harvey (2002), Thompson (1998), Bosi (1987), Coutinho (2005), Leontiev (1978), Bakhtin (2002) e Chauí (1996).

A discussão sobre jogo tradicional sustenta-se em autores como Marin e Ribas (2013), Marin *et al* (2012), Lavega Burgués (2000; 2006), Lavega Burgués *et al* (2012), Parlebas (2001; 2004), Bruhns (1996), entre outros.

2.1 O tempo e o espaço na sociedade capitalista

Harvey (2002) explica que os sentidos de tempo e de espaço não podem ser atribuídos objetivamente sem levarmos em conta os processos materiais que dão origem a estas categorias, ou seja, sem levarmos em consideração os processos de produção e reprodução da vida social. É nesse sentido que cada modo de produção traz consigo uma concepção de tempo e de espaço.

No modo de produção capitalista, vemos uma apropriação privada do espaço, como terras, fábricas, máquinas, meios de produção. Essa situação leva os trabalhadores, que não detêm estes meios, a venderem sua própria força de trabalho em troca de um valor em dinheiro. Esse valor é medido, dentre outros elementos, pelo tempo de trabalho despendido para a produção de um produto. Ou seja, o tempo passa a valer dinheiro. É a partir do entendimento de que, no modo de produção capitalista, dinheiro não tem sentido independente do tempo e do espaço, que Harvey (2002) afirma existir sempre a possibilidade de alterar os modos de uso e a definição de tempo e de espaço para buscar mais lucro e que, para alterá-los, o domínio sobre os mesmos é imprescindível.

Se, nos modos de produção anteriores à ascensão do capitalismo, o tempo estava relacionado com as tarefas surgidas de necessidades reais para a vida das pessoas, nos

primórdios do capitalismo essa relação é modificada. Thompson (1998, p. 272) explica que quando existe a venda e a compra de mão-de-obra, o empregador quer utilizar o máximo de tempo pela mão-de-obra que está pagando, não existindo o respeito pelo ritmo de trabalho do trabalhador, tampouco pela própria concepção de tempo e de espaço desse. Portanto, tempo também passa a ser apropriado de maneira privada. Aqui o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo que é reduzido em dinheiro. “O tempo agora é dinheiro: ninguém passa o tempo, e sim gasta.” Existe a separação entre trabalho e vida, entre tempo da natureza e tempo do relógio.

No decorrer de sua análise, Thompson (1998) traz vários elementos que influenciaram na implantação de uma nova disciplina de tempo e de novos hábitos para os trabalhadores no século XVIII e, dentre eles, destacam-se: a divisão do trabalho; a supervisão do tempo por pessoas encarregadas em cuidar o horário de entrada e saída dos trabalhadores nas fábricas; multas por atrasos; incentivos em dinheiros aos trabalhadores pontuais; pregação, pela religião, de uma moral de trabalho em troca da salvação; ensino disciplinado em escolas; tentativas de suprimir feiras, festas, encontros e manifestações da classe trabalhadora; entre outros elementos.

Não eram apenas novos hábitos e concepções de tempo e espaço que surgiam. As mudanças das experiências espaciais e temporais influenciaram e foram influenciadas pelas mudanças das relações sociais que estavam ocorrendo. Eram parte do processo de consolidação do modo de produção capitalista como hegemônico, novas concepções de mundo, de ser humano, de ciência, de tempo e espaço, advindas de movimentos ocorridos ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, como o Renascimento, o Iluminismo, a Revolução Burguesa, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, culminando com o que Ianni (1989) denomina de Mundo Moderno. Para Harvey (2002), os conhecimentos produzidos no Renascimento, transformados em científicos no Iluminismo, como o saber geográfico cada vez mais preciso, ajudaram na determinação da propriedade de terras, fronteiras políticas, tornando possível a racionalização da distribuição da população, dos modos de vida e dos sistemas políticos na superfície terrestre.

Existe também nesse processo, conforme Ianni (1989), a transformação de uma população feudal em uma população civil, juntamente com a industrialização e urbanização. Uma nova concepção de ser humano surge: “cidadão autônomo e livre”. A religião parecia não conseguir mais responder aos questionamentos da sociedade que se transformava. A razão passa a explicar e ordenar o mundo, que é desencantado da superstição, pela ciência. Ciência

essa interessada não no progresso de todos, apenas de parte da população, servindo à ordem social que se estabelecia. Assim, o ser humano parecia ter controlado as rédeas de seus atos e de seu futuro. Era o devir que interessava. Esse progresso reduziu os espaços não só da religião e superstição, mas da tradição. Havia tamanha certeza e dominação do presente e dos rumos do futuro, que o passado não interessava mais. Esse abandono do passado significa também o abandono das formas antigas de conceber o tempo e o espaço.

O progresso, almejado pela sociedade capitalista que surgia, dizia respeito, principalmente, ao progresso econômico e financeiro da classe burguesa. Dessa maneira, a busca por maiores lucros era imprescindível, sendo o domínio do espaço e do tempo indispensável para tal.

Harvey (2002) esclarece que o tempo de giro do capital (tempo de produção + tempo de circulação da troca) é fundamental para a obtenção de lucro. Quanto menor o tempo de giro, maior é o lucro. Isso faz com que, em toda a história do capitalismo, as modificações ocorridas na organização espacial sejam para diminuir o tempo de giro do capital, na busca de lucro sempre maior. Ocorre o que o autor denomina de “compressão do tempo-espaço”, com a quebra de barreiras espaciais por meio de inovações tecnológicas na comunicação, nos transportes e nas novas formas corporativas de organização, distribuição e reorganização no nível de produção.

Nos períodos de crise, causados pela superacumulação, a “compressão do tempo-espaço” acontece com maior intensidade. É o que ocorre com a crise do modo de produção fordista e a transição para o toyotismo e formas de acumulação flexível. Há aceleração ainda maior do tempo de giro do capital pela produção em pequenas escalas e a aceleração da troca e do consumo com produtos não duráveis, fazendo com que a circulação também acelere. A venda de serviços aumenta, já que o giro de bens físicos é mais lento. O mercado de imagens torna-se um bom negócio, pois a venda e consumo das mesmas são praticamente instantâneos. Estas mudanças refletem também no trabalho, pois os trabalhadores devem adquirir novas habilidades, serem polivalentes, adaptando-se à estruturação dos processos produtivos (HARVEY, 2002).

Não são somente os processos econômicos que aceleram, a própria vida social é acelerada. Não só os produtos são descartáveis, mas os valores, estilos de vida e relacionamentos mudam constantemente. Toda esta volatilidade imposta pelos modos de acumulação flexível torna impossível o planejamento ao longo prazo e o sentido de continuidade.

Desde a primeira crise de superacumulação do capital que reajusta o sentido de tempo e espaço na vida econômica, política e cultural, começa-se a questionar o projeto de sociedade que o Mundo Moderno trouxe. A mudança constante do espaço gera insegurança em relação ao futuro. O projeto da modernidade que prometia resolver todos os problemas materiais e espirituais do ser humano, a partir do controle sobre o futuro pela ciência⁶, começa a ser questionado diante do sentimento de instabilidade num mundo de insegurança e com os horizontes espaciais em rápida expansão. É sob esse olhar, que Harvey (2002) situa a condição em que vivemos hoje, mas situa-a em seu contexto histórico onde ela é parte de mais uma rodada da “compressão do tempo-espaço” gerada pelas pressões da acumulação do capital.

Todas estas mudanças não ocorreram sem a resistência da classe trabalhadora e a mercê da luta de classe, já que não foram quaisquer mudanças que ocorreram, mas transformações que têm como alvo a exploração do trabalho humano. Toda concepção de tempo e espaço está revestida de contradições que existem na sociedade da qual faz parte. As práticas temporais e espaciais nunca são neutras e não mudam isoladamente (HARVEY, 2002). Juntamente com elas, sendo reflexo e modificando-as, existe a transição na cultura, que aceita e resiste à mudança econômica, “pois não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de uma cultura” (THOMPSON, 1998, p. 304).

2.2 Tradição e modernidade, continuidade e descontinuidade

A ruptura com o passado, que acompanha a modernidade, faz parecer que todas as tradições culturais entram em declínio, juntamente com a superstição, os mitos e outras crenças antigas. Por um lado, existia realmente uma pressão para que a cultura fosse mudada a partir de valores, normas e até leis vindas da classe burguesa. Por outro lado, é possível identificar resistência às mudanças (THOMPSON, 1998).

⁶ É importante destacar que não estamos negando o conhecimento científico racional como conhecimento necessário para a superação da sociedade capitalista. O que enfatizamos é que grande parte do conhecimento científico tal como é desenvolvido na Modernidade não vem para superar a sociedade dividida em classes e para a emancipação humana. Ao contrário, vem servindo aos interesses da classe dominante. Além disso, e também por isso, o acesso ao conhecimento científico racional acontece de maneira desigual entre classe dominante e classe trabalhadora.

Bosi (1987) trata a tradição como a própria cultura que é trabalhada e vivenciada de maneira cíclica, mantendo-se por longo tempo. Percebemos por meio desse autor que a tradição tem relação direta com a temporalidade e também com a memória, dependendo principalmente da transmissão oral para afirmar-se entre gerações.

Vários autores (BORNHEIM, 1987; BOSI, 1987; COUTINHO, 2005; MEDEIROS, 2007) afirmam que a maneira como essa transmissão ocorre é que permite a tradição se manter. Quando se “transmite” algo, a apropriação de quem “recebe” nunca é passiva, existe sempre a reinterpretação a partir das condições materiais e relações sociais existentes. Entendemos esse processo como apropriação e produção da tradição. Embora algumas características modifiquem-se e haja a negação de formas antigas, há também a conservação de seus principais elementos, ou seja, há sempre uma síntese.

Coutinho (2005, p. 2), exprime a ideia da tradição tanto como “processo” quanto como “acervo”, em que toda a “transmissão” de tradições passa por um processo criador do ser humano. Se uma tradição é “objetivação”, “seleção”, “valorização”, “interpretação” e “afirmação” do acervo cultural legado pelo passado, ela é sempre ressignificada. A tradição é objetivação que é reinterpretada passando pela subjetividade, que é também influenciada pelas objetivações da época. Dessa maneira, a tradição é sempre “práxis criadora”.

Thompson (1998) alerta que, antigamente, as mudanças que a tradição precisava para manter-se aconteciam lentamente, não havendo rupturas que a modificasse substancialmente. Ao analisar os traços característicos da cultura plebeia no século XVIII, o autor percebe que o aprendizado de habilidades para o trabalho acontecia com a transmissão de geração para geração. Quando as habilidades eram transmitidas, estavam também sendo transmitidas experiências sociais e sabedorias da comunidade. Mesmo que a vida social estivesse modificando-se rapidamente, estas mudanças ainda não tinham atingido o nível de fazer com que a geração seguinte fosse extremamente diferente da anterior. Um dos fatores, citado pelo autor, para esse processo, é a de que a educação formal ainda não tinha substituído completamente a educação familiar.

A lógica totalizante e racional de tempo e de espaço trazidos pela modernidade provocou grande impacto na tradição, gerando o desarraigamento de práticas, valores e concepções que constituíam o passado. Thompson (1998, p. 22) argumenta que a “destruição da autoridade das expectativas baseadas nos costumes” e a posição que se tinha de aprendizagem entre as gerações são o que estabelece distinção entre o tradicional e o mundo moderno.

A volatilidade e a efemeridade advindas com a ascensão da modernidade e o modo de produção capitalista, e que se intensificam com o modo de acumulação flexível, trazem, em seu bojo, o sentimento de insegurança e a necessidade de criação ou recriação do sentido de continuidade histórica e o vínculo com o passado que antes a tradição proporcionava com maior intensidade. Para Harvey (2002), quanto maior a efemeridade, maior a necessidade de descobrir ou produzir algum tipo de verdade eterna em que possa se apoiar e viver. Podemos perceber essa tentativa de retorno ao passado, no interesse das instituições básicas, como a família e a comunidade, em criar raízes, maior segurança e valores duradouros em um mundo em constantes mutações.

Esse retorno não acontece de forma natural. Pensar que muitas tradições simplesmente voltam a fazer parte da vida social sem modificações é uma maneira ingênua de pensar o retorno ao passado. Existe um processo conciliador entre tradição e modernidade que, segundo Hobsbawm (1997), pode levar à distorção da primeira, imbuindo-a de valores da classe dominante e de propósitos bem diferentes dos quais ela antes era associada.

Todo esse movimento promove uma espécie de sentido social de identidade pessoal e comunitária e lealdade a lugares. Ao mesmo tempo em que a modernidade impulsiona o universalismo, a tradição tende ao particularismo. Muitas vezes, particularismo e universalismo caminham juntos, entrecruzam-se. O universal tem diálogo constante com o local. Harvey (2002) chama a atenção para todas as alteridades e resistências regionais estudadas e defendidas pelos pós-modernos, que sem fazer relação com o universal, só fazem sentido no ambiente particular. Mas se analisar seus aspectos gerais, percebe-se que eles andam juntos com o sentido de tempo e espaço históricos do capitalismo. Devemos estar atentos a todos estes desdobramentos que a tradição e a modernidade carregam consigo.

2.3 O tradicional e o popular: jogo tradicional e jogo popular

O período histórico de ascensão da modernidade e firmamento do sistema capitalista como sistema hegemônico foi palco de resistências. Falaremos em particular da resistência cultural, entendendo essa como parte da totalidade da resistência da classe trabalhadora frente à classe dominante. A mesma cultura que não conseguiu manter muitas de suas tradições em

face da modernidade é a que, também por meio da tradição, resiste às mudanças e às concepções de mundo, de ser humano, de tempo e de espaço que estavam sendo impostas.⁷

O entendimento de cultura sempre foi complexo para os estudiosos que tentaram conceituá-la. Além de seu próprio conceito, a palavra cultura recebe adjetivações, como cultura popular, cultura erudita, cultura dominante, cultura de massa, dentre outras, tornando o entendimento daquela encharcado de relações existentes na sociedade da qual faz parte. Alguns pesquisadores tentam desvendar as contradições e lutas existentes na realidade e, portanto, na cultura. Outros tentam mascarar as contradições e o próprio conceito de classe, que, se analisarmos em sua essência, estará presente na análise da sociedade capitalista.

No sentido de tentar identificar, a partir de estudos antropológicos de diferentes povos, Laraia (1992) apresenta alguns conceitos atribuídos à cultura, percebendo que estes passaram por modificações no decorrer da História. O autor entende a cultura como o elemento central da vida humana, que distanciou o ser humano do animal. O primeiro fez seu próprio processo evolutivo sem se submeter a profundas mudanças biológicas, ele modifica a natureza para sua sobrevivência.

Porém, esse autor não explica como o ser humano consegue modificar a natureza, produzir sua existência e sua cultura. Nesse ponto, compreendemos que a centralidade da vida humana reside no trabalho, a partir do trabalho, produz-se a cultura. Entendemos, assim como Leontiev (1978), que a hominização é resultado de um processo de organização de uma sociedade tendo como base o trabalho. O marco inicial do desenvolvimento do ser humano e diferenciação dos outros animais é quando ele passa a transformar a natureza, a partir do trabalho. Ele não é mais submetido totalmente a leis biológicas, mas a leis sócio-históricas que ele mesmo constrói na medida em que produz e reproduz sua existência.

Se não são mais as leis biológicas as quais o ser humano submete-se, também não é a transmissão biológica hereditária que determina a continuidade da sociedade humana. Toda a transformação e o conhecimento até então alcançados devem ser apropriados pelas gerações seguintes. Leontiev (1978) explica que essa apropriação dá-se de maneira que só aparece com a sociedade humana: com os fenômenos da cultura material e imaterial.

Todos os conhecimentos produzidos cristalizam-se nos próprios produtos gerados a partir do trabalho. Não somente nos produtos materiais, mas nos imateriais, como no

⁷ Entendemos que a tradição não está, necessariamente, relacionada à cultura popular, pois existem manifestações tradicionais pertencentes à cultura dominante, como as tradições da corte francesa ou jogos como *croquet* (constitui em golpear bolas de madeira através de arcos encaixados no campo de jogo) comum entre a aristocracia inglesa. Entretanto, a resistência da qual falamos nesse momento é referente à da tradição da cultura popular.

pensamento, na arte, nas formas de expressão, nas celebrações, nas danças, na música, e, destacamos aqui, nos jogos tradicionais. Todos nascemos dentro de um mundo de objetos já produzidos pelas gerações passadas, que estão incorporados de conhecimentos produzidos, de sentidos e significados atribuídos a eles.

Nossa compreensão de sentido e significado advém dos estudos de VIGOTSKI (2009) acerca da construção do pensamento e da linguagem, que distingue estes dois termos. O significado é um conceito ou generalização produzido no processo histórico da humanidade e no interior de uma cultura, assumindo dinamicidade a partir do contexto e das relações sociais estabelecidas. Essa dinamicidade do significado dá origem aos sentidos. O significado é mais estático, diz respeito a um conceito generalizado. Já o sentido é instável, dinâmico. Vigotski (2009, p. 465) faz essa análise a partir da construção dos sentidos e significados das palavras:

[...] Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos. Foi essa mudança de sentido que conseguimos estabelecer como fato fundamental na semântica da linguagem. O sentido real de uma palavra é inconstante. Em uma operação ela aparece com um sentido, em outra, adquire outro. [...] Tomada isoladamente no léxico, a palavra tem apenas um significado. Mas este não é mais que uma potência que se realiza no discurso vivo, no qual o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido.

Duarte (1999) afirma que as ações humanas têm significado, mas assumem sentido no interior de uma atividade, ou seja, no interior da produção das condições para satisfazer suas necessidades. O autor traz o exemplo da ação de acender o fogo, que pode assumir diferentes sentidos, como por exemplo, manter o ambiente aquecido ou cozer um alimento, dependendo do motivo que se dá à essa ação. O significado encerra-se nas próprias operações utilizadas nessa ação, dirigidas conscientemente pelo objetivo de ter o fogo aceso. Já o sentido dela é dado na relação com o motivo da atividade como um todo, que é o de saciar a fome de um grupo de pessoas ou o de manter o ambiente aquecido.

O autor explica que o significado de uma ação é o conteúdo dela em específico. É aquilo que o sujeito faz, é a resposta à pergunta ao que o indivíduo está fazendo. Já o sentido é o que liga, na consciência do sujeito, o conteúdo da sua ação ao motivo dela. Essa ligação é efetuada pelas relações sociais, o contexto e a cultura em que se produz a ação. Além disso, os aspectos afetivo-emocionais são dependentes do sentido da ação, que pode vir acompanhada de diferentes emoções e sentimentos dependendo do sentido que se dá a ela.

Dessa maneira, compreendemos que as manifestações culturais, como os jogos tradicionais, têm significados atrelados às suas próprias ações e às generalizações e conceitos

produzidos historicamente pela humanidade e que estudiosos dedicaram-se em entender e caracterizar. Estes significados ganham diferentes sentidos pela dinamicidade que assumem nas relações sociais produzidas e nos contextos de sua reprodução.

Para Leontiev (1978), já nascemos em um mundo dotado de fenômenos culturais produzidos pelos seres humanos. Todavia, somente nascer e entrar em contato com objetos ou fenômenos culturais é insuficiente para que haja a apropriação dos mesmos. Ninguém aprende sozinho. As relações com o mundo sempre têm o intermédio da relação entre os seres humanos, pela comunicação, seja ela verbal, corporal ou outra. A comunicação é necessária para o desenvolvimento na sociedade. Existe, então, a apropriação do mundo por um processo chamado educação. Essa educação dá-se, muitas vezes, pelo trabalho, participando no trabalho, na produção e nas diversas formas da atividade social, mediado pela comunicação. Portanto, o desenvolvimento sócio-histórico da humanidade nas gerações seguintes é possível com a apropriação pela educação das aquisições da cultura humana (LEONTIEV, 1978).

Podemos identificar a tradição, como elemento da cultura, já que diz respeito a uma produção humana que passa de geração para geração, carregando consigo conhecimentos, sentidos e significados atribuídos pelas gerações anteriores.

Todas estas aquisições construídas historicamente passam a ser apropriadas de maneira desigual pelos seres humanos. A divisão social do trabalho, a apropriação privada dos meios de produção e as formas de propriedade privada transformam o produto do trabalho em um objeto destinado à troca, e, assim, em mercadoria, independente de quem o criou. Com isso, a cultura também se transforma em algo alheio ao seu criador, passível de ser apropriada privadamente (LEONTIEV, 1978).

A concentração de riquezas em uma classe concentra também uma cultura intelectual nela. Esse processo, além de afastar a classe trabalhadora da cultura intelectual, divide a cultura em duas categorias: a cultura intelectual dominante, progressista, que visa desenvolvimento e progresso da humanidade e rompe com o passado; e a cultura popular⁸, que é obstáculo para o progresso e mantém suas tradições (LEONTIEV, 1978).

Nessa mesma direção, Chauí (1996, p. 14) explica que:

Em sentido amplo, Cultura é o campo simbólico e material das atividades humanas, estudadas pela etnografia, etnologia e antropologia, além da filosofia. Em sentido

⁸ Quando nos referirmos às palavras “popular” ou “povo”, não estamos generalizando ou atribuindo uma perspectiva consensual da cultura, sem que esteja entrelaçada com a perspectiva de classe. Entendemos, assim como Chauí (1996), que a perspectiva do materialismo histórico dialético não trabalha como conceito central o de povo-popular, mas com o de luta de classe. Desse modo, compreendemos o povo sob o ponto de vista dos explorados, dominados e excluídos.

restrito, isto é, articulada à divisão social do trabalho, tende a identificar-se com a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos, com privilégios de classe, e leva à distinção entre cultos e incultos de onde partirá a diferença entre cultura letrada-erudita e cultura popular.

Destacamos que essa divisão da cultura não é exclusiva da modernidade e da sociedade capitalista. Bakhtin (2002) apresenta elementos da Idade Média, em que a sociedade feudal também dividia a cultura: existia a diferença entre cultura dita “oficial”, representada pela Igreja e pela aristocracia, hoje representada pela cultura da pequena parte da população que detém o capital; e a “cultura não-oficial” ou a cultura popular. A separação entre “cultura oficial” e “cultura não-oficial”, e a atribuição de maior valor e importância à primeira, surge com a divisão da sociedade em classes e com o início das diferenças sociais.

Aprofundando sobre os aspectos da cultura popular, Bosi (1987) compreende que a mesma tem sua criação e recriação nas culturas da base popular. É o povo que a cria e recria a partir das condições materiais de existência e sobrevivência, da capacidade de transmitir os conhecimentos produzidos por eles de geração em geração. A cultura popular encontra sua expressão nos mitos, contos, danças, música, jogos, artesanatos, entre outras manifestações consideradas do povo.

Para não cairmos em análises românticas, como se a cultura popular fosse pura, boa e a correta, em detrimento da cultura da classe dominante, reconhecemos que ela não tem uma perspectiva consensual ou apenas um sistema de valores e sentidos compartilhados. Ela é dotada de contradições, disputas e conflitos de classe. Para tanto, situamos nossas reflexões acerca dela em um contexto histórico específico, que é na sociedade capitalista.

Chauí (1996, p. 124) ajuda-nos a compreender a cultura popular sob o olhar dialético, situando a mesma como resistente e conformada, com um caráter ambíguo, “tecido de ignorância e de saber, de atraso e de desejo de emancipação, capaz de conformismo ao resistir, capaz de resistência ao se conformar. Ambiguidade que determina radicalmente como lógica e prática que se desenvolvem sob a dominação.” A cultura popular carrega consigo as contradições existentes na sociedade da qual faz parte. Aliás, a autora entende a cultura popular como manifestação diferenciada que acontece no interior de uma mesma sociedade. Ou seja, ela não é totalidade à parte, como outra aquém da cultura dominante, mas fazendo parte dessa mesma cultura, manifestando-se por dentro da cultura dominante, mesmo que para resistir a esta.

Assim, a autora trata a cultura popular como

[...] um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria (o jogo interno do conformismo, do inconformismo e da resistência), distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência. (CHAUÍ, 1996, p. 25)

Medeiros (2007) também analisa as contradições, negando a cultura popular como um todo homogêneo. Ela é heterogênea, pois contém a influência da classe dominante, das culturas de civilizações anteriores, e de traços produzidos pelas próprias classes subalternas. Na cultura popular residem elementos tanto da tradição, quanto da inovação a partir das condições da vida material em processo.

A cultura popular expressa a realidade e as idealizações do povo, sempre dando chance para que a mudança aconteça. É nesse sentido que ela move-se. Aqui coexiste o passado (tradição), o presente (condições materiais reais, período histórico) e futuro (idealizações, superações desejadas).

Em algumas análises é possível identificar o uso dos costumes e do tradicional pela cultura popular como resistência à racionalidade e inovações da modernidade. Mas, conforme Thompson (1998), a resistência acontece porque todos os avanços são experimentados pelo povo como exploração e expropriação de seus costumes e tradições.

A cultura popular é local de conflito entre classes. Nesse processo de luta, a cultura popular acaba incorporando muito da ideologia dominante. Mas ela não é submissa: ela também ressignifica a cultura dominante à sua maneira. É por conta desse processo que ela reflete a contradição existente.

Embora a cultura popular seja contraditória, ela expressa costumes e tradições opostos à classe dominante, o que faz evidenciar a diferença e a desigualdade no interior da sociedade. E nesse ponto ela torna-se resistente. Mesmo influenciada pela cultura dominante, a cultura popular possui uma visão de mundo própria e defende os costumes e tradições que servem ao interesse do povo, fazendo resistência à visão de mundo da sociedade capitalista (MEDEIROS, 2007).

As relações entre cultura, cultura popular e tradição suscitam importantes discussões sobre os jogos tradicionais. Embora a maioria dos pesquisadores não detenha as discussões na caracterização e diferenciação entre jogo tradicional e jogo popular, é importante fazermos algumas considerações a partir do que já foi abordado, até então.

Lavega Burgués (2000) traz três concepções de jogos pertencentes a uma cultura:

- a) jogo Autóctone – originário em um lugar determinado. Entretanto o autor ressalva que se existe a dificuldade de identificar a origem de um jogo, torna-se difícil classificá-lo como autóctone. Além disso, deve-se considerar que os povos entram em contato com outros, enriquecendo suas manifestações. É possível que um jogo presente há muito tempo em um determinado povo não seja originário dele;
- b) jogo Popular – quando o jogo está arraigado em um determinado povo e é jogado habitualmente. Para o autor, popular significa pertencente a um povo, às pessoas de um lugar, e é praticado por um número expressivo de pessoas;
- c) jogo Tradicional – jogo presente há um longo período de tempo em uma comunidade, lugar, povo, que perdurara ao tempo, sendo transmitido de geração em geração. Participa do processo de transmissão e tem continuidade durante um período histórico.

O autor defende o uso dos termos “Jogo Popular” e “Jogo Tradicional” de maneira complementar, pois combinam representatividade (muito praticados) com temporalidade (processo de transmissão entre diversas gerações).

Araújo e Rodrigues (2006) e Araújo e Mendes (2007), diferentemente, acreditam que existe distinção entre estes dois conceitos. Para os autores, o “popular” denota pertencimento ao povo, enquanto o “tradicional” diz respeito à longevidade, a algo que há muito tempo é praticado. Esse último podendo pertencer tanto ao povo quanto à burguesia. Embora defendam que qualquer classificação reduza e simplifique toda a dimensão e características que o jogo possa assumir, incluindo sua ambiguidade, os autores distinguem estes dois conceitos:

Parece-nos que os jogos tradicionais são todos aqueles que caracterizam culturalmente um povo e tem uma origem remota; podendo ser praticados por todas as classes sociais; enquanto os jogos populares, de origem remota ou não, são sobretudo aqueles praticados pelo povo, mas do mesmo modo, não inviabilizam que outros estratos sociais deles se apropriem (ARAÚJO, MENDES, 2007, p. 27).

Embora os autores não esclareçam o entendimento que têm do conceito “povo”, concordamos com eles em relação a diferenças entre jogo tradicional e jogo popular. Entendemos que jogo tradicional não é necessariamente popular⁹, pois existem jogos tradicionais da classe dominante, que representam seus interesses e suas condições materiais de vida, não contemplando a perspectiva de popular como pertencente aos dominados e

⁹ Na perspectiva de povo dominado e explorado, conforme o exposto anteriormente.

explorados. Os jogos tradicionais podem manifestar-se como jogos que resistem ao moderno (a exemplo, ao esporte moderno), mas não está necessariamente articulada, nessa análise, a visão da resistência dos dominados contra a exploração.

Nessa pesquisa, adotamos o termo Jogo Tradicional, ou seja, jogos praticados há longa data, transmitidos de geração em geração, independentemente da classe social. Jogos que não se caracterizam pelo pertencimento ao povo ou à classe dominante, mas pela tradição na comunidade, na cultura e nas relações cotidianas.

2.4 Jogo tradicional como manifestação cultural

Diante das reflexões até então realizadas, entendemos o jogo tradicional como manifestação cultural que surge com a interação entre os seres humanos e com a natureza, na busca de suprir suas necessidades sociais, culturais, materiais e econômicas. Ele faz parte da cultura e por isso traz características da sociedade onde é produzido, carregando consigo conhecimentos desenvolvidos ao longo de gerações, e ao mesmo tempo características das condições materiais do momento histórico em que é praticado. Por ser tradicional, manifesta o passado reconfigurado às condições presentes.

Bruhns (1996, p. 28), em estudos sobre diferentes perspectivas acerca do jogo, afirma que

Os jogos devem ser compreendidos e analisados na cultura da qual fazem parte, pois por si mesmos, nada dizem. Somente numa cultura, enquanto parte dela, passam a ter sentido, como também essa cultura somente pode ser entendida dentro de sua realidade social e da história dessa sociedade.

Na Europa, alguns autores vêm dedicando-se em estudar o jogo tradicional, contribuindo para discussões sobre o tema. Dentre eles destacamos: Parlebas (2001, 2004) e Lavega Burgués (2000, 2006)¹⁰.

Parlebas (2001) esclarece algumas características do jogo tradicional como: uma manifestação ligada à tradição de determinada cultura; regido por regras flexíveis adaptadas aos interesses de quem joga; acontecer a partir de organização local ou regional, não

¹⁰ Destacamos que, embora citemos a produção europeia sobre jogos tradicionais, não faremos nossa análise a partir da Praxiologia Motriz, ou seja, a partir do olhar que autores europeus têm dado ao tema. Para esclarecimentos complementares sobre a Praxiologia Motriz, ler: PARLEBAS, Pierre. Juegos, Deporte y Sociedad: Léxico de Praxiología Motriz. Barcelona: Paidotribo, 2001.

dependendo de instâncias oficiais como federações; e não depender de processos econômicos para acontecer, embora seja influenciado por eles.

O mesmo autor, ao tratar da origem dos jogos, afirma que o grande número deles conhecidos hoje foi transmitido ao longo do tempo, de geração em geração, constituindo uma gama de práticas lúdicas que vão sendo reconfiguradas e reajustadas às condições de novos contextos e sociedades. Os jogos tradicionais surgiram a partir dos costumes e estão presentes na identidade e na cultura de comunidades. O autor ainda salienta a inviabilidade de estabelecer uma origem única para determinado jogo, visto que desde os primórdios da humanidade, ele estava presente em diferentes culturas. É possível considerar que um grupo tenha determinado jogo como manifestação cultural, levando consigo para onde se desloca (no caso de migrações), mas não é possível afirmar que esse jogo seja originado nesse grupo (PARLEBAS, 2004).

A partir da Praxiologia Motriz, Parlebas (2004) identifica que, além do jogo tradicional carregar a relação com cultura da qual faz parte, tem também características intrínsecas, denominadas pelo autor de lógica interna do jogo, que pode diferenciar-se quando entram em diálogo com o contexto e com os atores. Entendendo os elementos da lógica interna dos jogos é possível compará-los, identificar semelhanças, pontos em comum e variantes.

Reconhecemos que os jogos tradicionais possuem elementos como número de jogadores, objetivo, regras, materiais utilizados, tempo de duração, entre outros, que se analisados individualmente podem classificar ou caracterizar o jogo. Porém, todos estes elementos não existem sozinhos e não foram construídos abstratamente. Eles só assumem sentido se considerar os sujeitos e a cultura do qual o jogo tradicional faz parte.

Lavega Burgués (2000, p. 30) afirma que “*conociendo nuestros juegos, estamos conociendo y entendiendo mejor nuestra cultura*” e argumenta que os jogos são parte do patrimônio cultural e lúdico da humanidade. Ele é manifestação cultural, pois expressa as características da cultura.

Alguns autores europeus (PARLEBAS, 2001, 2004; MOLLENA, 2006; ROQUE, 2006; ARAÚJO e MENDES, 2007; NICOLÁS, 2009) entendem os jogos tradicionais como reflexo da sociedade, como espelho dos costumes, crenças, maneiras de vida local, características do espaço geográfico, formas de relações sociais e da produção da existência. Para Lavega Burgués (2006), o que os jogos tradicionais refletem é tão variado quanto são as sociedades dos quais fazem parte.

Compreendemos que os jogos tradicionais resultam das condições materiais da sociedade a que pertencem, mas não apenas como reflexo. Williams (1992), com estudos sobre a arte, critica autores que tratam essa manifestação cultural como reflexo da estrutura sócio-econômica de uma dada sociedade. As relações econômicas e sociais influenciam na cultura, estão refletidas nela, mas, ao mesmo tempo, a cultura também influencia na economia e em outros âmbitos da sociedade. A arte, assim como o jogo tradicional, é parte da totalidade social e, dialeticamente, dependente entre si.

Um exemplo de como a cultura pode influenciar em outros âmbitos da vida social é dado por Thompson (1998), que analisa o que ele chama de “direito consuetudinário”, ou seja, muitos costumes da cultura do povo tinham tal força que podiam ser validados como regras, que em determinadas circunstâncias tinham a força de lei. Para alguns trabalhadores industriais, o costume tinha a mesma força que a lei. O autor afirma que, desconsiderando a cultura, muitos estudiosos deixam de observar a função racional de muitos costumes e a grande influência que eles têm em outros âmbitos da vida.

Os jogos tradicionais estão relacionados com o que a vida cotidiana exige dos seres humanos. Adelantado e Núñez (2006), analisando estas manifestações no contexto das Ilhas Canárias¹¹, reconhecem que muitas delas estão associadas com atividades do trabalho e com os próprios instrumentos e materiais utilizados. Um exemplo, são alguns jogos que utilizam um bastão, chamado *palo*, usado também com o manejo de animais ou para os trabalhos pastoris da região.

Embora os jogos tradicionais não tenham apenas relação com o trabalho rural, essa característica é destacada por alguns estudiosos. Mollena (2006), pesquisando os jogos tradicionais na Cantábria¹², afirma que muitos deles surgiram dos costumes de pastoreio, pecuário, pesqueiro, de exploração de madeira, principalmente associados a elementos da natureza¹³.

Essa relação também é discutida por pesquisadores brasileiros. Marin *et al* (2012, p. 83), em estudos feitos sobre os jogos tradicionais no RS, analisam alguns deles realizados em festividades das regiões de imigração alemã e destacam que

¹¹ As Ilhas Canárias são um arquipélago espanhol no Oceano Atlântico, constituído uma região autônoma da Espanha, tendo uma estimativa populacional de 2.000.000 habitantes.

¹² Cantábria é uma comunidade autônoma localizada no norte da Espanha, com uma população estimada de 572.503 habitantes.

¹³ Para informações complementares sobre jogos tradicionais europeus, consultar a obra “*Juegos Tradicionales y Sociedad en Europa: La Cultura Europea a la Luz de los Juegos y Deportes Tradicionales*” e Lavega Burgués (2006)

As manifestações desenvolvidas nessas festividades resgatam e ressignificam os costumes dos imigrantes que colonizaram a região. Provas como Ensacar Milho, Serrar a Tora, Corrida do Tamanco, Pegar o Porco, entre outras, expressam em forma de jogo e diversão o cotidiano até hoje vivido pelos descendentes alemães que se mantiveram na região. Nestas manifestações, o jogo expressa o trabalho e o trabalho é reconfigurado em jogo.

Além de terem relação com o trabalho, muitos jogos de diferentes culturas estão associados a processos ritualísticos. Sobre os jogos tradicionais indígenas, Fassheber (2010) e Camargo, Rocha Ferreira e Simson (2011) observaram que estes estão relacionados, principalmente, com ritos tradicionais em que a celebração está presente, como ritos de passagem, de fertilidade, da chuva, da saúde, dentre outros. Entre comunidades quilombolas, Falcão e Pedroza (2001) identificaram que muitos jogos também fazem parte de cerimônias de iniciação à vida adulta.

Segundo Lavega Burgués (2000, p. 28), “*en cada época histórica y en cada lugar geográfico, la mentalidad de las personas, las necesidades, los objetivos prioritarios y sus costumbres adquieren connotaciones bien distintas*”. Na medida em que as culturas são diferentes umas das outras, os jogos e seus sentidos também se distinguem. Torna-se importante identificar os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais, compreendendo em que condições materiais eles são desenvolvidos.

Na busca da compreensão sobre as condições de produção e reprodução dos jogos tradicionais, das mudanças de seus espaços e tempos de vivência em uma dada singularidade dinâmica abarcada por essa pesquisa, apresentamos nosso próximo capítulo.

3 ESPAÇOS E TEMPOS PARA OS JOGOS TRADICIONAIS NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RS

Esse capítulo trata das transformações dos espaços e tempos de vivência dos jogos tradicionais em um contexto específico, o da colonização italiana no RS. Em particular, analisamos a dinâmica espaciotemporal de Sociedades do município de São João do Polêsine, ou seja, das Sociedade Agrícola Cultural Esportiva Vale Vêneto (SACE Vale Vêneto) e Sociedade Agrícola Cultural Esportiva Polesinense (SACE Polesinense).

A fim de entendermos em que condições as Sociedades surgem, abrangemos espaços e tempos anteriores às suas constituições. Dessa maneira, dividimos nosso capítulo em: espaços e tempos para os jogos tradicionais anteriores à consolidação das Sociedades, contemplando as residências das famílias, os bolichos e os espaços destinados às corridas em cancha reta; a constituição das Sociedades e os jogos tradicionais vivenciados nelas, como a bocha, os jogos de baralho e as corridas de cancha reta; e, as Sociedades na atualidade.

3.1 A colonização italiana no RS e as Sociedades

A colonização italiana no estado RS, conforme Costa *et al* (1986), iniciou na metade do século XIX. A Itália desse período passava por conflitos e revoluções em prol de sua unificação nacional. Além disso, o forte desenvolvimento do capitalismo industrial acelerou o crescimento urbanizado. Houve aumento populacional na Europa e empobrecimento de camponeses e artesãos, deixando milhares de desempregados. O governo italiano, ao se deparar com problemas sociais e econômicos, passou a incentivar a emigração, na tentativa de redução do desemprego e controle populacional. E para grande parte da população, era a esperança de sair da situação de miséria, fome e guerra e a possibilidade de acesso a terras produtivas.

Nesse mesmo período, aqui no Brasil, após a Lei Áurea, de libertação dos escravos, fazia-se necessário a substituição do trabalho escravo por trabalhadores livres nas grandes plantações de café, expressivas na região sudeste, e a inserção de trabalhadores que pudessem produzir para o consumo interno do país. O RS, ainda com grandes extensões de terras

despovoadas, precisava ser colonizado para que as fronteiras do sul do país fossem defendidas, habitadas e produtivas. Assim, o Governo Imperial deu início a campanhas para busca de emigrantes europeus. Os primeiros imigrantes de origem italiana, em sua maioria camponeses, chegaram ao Brasil em 1875 (COSTA et. al., 1986).

Segundo Saquet (2002), a colonização italiana no Rio Grande do Sul deu-se com a expansão do modo de produção capitalista. O autor explica que com o fim do regime escravocrata, aconteceu o processo de expansão do modo de produção capitalista, por meio de forças e pressões inglesas que queriam conquistar mercado consumidor para suas manufaturas. Em contrapartida, existia a exportação de produtos agrícolas brasileiros, provindos dos grandes latifúndios, para o exterior. Havia, então, a necessidade de pessoas que produzissem para o consumo local e também que comprassem as manufaturas europeias. No caso do RS, o principal objetivo da imigração italiana era a povoação das terras e a formação da pequena propriedade que abasteceria o mercado interno.

Paradoxalmente, a pequena propriedade para o mercado interno é, ao mesmo tempo, resultado e condição dos grandes latifúndios para o mercado externo. Saquet (2002, p. 24) explica que

[...] a propriedade familiar onde se produzem mercadorias (policultura), dos italianos no Rio Grande do Sul, nasceu a partir de mecanismos de re-produção da classe hegemônica monocultura que produzia mercadorias para o mercado externo. O próprio capital substantiva as condições para a produção de relações de produção não tipicamente capitalistas – trabalho familiar –, subjugando-as. Ou seja, a produção familiar constituída no Rio Grande do Sul com a re-territorialização italiana é resultado do contraditório desenvolver do Modo Capitalista de Produção no Brasil, porque também é necessária à re-produção do capital.

Nesse processo, originaram-se as colônias italianas no estado. As três primeiras foram denominadas Conde D’Eu (atualmente Garibaldi), Dona Isabel (atualmente Bento Gonçalves) e Fundos de Nova Palmira (atualmente Caxias do Sul). O quarto centro de colonização italiana a se estabelecer foi a Colônia Silveira Martins, também denominada Quarta Colônia, com a chegada, em 1877, de 157 famílias (SANTIN, 1999). Hoje a região é composta por pequenos municípios¹⁴, dentre eles São João do Polêsine.

Ao constituírem diferentes colônias no sul do Brasil, algumas dificuldades surgiram a estes imigrantes, principalmente no que tange à localização das colônias, por serem regiões ainda desabitadas e de relevo montanhoso; à infraestrutura disponibilizada; e ao desamparo do

¹⁴ Correspondente aos municípios de Silveira Martins, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Ivorá, Pinhal Grande, São João do Polêsine, parte dos municípios de Dona Francisca, Restinga Seca, Santa Maria e Júlio de Castilhos (SANTIN, 1999).

Governo Imperial. É nesse contexto que o trabalho comunitário ganhou força e possibilitou a superação desses obstáculos. Tornou-se comum o encontro entre famílias para auxiliarem umas as outras na organização da lavoura, na construção de casas e no cultivo de hábitos, costumes, crenças e manifestações que os identificavam como grupo (COSTA *et al*, 1986). Nas palavras do morador e escritor do município de São João do Polêsine, Dalmolin (2006, p. 9), ao relatar sobre a construção da igreja e do hospital do município: “O fato de nossa região estar isolada, sem qualquer auxílio ou assistência dos governos, criou em nosso povo um forte espírito de união e de luta. Polêsine foi sendo construído, ano após ano, pela união e vontade férrea desse povo”.

Segundo Benevenuto, Seibt e Seibt (2006), este “espírito associativo”, possibilitou a construção de diferentes tipos de Sociedades, com o fim de resolver coletivamente dificuldades enfrentadas.

O associativismo, explicam Mazo e Gaya (2006), é expressão da consciência coletiva dos imigrantes nas colônias do RS e constituiu-se como estratégia para a preservação da identidade do grupo, tornando-se o espaço para a produção e reprodução de suas tradições. Schuch (2008), no estudo que realiza sobre Sociedades em municípios de colonização alemã, salienta sua importância por exercerem papel decisivo no processo de integração e defesa, especialmente nos aspectos recreativos, esportivos e culturais.

Dentre as manifestações culturais materializadas nestes espaços, estava o jogo, que segundo Marin *et al* (2012, p. 75), “viajaram clandestinamente nos navios dos missionários, dos mercadores, dos soldados e à revelia das políticas migratórias”.

Não existe consenso entre os autores na denominação desses espaços e tempos. Tampouco identificamos estudos que se debruçam na diferenciação dos mesmos, surgindo termos como: Associação ou Associação Esportiva (MAZZO, GAYA, 2006; MAZZO, 2007, 2012), Sociedade (Schuch, 2008) e Clube¹⁵. De maneira geral, a população e entrevistados dessa pesquisa intercalam em suas falas os termos Sociedade, Entidade, Clube ou SACE (sigla para Sociedade Agrícola, Cultural e Esportiva). Em termos legais, segundo o Art. 53, da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, que institui o Código Civil, as Associações constituem-se pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos (BRASIL, 2002).

¹⁵ É possível que o termo Sociedade esteja relacionado ao caráter amplo que estas instituições detêm, em detrimento do termo Clube, não somente no que diz respeito à produção de manifestações culturais, mas de resoluções de problemas, de ajuda mútua, de auxílio em questões agrícolas, de discussões e decisões da vida coletiva dessas comunidades.

Em nossa pesquisa, optamos pela nomenclatura Sociedade, por ser essa a denominação utilizada e encontrada nos espaços e tempos pesquisados. Nesse sentido, cabe compreender o processo de constituição das Sociedades em um contexto específico, ou seja, no município de São João do Polêsine.

Os processos de constituição das Sociedades pesquisadas são históricos, sendo necessário, portanto, voltarmos o olhar para o passado como caminho para compreender o presente. Nossa análise diz respeito também aos espaços e tempos para o jogo tradicional anteriores às Sociedades, pois elas emergem no processo de transformação desses, das relações sociais ali construídas e do contexto nacional e mundial do período. Esclarecemos que não se trata de um processo linear, em que um espaço sucumbe e dá lugar ao outro, mas de transformações com idas e vindas, da existência mútua de diferentes espaços que congregam a configuração atual das Sociedades.

3.2 Espaços e tempos para os jogos tradicionais anteriores à constituição das SACE Vale Vêneto e SACE Polesinense

São João do Polêsine recebeu seus primeiros imigrantes em 1883, que deram esse nome às novas terras, pois se assemelhavam com os vales de Polêsine, nas margens do Rio Pó, na Itália (DALMOLIN, 2006). Já em Vale Vêneto, as primeiras famílias chegaram em 1878, em sua maioria vindas da região de Vêneto, norte da Itália.

Enquanto São João do Polêsine nascia, Vale Vêneto já se firmava como centro religioso e berço dos padres palotinos¹⁶, com a construção da casa canônica e, posteriormente, do Seminário Rainha dos Apóstolos¹⁷. A presença da Ordem dos Palotinos na região proporcionou o incentivo e cultivo da vida religiosa. Santin (1986) explica que, para as colônias italianas no RS, a religiosidade constituía-se como fator importante de integração, força e superação das dificuldades impressas nas condições econômicas, políticas e geográficas. Para Schuch (2007), o cotidiano da colônia girava em torno de três aspectos: a religiosidade; o trabalho no campo e as atividades e encontros socioculturais.

¹⁶ Palotinos ou Padres Palotinos são uma congregação religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana fundada em 1835 com o nome de Sociedade do Apostolado Católico (*societas apostolatus catholici*) pelo Padre Vicente Pallotti.

¹⁷ Escola de formação de padres que perdurou entre 1922 e 2006, congregando jovens seminaristas da região, do estado e de todo o Brasil.

A forma de trabalho coletivo e as relações sociais baseadas no associativismo para a resolução dos problemas da colônia fizeram com que surgisse a prática de encontros entre as famílias de imigrantes, onde, além do enfrentamento conjunto das necessidades de sobrevivência do grupo, havia a produção de manifestações culturais em forma de divertimento, festa e celebração. Nesse contexto, era comum o encontro para o jogo, como forma de diversão desse grupo social.

A partir da análise de Marin (1996) sobre as relações entre trabalho e diversão na vida de mulheres colonas de Vale Vêneto, entendemos o jogo tradicional no campo pesquisado como forma de diversão. A autora argumenta que o uso do conceito de lazer pautado na divisão do tempo em tempo de trabalho e tempo de não-trabalho não pode ser utilizado de forma mecânica, especialmente quando se trata do contexto rural.

Nesse sentido, Saquet (2002) esclarece que a Colônia Silveira Martins consolidou-se com o trabalho familiar, em que os trabalhadores são donos dos instrumentos e meios de produção. Não há caracteristicamente o trabalho assalariado, pois quem trabalha é o dono da própria terra. Além da produção para a própria subsistência, há venda do excedente em troca de dinheiro, necessário para a compra de outros produtos, como por exemplo, produtos industrializados. A produção da vida pautada no trabalho familiar faz parte da sociedade capitalista, inclusive é pelo mecanismo de preços diferenciados praticado no mercado que os produtores familiares são subordinados e explorados.

Dessa maneira, os imigrantes italianos e seus descendentes foram “imersos no universo capitalista, disfarçadamente, pois, aparentemente, trabalhavam *para-si* e sua família” (SAQUET, 2002, p. 30, grifo do autor).

Marin (1996) explica que embora a produção da vida material em Vale Vêneto faça parte e seja influenciada pelo modo capitalista de produção, existem relações sociais no trabalho que ainda não produziram a separação nítida entre trabalho e diversão, que se unem formando um todo, como resultado da articulação entre o tempo da vida e o tempo da natureza. Assim, acreditamos que dicotomia trabalho/lazer limita o entendimento das relações sociais existentes nestes espaços e tempos específicos.

Dentre os jogos praticados pelos sujeitos da pesquisa, identificamos os jogos de baralho (cinquilha, três sete, bisca, canastra e truço)¹⁸, bocha¹⁹ e carreira de cancha reta²⁰. A

¹⁸ Para descrição, regras, funcionamento e pontuação desses jogos, consultar a obra “Jogo Tradicional e Cultura”, de Marin e Ribas (2013).

¹⁹ O jogo consiste em arremessar a bocha (bola feita de resina sintética) o mais próximo possível do balim (bola menor também feita de resina sintética) e afastar as bochas pertencentes ao opositor (MARIN, RIBAS, 2013).

prática desse último fez-se presente em São João do Polêsine e Vale Vêneto no período que antecede o surgimento da Sociedade e nos primeiros anos de constituição dela.

Dos doze entrevistados, todos relatam que, anterior à constituição das sedes das Sociedades, com membros associados e estatutos, existia o encontro nas residências das famílias para o desenvolvimento de manifestações culturais tradicionais como o canto, a dança, a ceia e o jogo. Entre os homens também era comum o encontro nas bodegas ou bolichos²¹ do povoado. Conforme os relatos, estes espaços para os jogos tradicionais perduraram com maior expressividade no processo de nove décadas, entre 1870 a 1960, quando se inicia o processo de constituição de Sociedades na região da Quarta Colônia.

Salientamos que, no período anterior à década de 1960, já existiam Sociedades em outras regiões do estado. Desde os primórdios da colonização alemã e italiana no RS, é possível identificar a construção desses espaços com fins de reunir a comunidade para o desenvolvimento de atividades sociais, culturais e esportivas, como destacam estudos de Schuch (2007) e de Mazo (2007, 2012). Entretanto no processo históricos de constituição da ex-Colônia Siveira Martins existiram alguns elementos que contribuíram para que as Sociedades se consolidassem mais tarde em relação às outras colônias²², de maneira que, nesse período, os espaços e tempos para a vivência dos jogos tradicionais produziram-se, principalmente, nas residências das famílias, nos bolichos e nos espaços destinados às corridas de cancha reta, que serão tratados a seguir.

3.2.1 Os jogos tradicionais nas residências das famílias

Entre o tempo do labor nos dias de semana, a devoção a Deus concretizando-se com as missas dos sábados ou domingos, estava o tempo do encontro entre famílias e vizinhos. Estes três aspectos da vida caminhavam juntos, conexos nas relações que eram estabelecidas.

As famílias eram formadas por grande número de membros. Filhos compartilhavam com os pais, por vezes com os avós, a casa, a labuta, a ceia, os costumes. As residências

²⁰ A carreira de cancha reta é um jogo de corrida de cavalos, onde dois ou mais animais são dispostos em uma cancha e, ao dar a largada, correm determinada distância. Antes da corrida, há um sistema de apostas nos cavalos.

²¹ A análise dos bolichos como espaço e tempo para os jogos tradicionais é feita no subtítulo “Os jogos tradicionais nos bolichos”, p. 50.

²² Estes elementos serão tratados no decorrer de nossa análise.

constituíam-se em espaço frutífero para o desenvolvimento dos jogos. Como relata Emílio, bastavam duas famílias vizinhas e estava formado um grande grupo de pessoas para jogar. Antônio, Rosa e Acácia expressam que frequentemente reuniam-se.

E a gente saía, assim, nas famílias visitar, no tempo de gurizada e se jogava bocha. E depois foi mudando. A gente foi crescendo, foi mudando. Aí foi criada a Sociedade, a SACE Polesinense. (ANTÔNIO, 66 anos, São João do Polêsine, 20-10-2013)

Ah, em casa. Então era cinquilho e três sete. Mas mais era cinquilho. No final de semana... sim, se reunia! Eu tenho tantos filhos... Ih que a gente se reunia! (ROSA, 93 anos, Vale Vêneto, 15-08-2013)

Eles tinham uma cancha aqui com bocha de madeira, uma cancha de chão. Então, como não tinha clube, se reuniam ele e os vizinhos e jogavam bocha no domingo ali. (ACÁCIA, 68 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013)

Marin (1996) também identificou que no período anterior à existência da Sociedade, os encontros aconteciam nas casas das famílias, principalmente para o jogo de baralho. Entretanto, a maioria das mulheres não se reunia às mesas para jogar com os homens. Identificamos que poucas se aventuravam a esse feito assim como para jogar bocha. As que sabiam, jogavam entre si. Apenas recentemente as mulheres começaram a jogar nas rodas entre os homens, principalmente com a incursão delas nas Sociedades, conforme relato de Rosa: *“as mulheres mais agora. Uma vez não era muito. É agora que as mulheres começaram a jogar e frequentar a Sociedade. Mas uma vez não tinha mulher que jogasse. Eu aprendi a jogar, mas com os homens eu nunca jogava”*.

Elas costumavam ficar próximas às mesas de carteadado, para conversarem, confeccionarem seus artesanatos, atividade identificada por Marin (1996) como trabalho manual que se transforma em diversão. De acordo com os entrevistados de nossa pesquisa, as mulheres eram incumbidas do preparo da refeição e mais tarde do café, já que frequentemente as partidas estendiam-se pela madrugada. Muitas vezes permanecia cada qual em seu lar para cuidar dos filhos, enquanto seus maridos saíam para jogar.

Quando havia a presença das mulheres nos encontros, as crianças acompanhavam. Brincavam e jogavam entre si e, quando cansados, dormiam. Emílio relata que enquanto os homens jogavam, as mulheres conversavam e as crianças *“riscavam no chão tudo quadrinhos assim, e com um pé pulava lá e pulava lá e se pisasse no risco tava fora e ia otro. Ih! Jogavam não sei quantos... de seis, sete anos”*.

O tempo e espaço privilegiado para o jogo tradicional acontecia, principalmente, nos finais de semana, geralmente nos sábados à noite e nos domingos à tarde, mas também quando surgisse oportunidade no percurso da semana. Aconteciam no decorrer do ano, com

menor intensidade no período das colheitas, quando todos estavam atarefados e sobrecarregados com a lida na lavoura. O tempo do trabalho no campo marca também o tempo do jogo. Os dias de chuva, o tempo necessário para o amadurecimento das plantações, o descanso dos bois para mais uma tarde de arado na lavoura, todos estes momentos eram o convite para dar vida ao baralho na gaveta e às bochas na caixa de madeira.

Era todo o ano, menos na época da colheita, porque na época da colheita todo mundo tinha muito o que fazer. Então não podiam se dispor muito, assim, pros jogos. Era sempre ali no inverno ou final de semana que chovia. (HORTÊNCIA, 69 anos, Vale Vêneto, 26-08-2013)

A escolha do local do jogo era feita de acordo com as possibilidades de deslocamento de cada família e também atravessada pelas relações sociais estabelecidas entre os jogadores. O relato de Emilio evidenciou que em Vale Vêneto os encontros entre vizinhos também consideravam as possibilidades físicas e de saúde dos membros, como por exemplo, no período em que um de seus vizinhos estava impossibilitado de se deslocar, os encontros aconteciam em sua residência. Outras vezes, reuniam-se na casa do barbeiro, do alfaiate ou costureiro, dentre outros ofícios. Entre um corte de cabelo e outro, entre o coser de uma fatiota²³, os homens jogavam cinquilha.

Hortência relata que, enquanto seus filhos eram pequenos, os jogos aconteciam em sua residência. Além disso, as relações de amizade eram indispensáveis para a definição dos locais. Em São João do Polêsine, Benito costumava reunir-se para jogar bocha nos campos da família Pivetta, pois entre eles existiam laços de amizade que “*vinha desde gurizada, que a gente era amigo, se reunia e jogava lá nos campo mesmo*”.

Sobre as especificidades dos espaços para cada jogo, identificamos que os jogos de baralho aconteciam no interior das casas ou ao ar livre nos períodos quentes do ano. As horas a fio e madrugadas adentro eram acompanhadas à luz de lampiões: “*quando não tinha luz, nós jogava cinquilha com lamparina e amanhecia com o nariz preto da fumaça! [risos]*” (ROSA, 93 anos, Vale Vêneto, 15-08-2013). Os baralhos utilizados para o jogo eram comprados no armazém, no bolicho. Cada família tinha seu baralho, carregando-o consigo para os encontros.

Em relação a bocha, era jogada em locais abertos. As dimensões do espaço do jogo eram discutidas e acertadas momentos antes do início da partida, com tamanho suficiente para que a bocha rolasse determinada distância, como em campos, poteiros e “*na estrada, pra lá e*

²³ Roupas, traje. Normalmente utilizado quando se faz referência à uma roupa de melhor qualidade ou para ser utilizada em ocasião especial e formal.

pra cá... Com bocha de madeira”, salienta Benito. E Emilio completa: “Ah, nós botava uma tábua de pé. Botava duas forquilha aqui e ali. Trancava a estrada... naquela vez era tudo a pé, não tinha carro, não tinha nada. Então nós jogava ali”.

Mais tarde, em algumas residências, surgiram espaços específicos destinados ao jogo de bocha: a cancha, geralmente de chão batido, delimitada por tábuas, para que a bocha não rolasse para além desse espaço. Benito esclarece essa mudança: *“Era de uns amigos, dos Pivetta. No início não tinha cancha, era gramado. Depois eles foram fazendo uma canchinha de chão, embaixo dos eucaliptos... E se jogava sempre lá”.*

Outro espaço para a prática de jogos tradicionais eram os bolichos, identificados com maior frequência nas falas dos jogadores de São João do Polêsine.

3.2.2 Os jogos tradicionais nos bolichos

O bolicho, também denominado em outras regiões como bodega, armazém, casa de negócio, casa de comércio, secos e molhados, é objeto de estudo de Teleginski (2012). Em sua dissertação, a autora identifica o bolicho como estabelecimento que atendia as necessidades de consumo interno da colônia com gêneros alimentícios, bebidas, tecidos, ferramentas, armarinhos, dentre outros produtos. Porém, esse espaço excede seu caráter de trocas mercantis, estabelecendo-se como ponto de encontro, reunião e diversão da população, local em que se pode comer, beber, jogar, fazer negócios e trocar recados. (TELEGINSKI, 2012)

No início do século XX, estes espaços constituíram-se como um dos principais núcleos de trocas imprescindíveis para a vida material e econômica de uma colônia ou de uma localidade rural, como também eram centros da vida social em diversos municípios, não só do RS, como do país. Teleginski (2012) identificou nos bolichos de Irati, município do estado do Paraná, a prática dos jogos de baralho, bocha, mora²⁴, dentre outros.

Giovani e Benito, frequentadores dos bolichos de São João do Polêsine, explicam como o local era disposto: junto à bodega, encontravam-se mesas para os jogos de baralho e

²⁴ Jogo tradicional italiano, cujo objetivo é acertar o número da soma do conjunto de dedos das mãos que os jogadores sucessivamente apresentam sobre a mesa. A descrição detalhada do jogo encontra-se na obra Jogo Tradicional e Cultura, de Marin e Ribas (2013, p. 184-186).

ao lado, a cancha de bocha, de chão batido, delimitada por tábuas de madeira e com tamanho estipulado conforme o espaço que se tinha no terreno.

De acordo com os relatos, os dias destinados aos jogos de baralho e à bocha nos bolichos eram os sábados e os domingos. O jogo era utilizado como forma de atrair a clientela pelo bolicheiro, proprietário do estabelecimento. Os jogadores encontravam ali o espaço e tempo para o jogo tradicional e em contrapartida, o bolicheiro conseguia sua renda do mês a cada copo de bebida ou mercadoria vendida.

Era frequentado somente pelos homens, pois segundo os entrevistados, o bolicho era considerada local de “*beberagem*”, impróprio para as mulheres. Tampouco as crianças participavam. Teleginski (2012) identificou que a presença das mulheres e dos homens nos bolichos dava-se em horários diferentes: elas costumavam fazer suas compras no estabelecimento em horários distintos dos do jogo e da bebida entre os homens. O tempo e o espaço dos bolichos eram apropriados de maneira distinta entre os dois sexos, assim como os encontros nas residências das famílias os eram.

A associação entre duas práticas sociais historicamente marginalizadas – o jogo e o consumo de bebidas alcoólicas – pela classe dominante e a idealização de uma moral burguesa, podem ser observados nestes estabelecimentos. A partir das falas dos entrevistados, podemos identificar que os bolichos eram conhecidos por serem locais de discussões e brigas, em virtude dessas duas práticas sociais. Eram vistos pela classe dominante como perturbadores da ordem moral estabelecida. Além disso, a cachaça, também denominada “*trago*” ou “*pinga*”, principal bebida consumida nos bolichos, consolidou-se no Brasil, ainda Colônia de Portugal, como produto de baixo status, tanto em termos de consumo quanto em termos de produção (SOUZA, 2004).

Os jogos nestes locais foram alvo de perseguição pelas instituições locais. De acordo com os sujeitos da pesquisa, em São João do Polêsine, a bocha e os jogos de baralho chegaram a serem proibidos pelo delegado da região, no Bolicho 15 de Novembro, local mais frequentado até metade do século XX. Além disso, o consumo de bebida alcoólica era tema de sermões nas missas dos finais de semana. Analisando a cultura popular na Idade Média, Bakhtin (2002), chama a atenção para o fato das práticas de diversão do povo e o consumo de bebidas alcoólicas estarem comumente ligadas à subversão dos valores dominantes, naquele período manifestados pela Igreja.

A coexistência entre jogos tradicional e bebida alcoólica não se expressa apenas no espaço do bolicho, mas também nas residências das famílias, nos espaços destinados às

corridas de cancha reta e, posteriormente, nas Sociedades. Entretanto nestes dois últimos, o consumo do produto estava relacionado ao encontro, à saudação e à celebração, assim como o jogo. Souza (2004), em estudos sobre a bebida alcoólica desde o Brasil Colônia até o século XX, destaca que desde muito tempo o consumo da mesma é objeto de cultos e celebrações.

3.2.3 Os jogos tradicionais nos espaços destinados às carreiras de cancha reta

Já na segunda metade do século XIX, era possível identificar corridas de cavalo em cancha reta no estado do RS. De acordo com Pereira, Mazo e Lyra (2010), elas faziam parte do divertimento da população predominantemente rural. O cavalo, animal utilizado no trabalho do campo, ganhava, nos dias de carreira, papel importante, digno de espectadores. As carreiras de cancha reta ocorriam tanto em Vale Vêneto quanto em São João do Polêsine.

Inicialmente, o espaço destinado para o jogo eram os poteiros existentes na comunidade. Em Vale Vêneto, aconteciam na propriedade de uma das famílias, que tinha terreno propício para seu desenvolvimento.

Nesse período, grande parte das famílias tinha cavalos. O animal, indispensável à labuta na lavoura, era utilizado como meio de transporte, como instrumento de trabalho no campo e, nos domingo de carreira, era a atração das famílias que se reuniam em torno das canchas, todos com seus cavalos, anunciando suas apostas e contando com a sorte do palpite do dia. Francesco, membro da família ao qual pertencia o terreno das canchas de Vale Vêneto, conta como o espaço era organizado:

Lá na nossa propriedade, nós tinha, há muitos anos atrás, uma cancha reta. E se fazia as carreirinhas lá de vez em quando e tal. Então tinha gente que gostava. Naquele tempo todo mundo tinha cavalo. E o pessoal cuidava dos cavalos, porque precisava no serviço. Então, claro, tu fazia uma carreira no domingo e vinha 200, 300 cavalos. Então bah! Se toureavam, se enticavam... bah, saía muita carreira porque tinha gente. (FRANCESCO, 70 anos, Faxinal do Soturno, 27-06-2013)

Como nos encontros entre famílias para jogar bocha e baralho, nas carreiras também se reuniam diferentes gerações. Nesta, porém, as mulheres participavam com mais frequência. De modo entusiasmado, Emilio explica que muitas vezes as mulheres tinham melhores palpites que os homens. O entrevistado relata que os cavalos não eram treinados, nem mesmo as apostas eram de grandes montantes de dinheiro, mas aportavam ao jogo maior tensão, emoção e mais diversão, como aponta Emilio:

Era qualquer cavalo... cinco reais, cinco mil réis tava tocando e dando risada. Lá sim, lá acumulava 400, 500 pessoas, até mais. Todo mundo podia jogar. Um com o outro joga cinco reais, um jogava dez, vinte. Era os donos com os de fora. Os donos de cavalo jogavam por cinco, dez. Os que ganhavam, ganhavam cinco, dez e pronto. Mas era uma carreira atrás da outra... Uma diversão só! (EMILIO, 91 anos, Vale Vêneto, 14-08-2013)

Os espaços para as carreiras de cancha sofreram transformações quando estas foram incluídas nas manifestações culturais desenvolvidas e fomentadas pela SACE Vale Vêneto²⁵.

Os jogos tradicionais nas residências das famílias, nos bolichos e nos campos para as corridas de cavalo tiveram maior expressividade até meados da década de 1960, quando a ideia de consolidação das Sociedades em São João do Polêsine tornou-se latente.

3.3 A constituição das SACE Vale Vêneto e SACE Polesinense

Em São João do Polêsine e Vale Vêneto, a constituição das Sociedades ocorreram nos anos de 1960, cerca de cem anos após o estabelecimento dos imigrantes na região pesquisada, resultante do processo de organização da vida material destas comunidades bem como das transformações no cenário político e econômico regional, nacional e mundial, no final do século XIX e primeira metade do século XX.

Para fins de analogia, os alemães constituíram suas colônias ao longo de todo o século XIX. Já a chegada dos primeiros imigrantes italianos deu-se somente no final do século. A ex-Colônia Silveira Martins foi a quarta e última a estabelecer-se (SAQUET, 2002). Ou seja, enquanto as colônias alemãs tinham meio século de existência, as italianas estavam no início de sua formação.

Para Santin (1999), os elementos que dificultaram o desenvolvimento da ex-Colônia Silveira Martins têm relação com a localização geográfica desfavorável (em terras montanhosas e longe do centro urbano Porto Alegre), assistência precária do Governo Imperial e, posteriormente com o fim do Império e a proclamação da República Federativa do Brasil (final do século XIX), a retaliação e divisão do território da colônia entre três municípios (Santa Maria, Júlio de Castilho e Cachoeira do Sul).

Além disso, os imigrantes levaram longo período de tempo para a organização de sua vida material na região. As primeiras necessidades diziam respeito às moradias, às lavouras,

²⁵ Analisamos estas transformações no subtítulo “As carreiras de cancha reta nas Sociedades”, p. 71.

às estradas e às escolas. A religiosidade também se expressou logo nos primeiros anos da colônia. Segundo Marin, J. R. (1993, 1999), a fé era o depósito das esperanças dos imigrantes frente à carência da vida material dos primeiros anos. Houve a criação autônoma e espontânea de capelas e a reprodução de um catolicismo popular, ou seja, não oficial, sem a institucionalização da Igreja, como forma de expressar a religiosidade do povo, com ambígua coexistência entre o profano e o sagrado.²⁶

Marin, J. R. (1993, 1999) esclarece que, com o fim do Império, a Igreja vê seu poder perdendo espaço para o poder do Estado, e inicia o processo de romanização da Igreja Católica no Brasil, ou seja, reafirmação e propagação do catolicismo oficial sustentado pela Igreja Católica Apostólica Romana. Na ex-Colônia Silveira Martins, esse processo materializa-se com a chegada dos padres Palotinos entre 1884 e 1900, imbuídos de

[...] desenvolver um projeto disciplinar intencional que deveria envolver toda a tessitura social, normatizando e regulando as relações individuais, seja na família, na escola, nas associações, na imprensa, na agricultura, no trabalho, no lazer, na política, na nas relações sociais e até mesmo na intimidade [...] Objetivava-se redefinir os valores, a maneira de pensar e de agir e corrigir as práticas e hábitos contrários à ortodoxia católica e à sociedade burguesa. (MARIN, J. R., 1999, p. 75-76)

O autor explica que todas as atividades do âmbito da diversão, dos jogos, das corridas de cavalo, dos bailes que não estavam orientadas pela Igreja eram condenadas como desordem, perdição e repreendidas nos sermões. Os padres Palotinos também combatiam o associativismo desenvolvido de forma autônoma e independente. Em um dos relatos de nossa pesquisa, identificamos esse elemento, quando ainda com sede provisória, a SACE Polesinense promovia bailes em salões das famílias:

E na época era muito rígido também. Nos bailes que a gente fazia no salão, a maior encrenca que nós enfrentava era com os padres. Tinha uns padres aqui que vou te contar! Se tinha baile no sábado, no domingo o sermão era só pro baile. Chegava de manhã e não davam nem comunhão se tu tinha ido no baile. Eu enfrentei cada encrenca com os padres aqui! [...] Baile era pecado, não podia. (ISIDORO, 81 anos, São João do Polêsine, 10-07-2013)

Para Bruhns (1996), o desenvolvimento de uma moral burguesa e da nova ordem racional, advindas com a modernidade, eram incompatíveis com os antigos jogos. Existia a condenação de qualquer manifestação que não tivesse caráter racional e que fosse

²⁶ O tema encontra-se aprofundado na obra “Ora et Labora: o Projeto de Restauração Católica na ex-Colônia Silveira Martins”, de Marin, J. R. (1993).

descompromissada com o sistema. A autora afirma que o jogo assume, então, caráter importante, contrapondo-se a qualquer racionalidade econômica.

A insistência na condenação dos bailes, jogos e festividades populares evidencia a resistência da população. É certo que os jogos estavam presentes no cotidiano dos imigrantes e seus descendentes desde os primórdios da colonização em Vale Vêneto e em São João do Polêsine, como demonstraram os dados de nossa pesquisa. Concordamos com Marin (1993) quando argumenta que por um lado havia a resistência da populações às condenações das manifestações de diversão, mas por outro lado as pregações geravam conformidade quanto à não criação de novas alternativas.

Podemos inferir que as características geográficas, a situação político-econômica, as relações sociais estabelecidas a partir do projeto de romanização da Igreja Católica dificultaram o surgimento das Sociedades em Vale Vêneto e São João do Polêsine.

A partir da década de 1930, aparecem ainda outras dificuldades tanto para a criação quanto manutenção de Sociedades. Paz (1998), sobre a colonização alemã em Nova Petrópolis (RS), elucida três momentos históricos vivenciados pelos imigrantes desde sua chegada no Brasil: o primeiro diz respeito propriamente à chegada deles, ao estabelecimento nas colônias e ao suprimento das necessidades imediatas de sobrevivência; o segundo é caracterizado pela reconstrução cultural à maneira do país de origem; e na década de 1930, tem-se início o terceiro momento, de desmoronamento do primeiro quadro cultural construído pelos imigrantes, causado pelas medidas da campanha de nacionalização do país tomadas durante o Estado Novo²⁷.

No decorrer desse período, as Sociedades existentes que cultivavam manifestações socioculturais de seu país de origem foram fechadas e a língua de origem proibida. Em contrapartida, eram desenvolvidas manifestações esportivas nas escolas. Estas medidas foram tomadas em prol de um projeto de nacionalização do país, que objetivava gerar uma cultura única brasileira e a modernização do Brasil, a partir da consciência moral e cívica.

Segundo Marin, J. O. (1999), as medidas tomadas pelo Estado Novo também eram de combate ao integralismo que representava perigo à segurança nacional. O movimento de caráter nazi-fascista conquistou a afinidade de significativa parcela dos colonos de origem alemã e italiana. Para o autor, os colonos sentiram-se representados pelo movimento, pois esse se ancorava em princípios aceitos pelas populações coloniais, como o trabalho, a hierarquia, a disciplina, a família e a nação, assim como pela identidade com o país de

²⁷ Regime político brasileiro, tendo como presidente Getúlio Vargas. O período durou entre 1937 e 1945, sendo caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e autoritarismo.

origem. Aliados a isto, estava o desejo dos colonos de maior participação no processo político. Entretanto, Marin, J. O. (1999, p. 115) explica que “a crença em uma sociedade menos discriminatória foi um engano na medida em que ingressaram num movimento autoritário, defensor da sociedade de classes e contra os avanços dos proletários e trabalhadores rurais”, culminando com as medidas repressivas do Estado Novo contra o movimento.

Embora não tenha sido um dos focos nas entrevistas, identificamos em uma delas a presença de represálias feitas aos tempos e espaços construídos para as manifestações culturais durante esse período, que foram forçosamente obrigadas a readequar-se às novas tendências da cultura brasileira que estava sendo formada. Hortência comenta que ouvia as pessoas mais velhas contarem sobre estes acontecimentos:

[...] Os bem antigos, acho que os primeiro imigrantes... eles jogavam e foi uma época que ninguém podia pronunciar nenhuma palavra em italiano. E eles jogando, é lógico, só sabiam falar em italiano. E aí tinha um tal de coronel... deixa eu ver como era o nome dele... Bom... E eu sei que alguém escapou e falou uma palavra em italiano e daí ele foi preso... foi preso e morreu infartado de tanta tristeza. (HORTÊNCIA, 69 anos, Vale Vêneto, 26-08-2013)

Ainda que as famílias sofressem com o autoritarismo e a tentativa de criação de uma identidade brasileira, as Sociedades foram uma das principais instituições culturais a tornarem-se alvo das medidas autoritárias. Se nesse período, em São João do Polêsine e em Vale Vêneto, existiu necessidade da criação de Sociedades, ela foi abafada pelas leis e decretos da época.

Na Constituição de 1934, art. 121, parágrafo 6º, ficou estipulado que o número de imigrantes procedentes de cada país não poderia ultrapassar anualmente o limite de 2% sobre o total dos respectivos nacionais fixados no país durante os últimos 50 anos. E em 1938, o Decreto – Lei n.º 383, de 18 de abril de 1938, proibiu os brasileiros natos ou naturalizados, ainda que filhos de estrangeiros, de pertencerem a clubes e Sociedades com fins culturais, beneficentes ou assistenciais fundadas por imigrantes. Luca (1990), a partir de seus estudos sobre Sociedades italianas em São Paulo, afirma que as medidas de leis e decretos desse período determinaram, de certa forma, um refluxo acentuado na fundação de novas Sociedades italianas.

Mazo (2007), no estudo sobre a nacionalização das Associações Esportivas de Porto Alegre, também aponta que estas medidas obrigaram os espaços culturais a se adequarem às novas exigências do país. A repressão aos imigrantes alemães e italianos agravou-se em 1942, quando o Brasil expressou apoio aos países aliados durante a Segunda Guerra Mundial.

A autora afirma que as Associações Esportivas mostraram resistência ao processo de ruptura e fragmentação de sua identidade cultural, unindo-se entre si, formando associações maiores e evitando a extinção das menores. Outra alternativa foi a inserção de novas práticas esportivas em seu rol de manifestações culturais, como por exemplo, o futebol, o basquete e o tênis, que vinham conquistando inúmeros praticantes na época.

A campanha de nacionalização, amplamente difundida pelo governo de Getúlio Vargas, contava com o futebol como um dos elementos centrais para despertar o sentimento pátrio e de pertencimento à nação brasileira, culminando com a Copa do Mundo de 1950, sediada no Brasil, e com a seleção brasileira campeã da Copa do Mundo em 1958. O período que segue após o Estado Novo, dá-se continuidade ao incentivo ao esporte, especialmente ao futebol.

São João do Polêsine e Vale Vêneto também sentiram a influência nacional do futebol. Emilio afirma que não se conhecia o futebol na região. Passou-se a conhecer a partir dos seminaristas da escola de formação de padres Seminário Rainha dos Apóstolos que trouxeram essa prática para a comunidade. Francesco corrobora:

Depois na década de sessenta, por aí, pelo menos na história de Vale Vêneto, na década de sessenta começou o futebol. Antes de sessenta, o Seminário começou a construir uns campos de futebol ali. Ninguém conhecia futebol ainda. E o Seminário construiu futebol pros alunos e até o próprio Colégio das Irmãs usavam. E depois eles foram vendo isto e começaram a pensar em futebol. Foi lá pela época de cinquenta a sessenta. (FRANCESCO, 70 anos, Faxinal do Soturno, 27-06-2013)

O incentivo à prática desportiva, com destaque para o futebol, manifestou-se não somente entre os seminaristas e alunos, mas por grande parte da população, que jogava nos finais de semana em potreiros e formava equipes para campeonatos na sede (Vale Vêneto e São João do Polêsine), como também em outros municípios. A década de 1950 e 1960 é destacada pelos entrevistados como período de surgimento de inúmeras equipes de futebol em toda a região da Quarta Colônia.

Marin *et al* (2012, p. 74) atentam para a substituição dos jogos tradicionais pelo esporte moderno, pelos jogos eletrônicos e outras mercadorias da indústria do entretenimento:

[...] os jogos das sociedades tradicionais são substituídos pelos modernos em proveito de jogos atrelados a um processo de alta lucratividade, como os jogos eletrônicos. Nessa direção, de modo similar, entram em cena os chamados "esportes" institucionalizados que obtiveram grande impulso no decorrer do século XX.

A passagem do jogo ao esporte moderno, segundo Bourdieu (1983), acontece pela utilização de alguns jogos, por parte das escolas da classe dominante, como simples exercícios corporais, o que acarreta a mudança no sentido e na função dos mesmos dentro do contexto da grande burguesia e da cultura denominada “oficial”. A transformação do jogo em esporte acontece quando aquele perde suas características associadas a ocasiões da vida do povo.

O autor afirma, ainda, que a prática de esportes, principalmente para os adolescentes das classes populares e médias, possibilita o surgimento de demanda futura, ou seja, produz futuros consumidores de espetáculos esportivos. O esporte, que nasceu dos jogos populares, retorna ao povo sob a forma de esportes midiáticos, eventos e produtos esportivos que a mídia convence a consumir. Nesse movimento, segundo os relatos, surgiu a necessidade de constituição e organização de um espaço para a prática do futebol, sede para abrigar troféus, materiais, uniformes e que tivesse registro civil como pessoa jurídica e em outros órgãos governamentais, via para angariar fundos financeiros para a manutenção desse espaço.

Além da iniciativa fecundada pelos times de futebol, identificamos o desejo de reunir diferentes manifestações culturais da comunidade em um espaço e tempo comum, abarcando número maior de pessoas motivadas pelo encontro entre as famílias e as gerações. Isidoro, emocionado pela memória emersa, relata o quão importante os encontros na SACE Polesinense eram para todos, *“uma coisa que deixou saudade pra todo mundo... enxergar o pai, o avô, os filhos, todos sentados festejando”*.

Renato e Acácia argumentam da necessidade de existência de um espaço e tempo comum para a população e as gerações seguintes de Vale Vêneto, para além das festividades da Igreja e das missas nos finais de semana:

O objetivo era de reunir mais as famílias em torno de jogos, em torno de encontros... Porque primeiro iam pra missa e iam pras casas. Não tinham um ambiente em comum. Com isso ali a gente conseguiu... O pessoal sai da missa e se reúne tudo ali... Jogam baralho, bocha. (RENATO, 70 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013)

Nós queria ver ela crescendo num lugar que vai pros netos, pros bisnetos, pros amigos, um lugar de lazer. Então, a gente queria fazer sempre ela mais bonita, terminar todos os retoques, fazer um piso melhor, uma coisa que a gente tenha orgulho de ter feito [...] É um orgulho nós ter Sociedade, porque ir aonde? Os nossos netos a gente vê que vai ali e já jogam e coisa... e se não tiver? Vão ir aonde? Nos domingos? Não tem... E assim, eu acho que não deve terminar. Porque não é só pros nossos netos, é pros nossos bisnetos, vai continuando. (ACÁCIA 68 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013)

Identificamos que, em ambas as Sociedades, o trabalho coletivo e voluntário foi imprescindível para suas consolidações, destacando-se nas falas o empenho para a construção das sedes oficiais e para sua manutenção. A forma de organização do trabalho em mutirão, ou

seja, o auxílio mútuo que se prestavam os agricultores por um dia ou mais, expressou-se nas Sociedades. Os dias que cada membro trabalhava em prol das construções e reformas das mesmas eram gratuitos, listados como “dias de trabalho doado”.

Na construção todo mundo ajudou. Era escalado tal turma, tal dia. Cada um ajudava um pouco. Na época todo mundo se ajudava, não é que nem hoje que ninguém mais se ajuda. Se fosse hoje, só se tivesse dinheiro... Aqui foi feito tudo assim... desde o Hospital das Freiras, foi tudo o povo quem fez. Cada um dava uns dias de serviço. (BENITO, 73 anos, São João do Polêsine, 30-08-2013)

Naquele tempo quando tinha uma doença de um cara e não podia trabalhar... dava um grito e todo mundo vinha ajudar. Então se avisava que domingo, se tava de folga, tal hora era pra ir lá... acumulava até 50, 60 pessoas. Quem com arado de boi, quem com foice, quem com machado, quem com enxada... Todo mundo trabalhava... até escurecer... e saía de lá cantando... caminhando e cantando. Era uma alegria que se tinha! (EMILIO, 91 anos, Vale Vêneto, 14-08-2013)

A partir das falas, podemos inferir que o sentido do trabalho nas obras da comunidade não estava relacionado à venda da mão-de-obra, mas motivado pela necessidade individual e coletiva da existência de hospitais, escolas, postos de saúde e locais de encontro de toda a comunidade, como as Sociedades. Como afirma Duarte (1999 e 2004), existe sentido porque há identificação entre as necessidades de quem age e os fins da atividade, mediatizado pela consciência das relações entre os fins e o motivo ou os motivos.

3.3.1 Surgimento da SACE Vale Vêneto

Segundo os relatos, o desejo de constituição de uma entidade foi fomentado pelos praticantes de futebol, especialmente pelos proprietários do local destinado à prática. Em Vale Vêneto, as partidas de futebol eram realizadas em um potreiro pertencente à família Dotto, onde já existiam duas canchas e aconteciam encontros para os jogos de bocha e baralho. As pessoas que jogavam futebol eram, principalmente, jovens e homens, enquanto os mais velhos divertiam-se nas canchas e mesas. Assim iniciaram discussões e proposições da formação de uma Sociedade que abarcasse, não somente o futebol, mas outras práticas sociais de diversão da comunidade.

Em 1962, conforme Ata nº 1, o registro mais antigo encontrado junto à pesquisa documental na SACE Vale Veneto, houve a formação de uma agremiação, nomeada Esporte Clube Vale Vêneto, com a perspectiva de desenvolvimento tanto “no aspecto futebolístico, como também para criar entre as crianças dessa localidade, um ambiente que demonstre

espírito de familiaridade, espírito de cooperação e de amizade” (VALE VÊNETO, Ata n. 1, de 10 de junho de 1962).

Na medida em que discutiam acerca do local da sede da Sociedade, emergiram discordâncias já ocorridas durante o processo de construção da Igreja Matriz de Vale Vêneto, nas primeiras décadas dos imigrantes na região. Santin (1986) explica que, embora o êxito da colônia dependesse da integração e união entre os imigrantes, existiram muito conflitos provindos das particularidades que cada família trouxe consigo e que as identificavam como grupo, como por exemplo, a sua província, seu santo padroeiro, sua igreja, suas músicas, refletindo em questões coletivas da colônia, não somente no campo religioso, mas político, econômico e social. Como a vida religiosa era o centro polarizador dos imigrantes, nela refletiu-se tanto a integração da população, como também conflitos.

Em Vale Vêneto, a luta de forças deu-se na definição da sede do núcleo, onde seria construída a capela. Segundo o entrevistado Francesco, o grupo liderado pela família Dotto, defendia o estabelecimento da capela na região em que as cinco primeiras famílias de imigrantes se estabeleceram, atualmente próximo à Sociedade Caravel Esporte Recreação e Cultura (SCERC). Outro grupo, incentivado pela família Bortoluzzi, pleiteava a ideia de localização onde a maioria das famílias estava concentrada, atual centro²⁸, obtendo êxito por meio de consulta popular feita na época. Em 1885, deu-se início às obras de construção da capela, local que atualmente situa-se a Igreja Matriz de Corpus Christi (ver Figura 4 e Figura 5)

²⁸ Os entrevistados denominam “centro” a região com maior concentração de casas e onde se encontra atualmente a Igreja Matriz, o Seminário Rainha dos Apóstolos, o Salão Paroquial, a agência de Correios, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Pe. Rafael Iop, a SACE Vale Vêneto, o bar (que também é a rodoviária) e outros pequenos estabelecimentos.

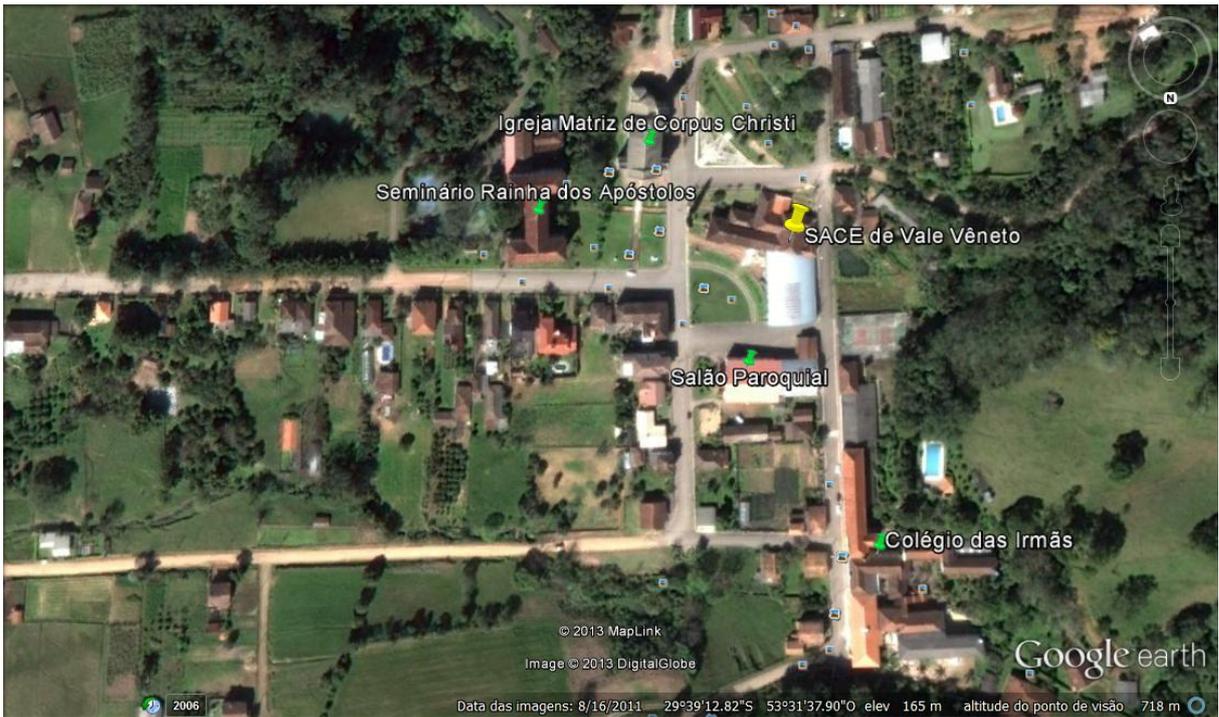


Figura 4 - Localização da SACE Vale Vêneto

Fonte - Google Earth. Disponível em: <www.earth.google.com>. Acesso em: 16 dez. 2013



Figura 5 - Sede atual da SACE Vale Vêneto

Esse conflito repercutiu por longo tempo na vida da comunidade. Na década de 1960, influenciou na escolha da sede da Sociedade que estava sendo projetada, culminando com a separação do grupo em dois e a fundação de duas entidades: a SACE Vale Vêneto (localizada no centro) e a SCERC (localizada em torno de 2 km do centro). Francesco rememora esse período:

Mas ficou na memória. Eu me criei ouvindo aqueles lá de baixo praguejando essa decisão da construção da igreja. E quando foram criar um clube, sem eles se darem conta, fluiu aquilo que estava no subconsciente deles. E aí se dividiram. (FRANCESCO, 70 anos, Faxinal do Soturno, 27-06-2013)

Inicialmente, ambas as Sociedades contavam com sede provisória. A SCERC continuou seus encontros na propriedade da família Dotto, com o potreiro para o futebol, as duas canchas de bocha e as mesas de baralho. Anos mais tarde, compraram o terreno próximo, onde atualmente está estabelecida.

Já os membros da SACE Vale Vêneto faziam seus encontros em propriedades de duas famílias: no Salão da família Rorato, local de bailes e próximo às carreiras de cancha reta; e no bar do senhor Antônio Pivetta, localizado em sua residência, no centro de Vale Vêneto. No bar ficavam os troféus e taças conquistadas pelo time de futebol e, posteriormente, pelas equipes de bocha, e onde foi construída, em Vale Vêneto, a primeira cancha de bochas de chão batido conforme as regras da Federação Riograndense de Bochas (FRGB)²⁹, ou seja, canchas regulamentadas. As partidas de futebol aconteciam no campo pertencente ao Seminário Rainha dos Apóstolos, emprestado a partir de convênio com a SACE.

Segundo Ata n.º 1 – Ata de Fundação da SACE Vale Vêneto, em 15 de junho de 1965, na residência do senhor Antônio Pivetta, aconteceu a primeira assembleia geral com objetivos de: criação de uma sede social como ambiente de bem-estar, recreação e convívio entre os associados; apreciação dos Estatutos; e autorização para registro como pessoa jurídica.

Francesco e Renato contam que a composição dos Estatutos deu-se ao longo de várias reuniões. Cada capítulo e artigo do documento eram discutidos entre todos os membros (ao todo eram 44 membros fundadores, todos homens, segundo Nominata de Sócios Fundadores da SACE Vale Vêneto, de 31/01/1966). Porém as exigências burocráticas ficavam a cargo do secretário, escolhido por ser “homem letrado e intelectual da época”, afirmam os entrevistados. Além disso, buscou-se ajuda junto ao deputado federal que tinha relações de amizade e políticas com os membros da SACE Vale Vêneto, orientando o grupo a enfatizar o

²⁹ Atualmente denominada Federação Gaúcha de Bocha.

caráter esportivo da entidade, pois contribuiria para dar visibilidade e angariar possíveis recursos econômicos com Governo Federal.

Nos Estatutos de 1965, os mesmos que vigoram atualmente, as finalidades da Sociedade ficaram dispostas em Agrícola, Cultural e Esportiva.

Agrícola no sentido de dar assistência para associados e pequenos agricultores não associados, com produtos agrícolas, mudas, sementes, adubos e de incentivar a vinda de técnicos para ajudar nas lavouras. Essa finalidade pode ser constatada também no caderno de registro de compra e distribuição de sacas de sementes e adubos feitas pela SACE para os seus membros, bem como em atas de reuniões que deliberavam a vinda de agentes para o ensino de técnicas nas atividades agrícolas e pecuárias. Segundo Francesco, a ênfase na finalidade agrícola deu-se nos primeiros anos da entidade, para suprir a necessidade dos trabalhadores de implementação de novas técnicas no trabalho. Posteriormente essa função passou às cooperativas agrícolas da região, conta o entrevistado: *“Seguido nós fazia palestras sobre técnicas para a agricultura. E era aberto para todos. Mas os tempos mudam, porque hoje tem a Emater que supre esta necessidade, tem as cooperativa”*. Segundo Saquet (2002), após 1960, houve a expansão do modo capitalista de produção nas unidades rurais do RS, principalmente por meio de mecanismos tecnológicos, industriais e financeiros mediados pelo cooperativismo empresarial. O autor explica que existe aí a subordinação e exploração do pequeno produtor agrícola desde o momento em que esse se associa à cooperativa, pois recebe pouco por seus produtos vendidos e em contrapartida vê o aumento exagerado nos preços dos insumos.

Cultural, pois contempla o desenvolvimento de manifestações culturais da população, como a realização de bailes e outras reuniões festivas, promoção de conferências sobre assuntos sociais de interesse da comunidade. As atas explicitam o desenvolvimento dessas atividades desde a fundação até a atualidade. Entretanto esse aspecto passou por transformações nas últimas décadas e é analisado no subtítulo “As SACE Vale Vêneto e SACE Polesinense na atualidade”.

E, esportiva, porque a Sociedade consolidou-se como sede para a prática de “todos os jogos e esportes permitidos em lei, como bochas, ping-pong, voleibol, futebol, ‘handebol’, etc” perdurando na atualidade. (VALE VÊNETO, Estatutos, Art. 5º, p. 9, 1965),

Identificamos que o jogo de bocha, nas residências das famílias expresso como jogo tradicional, começa a ser referenciado como esporte nos Estatutos, Atas e Regulamentos da

Sociedade. Essa questão será analisada em conjunto com a SACE Polesinense, no subtítulo “Os Jogos Tradicionais nas SACE Vale Vêneto e SACE Polesinense”.

As dificuldades enfrentadas referentes à localização de Vale Vêneto, à falta de recursos financeiros, aos processos burocráticos exigidos para a fundação de uma Sociedade, são expressas nas falas dos membros fundadores e nos documentos de correspondência trocados entre a SACE Vale Vêneto e os órgãos do Governo Estadual e Federal.

Segundo o documento enviado ao Diretor do Fórum do município de Júlio de Castilhos³⁰, em 31 de janeiro de 1966, para registro de pessoa jurídica era necessário: publicação de parte dos Estatutos da Sociedade no Diário Oficial do Estado; Estatutos em sua íntegra; Ata de Fundação registrada em tabelionato; Nominata dos sócios fundadores. No mesmo ano foi conquistado tal intento.

Já as tramitações burocráticas para o registro no Conselho Nacional de Serviço Social (CNSS) do Ministério da Educação e Cultura, localizado no Rio de Janeiro, levaram em torno de quatro anos. Identificamos correspondências trocadas entre entidade e CNSS, desde 1966 até 1970 (data em que foi efetivado o registro). Durante esse processo houve a exigência de mudança nos Estatutos, com a inserção de artigos referentes ao esclarecimento de ser entidade sem fins lucrativos; da não remuneração dos membros; de assistência ao pequeno agricultor; da realização de festividades em benefício a orfanatos, dentre outras alterações.

Em 1967, dois anos após sua fundação, foi concedido alvará de Licença para seu funcionamento como entidade esportiva. (RIO GRANDE DO SUL, Conselho Regional Esportivo, Alvará n. 484/67, de 12 de maio de 1967). E em 29 de setembro de 1973, conforme Certidão de Registro Definitivo n.º 12.023, na Secretaria da Justiça, do Trabalho e da Cidadania do Estado do Rio Grande do Sul, a Sociedade obteve o Registro de Entidades Cíveis para Habilitação ao Recebimento de Auxílio do Estado, com a finalidade Cultural e Esportiva.

Todos estes registros e alvarás eram necessários para que a Sociedade conseguisse auxílio financeiro e para que fosse reconhecida pelas outras entidades e junto a órgãos como Ligas Esportivas e Federações.

Até o ano de 1972, a SACE Vale Vêneto contou com sua sede provisória, nas propriedades das famílias Rorato e Pivetta. Nesse ano ela alugou as instalações do antigo Pensionato São Luiz³¹, localizado ao lado da Igreja Matriz de Corpus Christi. De acordo com a Ata 110, de 7 de abril de 1974, houve a compra desse espaço, viabilizada por campanhas

³⁰ Município brasileiro do Estado do Rio Grande do Sul, localizado em torno de 68 km de Vale Vêneto.

³¹ Antiga casa que hospedava os alunos do Seminário Rainha dos Apóstolos de Vale Vêneto.

entre os membros para doações em dinheiro, verbas concedidas pelos órgãos estaduais e federais de fomento à cultura, à educação e ao esporte nos quais a entidade estava registrada, e promoções de rifas, jantares e bailes.

A partir das falas dos entrevistados e da pesquisa de campo, podemos inferir que a localização da sede oficial da SACE Vale Vêneto foi imprescindível para a sua consolidação. Após o encerramento das missas na Igreja Matriz, aos sábados à noite e aos domingos pela manhã e tarde, as pessoas deslocam-se para a Sociedade, reunindo-se para jogar, conversar, reforçar os laços sociais.

3.3.2 Surgimento da Sociedade Agrícola Cultural e Esportiva Polesinense

A necessidade de existir sede para o time de futebol manifestou-se em São João do Polêsine. Benito, em seu relato, conta que no período entre 1940 e 1960 surgiu uma equipe de futebol, assim como em outros locais da região. Passaram a disputar campeonatos, conquistar troféus e a receberem times das outras localidades para partidas em São João do Polêsine:

Nós tinha um time de futebol, nós tinha que ter uma sede também. Porque a gente ia pra torneio e não tinha onde botar os troféus e as coisas. Então foi por causa do time. E aí já foi todo o resto junto. Foi formada uma Sociedade [...] E tinha o Claudio Dalmolin, que foi até o primeiro presidente [...] Aí ele pegou um caderninho lá e começou a anotar, a se associar ali, e fizemos uma Sociedade. Aí ficou ali no bar, que ele era o dono do bar na época. Aí se deixava os troféus, tudo ali. (BENITO, 73 anos, São João do Polêsine, 30-08-2013)

O bar citado por Benito, diz respeito ao Bolicho 15 de Novembro, no centro³² de São João do Polêsine, onde jogavam bocha e baralho e era alvo de represálias pelo delegado da região que, segundo Isidoro, proibiu os jogos no bolicho, permitidos somente mediante registro civil do estabelecimento como entidade cultural e esportiva. Isidoro relata a atitude do delegado da época e como conseguiram contornar a situação:

Ele era meio radical. Era proibido jogo... cinquilha... bocha [...] Bom, eu sei que fundamos a Sociedade e o que eu fiz? Lá na porta do bar, eu preguei 'Reservado, Sociedade Recreativa Polesinense'. Nós não tinha sede, mas lá era nosso. Era como se fosse nosso. Então nós fazíamos as reuniões lá. Pra fazer o clube levou uns 3, 4 anos. Demorou um pouco pra fazer o clube. Mas a gente fazia baile, a gente alugava

³² Em São João do Polêsine, o centro é entendido como a região com maior concentração de casas, de estabelecimentos comerciais. Também local onde se situam os bancos, o hospital, a Escola Estadual de Educação Básica João XXIII, a Igreja Matriz, o Salão Paroquial, dentre outras instituições e estabelecimentos.

um salão ou outro [...] Ali nós podia jogar. Ali delegado nenhum podia mexer, porque era clube. (ISIDORO, 81 anos, São João do Polêsine, 10-07-2013)

Assim, iniciou-se a Sociedade, como espaço institucionalizado para que os jogos de bocha e baralho fossem vistos com bons olhos pelas instituições locais, para as atividades esportivas e como espaço organizado para bailes e confraternizações.

Segundo a Ata n.º 1, de 27 de janeiro de 1962, em torno de 71 homens da comunidade reuniram-se para fundar a Sociedade Recreativa Polesinense. Na ocasião, houve a aprovação dos Estatutos e votação da primeira diretoria. Somente em 1983, a entidade é registrada como Sociedade Agrícola Cultural Esportiva Polesinense. De acordo com a Ata n.º 121, de 5 de julho de 1983, houve alteração do nome para que a Sociedade pudesse usufruir de todos os seus direitos e conseguir angariar recursos maiores junto aos órgãos de fomento ao esporte e à cultura.³³

As dificuldades em relação a exigências e tramitações burocráticas também foram identificadas nos documentos dessa Sociedade. Os registros necessários, como de pessoa jurídica, inscrição no CNSS, dentre outros órgãos, aconteceram no decorrer da primeira década de existência da SACE Polesinense.

A partir dos relatos, na segunda metade da década de 1960, iniciaram as discussões e planejamentos de construção de sede própria pra a Sociedade, já que a estabelecida no Bolicho 15 de Novembro era provisória. Isidoro relata que no decorrer dos anos foram arrecadados fundos para a compra de um terreno para a sede oficial, cuja construção iniciou em 1966, sob a presidência de um médico, incumbido de estabelecer ordem e comandar a construção da nova sede, já a posição social dos médicos era privilegiada durante o período de ditadura militar no país.

O Binato foi o presidente que construiu o clube [...] E ele sabia de todas as dificuldades porque ele era bastante dinâmico, mas ele era rígido. E o pessoal tinha, não digo medo, mas respeito, porque médico... o único médico... e ele mandava o que tinha que fazer. Era o tempo da ditadura.

Entretanto, havia alguns empecilhos no que tange à localização da SACE Polesinense. A nova sede estava instalada longe do centro de São João do Polêsine e precisava garantir a frequência da comunidade no local, já que a referência para o encontro era o Bar 15 de Novembro, com suas canchas de bocha e os recintos para o jogo de baralho. Segundo o entrevistado Giovani, a primeira medida para aumentar o movimento de pessoas no novo

³³ Optamos em utilizar em todo nosso texto o termo “SACE Polesinense” por se tratar do nome atual da entidade.

espaço, foi a construção da cancha de bocha regulamentada e a inclusão de mesas para os jogos de baralho, atraindo a maioria dos jogadores.



Figura 6 - Localização da SACE Plesinense

Fonte - Google Earth. Disponível em: <www.earth.google.com> Acesso em: 16 dez. 2013



Figura 7 - Sede atual da SACE Polesinense

3.3.3 Os Jogos Tradicionais nas SACE Vale Vêneto e SACE Polesinense

Na primeira década, após a fundação das SACE Vale Vêneto e SACE Polesinense, o encontro para os jogos tradicionais ainda estavam fortemente ligados à esfera familiar, vicinal e de compadrio, coexistindo com a esfera institucionalizada da Sociedade. Enquanto a regulamentação abarcava apenas o nível mais geral das SACEs, o espaço e tempo para os jogos tradicionais não sofreram transformações significativas. Os encontros no Bar 15 de Novembro, sede provisória da SACE Polesinense, continuavam. Também eram mantidas, em Vale Vêneto, as corridas de cancha reta e bailes na propriedade da família Rorato e jogos de bocha no Bar do senhor Antônio Piveta. Francesco esclarece: *“Ficou um tempo meio parado. Uns iam lá embaixo³⁴, outros não iam. Jogavam nas casas ou jogavam ali no boteco mesmo. Depois quando construímos a cancha na propriedade do Antônio Piveta, daí ficou a entidade tocando essa área dos jogos”*.

Dentre as primeiras medidas tomadas, em conjunto com os registros e alvarás exigidos, no sentido de institucionalizar o espaço das Sociedades, estava a criação dos Estatutos, e neles a determinação de quem poderia fazer parte das mesmas. Segundo os Estatutos de ambas as SACEs, os sócios deveriam ser maiores de 18 anos e exigia-se conduta moral exemplar, existindo punições e até mesmo expulsão por condutas inadequadas ao ambiente. Podiam fazer parte pessoas de ambos os sexos. Entretanto todos os entrevistados afirmam que inicialmente as entidades eram constituídas apenas por homens, já que eram eles os que jogavam e participavam das atividades sociais. Posteriormente, com a consolidação das sedes oficiais, a mulher passou a ser aceita. Também era imprescindível o pagamento de mensalidade ou anuidade, verba essa utilizada para a manutenção do local. Nos relatos dos entrevistados, essa questão surge com destaque:

Era um reservado, tinha uma placa na frente. Então algum que quisesse jogar... não... aqui pra jogar tem que ser sócio... Aí que conseguimos sócios... Pode entrar, mas tem que ser sócio. Então o cara se associava na Sociedade, tinha uma mensalidade pra pagar, pra gente poder manter... Como que a gente ia fazer as coisas lá, se tu não tem alguma vantagem pra dar? (ISIDORO, 81 anos, São João do Polêsine, 10-07-2013)

Nós na época fazia um trabalho de formiguinha...Nós ia de um a um ‘ah, tu tem que ser sócio, senão tu não pode jogar, senão tu vai só assistir’. E aí botava uma lei pra cima do cara. Aí o cara se obrigava a se associar. (RENATO, 70 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013)

³⁴ O entrevistado refere-se ao Salão da família Rorato, localizado em torno de 2,5 km do centro de Vale Vêneto.

O encontro para os jogos tradicionais, para os bailes e para a renovação das relações sociais aos poucos foi incorporado pelas sedes das Sociedades em detrimento das reuniões familiares aos finais de semana. A partir das entrevistas, identificamos que de um lado há a perda das relações sociais mais próximas, pautadas no compadrio e na família, e de outro há a aproximação da comunidade por meio de um espaço e tempo comum. As transformações que possibilitariam a participação de todos são as mesmas que limitam e restringem por meio da institucionalização do espaço.

3.3.3.1 Os jogos de bocha nas Sociedades

Na segunda metade da década de 1960, houve, além da propagação dos times de futebol, o surgimento de várias equipes de bocha, que passaram a disputar campeonatos na região da Quarta Colônia. Esse processo está relacionado às medidas de nacionalização e a pulverização do esporte no país iniciados no período do Estado Novo. Mazo (2006), afirma que, na década de 1940, a Associação Porto Alegrense de Bocha foi extinta, em cumprimento ao Decreto-Lei nº 3.199 de 1941, que estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país, e em seu lugar foi criada a Federação Riograndense de Bocha (FRGB), responsável por incentivar, desenvolver e fiscalizar a modalidade no estado.

Observamos a influência desse órgão já na primeira década de existência das SACEs e com maior intensidade a partir da consolidação de suas sedes oficiais, com a construção de canchas de bochas regulamentadas³⁵ e a filiação na FRGB. Segundo os relatos de Giovani e Renato, a inauguração das canchas das duas Sociedades contou com a presença do Presidente da FRGB.

Em 1968, as entidades do município de Faxinal do Soturno (SACE Polesinense, SACE Vale Vêneto, Sociedade Caravel Esporte Recreação e Cultura e Sociedade Recreativa Sítio dos Mellos) criaram a Liga Faxinalense de Bocha, com o objetivo de “dirigir e fomentar o desporto da Bocha nesse município” (FAXINAL DO SOTURNO, Estatutos da Liga Faxinalense de Bocha, Cap. I, Art. 2º, 1968). Os membros da liga eram responsáveis em reconhecê-la como entidade máxima dirigente do jogo no município, não podendo participar

³⁵ A primeira cancha de bocha regulamentada da SACE Vale Vêneto foi construída junto ao Bar do senhor Antônio Piveta, sua sede provisória. Entretanto, segundo os relatos dos entrevistados e as atas analisadas, o período de maior destaque deu-se com a construção da nova cancha nas dependências da sede oficial.

ou realizar campeonatos sem prévia autorização da mesma. Além disso, para participar de campeonatos, os jogadores deveriam estar inscritos na FRGB.

Em cada Sociedade foram criados regulamentos internos para o uso das canchas de bocha, com a inclusão de artigos referentes ao tipo de sapato e traje que deveriam ser usados durante as partidas, a contribuição em dinheiro de cada jogador para a manutenção da cancha, a proibição do jogo com apostas em dinheiro e de ingestão de alimentos ou bebidas alcoólica dentro das canchas.

As primeiras canchas de bochas regulamentadas eram feitas de terra e exigia constante manutenção, pois marcas e buracos no chão apareciam a cada arremesso. As canchas regulamentadas com chão sintético surgiram na década de 1990.

Além das competições regulamentadas pelas Ligas e Federações, a bocha era jogada nas SACEs, principalmente aos sábados e domingos, como forma de diversão. Identificamos que havia a coexistência de duas formas de organização do jogo: a institucionalizada (denominada “desporto da bocha” pelos órgãos regulamentadores) e a não institucionalizada.

Identificamos que além da FRGB e a Liga Faxinalense de Bocha imperarem no âmbito das competições e campeonatos oficiais, também influenciaram os jogos não institucionalizados, que abarcaram algumas regras oficiais e o espaço para o jogo (cancha regulamentada).

A partir da análise das atas das duas entidades, o período de maior destaque para a forma de organização institucionalizada da bocha na região foi entre a décadas de 1960 e final 1990. De acordo com o Circular n.º 16, de 27 de setembro de 1981, a FRGB já apontava alguns indícios do seu declínio nos municípios do interior do Rio Grande do Sul, com a redução de Sociedades filiadas e o pedido de auxílio para a divulgação e incentivo à filiação das entidades e dos jogadores na Federação.

3.3.3.2 Os jogos de baralho nas Sociedades

Na análise das atas e outros documentos, encontramos poucos elementos acerca dos jogos de baralho. Todavia nos relatos dos entrevistados, ficou visível que se apresentam como umas das principais manifestações desses espaços e tempos, juntamente com a bocha e o futebol.

Os sábados e domingos eram destinados aos jogos tradicionais não institucionalizados. Enquanto alguns se divertiam nas canchas de bocha das Sociedades, logo ao lado estavam aqueles ora concentrados, ora surpresos e risonhos com as proezas feitas nas combinações das cartas na mão. Os jogos mais praticados eram o cinquilho e o três sete.

Ainda que praticados nas dependências das SACEs, os jogos de baralho continuavam recebendo a atenção dos delegados e instituições locais. Não era permitido jogar com apostas em dinheiro, mesmo que com baixas cifras, ou seja, entre 5 e 10 reais. A partir de então, passaram a jogar com o sistema de fichas: antes do início dos jogos, troca-se o dinheiro pela quantidade equivalente em fichas, junto às copas das SACEs.

3.3.3.3 As carreiras de cancha reta nas Sociedades

Em São João do Polêsine, as carreiras de cancha reta prosseguiram independentes da Sociedade. Já em Vale Vêneto, na década de 1970, houve o arrendamento pela SACE Vale Vêneto do terreno onde aconteciam as carreiras e a construção de uma hípica no local, integrando o departamento esportivo da entidade, com registro junto ao tabelionato do município de Faxinal do Soturno. A iniciativa surgiu da necessidade de conseguir fundos para o pagamento da compra e reformas da sede oficial da Sociedade. Segundo o Art. 20º do Código de Corridas da Hípica Valevenetense, de 13 de julho de 1974, formulado pelos próprios membros da entidade e seguindo as recomendações dos órgãos fiscalizadores, 25% da venda de bilhetes de apostas eram de direito da SACE Vale Vêneto e o restante era dividido entre os apostadores dos animais vencedores.

Outras normas foram estipuladas a partir do Código, como multas e suspensão para o jóquei³⁶ que não obedecesse às ordens dadas pelo juiz; registro fotográfico como forma de verificação do resultado de colocação; apresentação do animal inscrito quatro horas antes da realização da carreira; obrigação de passeio regulamentar dos animais pela pista da Sociedade, acompanhados de seus jóqueis, dentre outras regulamentações.

Segundo os relatos de Renato e Francesco a transformação do espaço e a substituição de cavalos comuns por cavalos próprios para as carreiras, acarretou a exclusão da comunidade local, pois contavam somente com cavalos treinados para o trabalho diário da vida no campo.

³⁶ Pessoa montada no cavalo durante a corrida.

Foi registrado uma hípica... E então começou a lei... Primeiro corria dois, corria no meio do potreiro e tava bem. Depois veio uma lei que tinha que ser trilha. Depois tinha ter box do partidor. Depois tinha que ser o trilho fechado pro cavalo não tomar o trilho do outro. [...] Tinha que ser com foto, tinha que ser com mil e uma coisa! E aí o que aconteceu? Terminou. Começou muito a se pontuar as coisas. (RENATO, 70 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013)

Não era mais aquelas carreirinhas que se fazia fim de semana que os vizinhos se encontravam. Eram cavalos tratados, com técnica, com tratadores, com treinadores. E o custo é alto [...] E é muito pouca gente que aguenta, que mantém um cavalo bem tratado, treinado... tem que todos os dias andar com ele porque tu tem que manter ele enxuto... não é assim, é custo alto, é acima de 1000, 2000 reais. (FRANCESCO, 70 anos, Faxinal do Soturno, 27-06-2013)

Pereira, Mazo e Lyra (2010), a partir de seus estudos sobre as corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre, salientam que a maioria dos criadores de cavalos eram militares, médicos, conselheiros industriais, integrando a elite ligada à vida rural do estado. Essa elite ganhava destaque nas carreiras de cancha reta e incentivavam a modernização das pistas para as corridas. As autoras salientam que a modernização das corridas de cavalo levou à sua transformação em hipódromos e à prática do turfe, uma das principais práticas esportivas no início do século XX em Porto Alegre. Em contrapartida houve a extinção de muitos espaços destinados às carreiras de cancha reta, fato também observado em nossa pesquisa.

Com a iniciativa da Sociedade de modernização das carreiras, houve esvaziamento da comunidade de Vale Vêneto, pertencente à classe trabalhadora, e a apropriação do espaço pela elite rural da região. Os entrevistados relatam as dificuldades encontradas pela própria Sociedade em manter o espaço, visto que era necessário o dispêndio de grandes montantes de dinheiro para a manutenção do local, agora modernizado. As corridas de cancha reta na hípica perduraram até final da década de 1970. Destaca a Ata nº 182, de 03 de janeiro de 1979: “[...] fica afastada a possibilidade de fazer carreiras, devido ao trabalho que daria em preparar os trilhos”. Já a Ata nº 222, de 13 de agosto de 1981, assinala a demolição de duas cocheiras³⁷ e a utilização do material para a cobertura do ginásio poliesportivo, que estava sendo construído no período, bem como a venda das restantes.

³⁷ Local para guardar os cavalos. Sinônimo de estábulo, estrebaria.

3.4 As SACE Vale Vêneto e SACE Polesinense na atualidade

Com a pesquisa de campo, identificamos que atualmente ambas as SACEs contemplam espaço físico constituído por salas, salão para bailes e festas, ginásio com quadra poliesportiva, cancha de bocha com chão sintético e área junto à copa destinada aos jogos de baralho. Aos fundos da SACE Polesinense, encontra-se também um campo de futebol.

Ambas as SACEs continuam sendo espaços para a prática de jogos tradicionais. Entretanto, os relatos expressam que o número de jogadores nas entidades diminuiu. Na SACE Vale Vêneto, continuam jogando bocha e baralho aos finais de semana, após a missa. Já na SACE Polesinense os jogos de baralhos são frequentes no decorrer de toda a semana, porém a cancha de bocha raramente é ocupada com jogos entre amigos e membros da entidade, com exceções de campeonatos entre as empresas do município, denominados “campeonatos de firmas”.

Identificamos, a partir das falas dos entrevistados, vários elementos que contribuiram para que a prática de jogos tradicionais nestas Sociedades diminuísse.

Renato indica o declínio das Sociedades em toda a região da Quarta Colônia: *“Todos os clubes estão apanhando, não é só aqui em Vale Vêneto, é em quase toda a parte. Tu vê ali em Polêsine, ali também os sócios vão se retirando... Vai morrendo... Os novos não dão muita importância... Em Faxinal também é assim... por tudo é assim”*.

Nove entrevistados chamaram a atenção para o fato dos jovens não participarem das SACEs e tampouco jogarem bocha ou baralho. Um dos motivos expressos nos relatos é o interesse dos mesmos por outras formas de diversão, como os esportes e os jogos eletrônicos. Outro ponto é a transformação das famílias, que antigamente contavam com número maior de filhos. Pietro traz esse elemento em sua fala:

Aqui, em um ano foi enterrado 18 pessoas e foi batizado uma. Então vai se terminando os velhos e não vem os novos. E os jovens conforme vai indo, vai saindo. Não tem opção de ficar aqui!. Eu não tenho filho homem, só filha mulher. Mas das duas, nenhuma tá por aí. (PIETRO, 72 anos, Vale Vêneto, 12-09-2013)

O relato de Pietro expressa também o fenômeno do êxodo rural, emergido em todos os relatos como um dos principais motivos do declínio das Sociedades e da redução dos jovens. Antônio, Acácia e Pietro explicam que antigamente os filhos permaneciam com os pais, muitas vezes compartilhando da mesma casa, auxiliando na lavoura para posteriormente

substituí-los e dar prosseguimento à vida no campo. Atualmente, diante das dificuldades de manterem-se no campo, eles saem em busca de estudos e na tentativa de inserirem-se no mundo de trabalho.

Martins (1991) ajuda-nos a compreender esse movimento em sua análise sobre o cerco do capital na propriedade familiar no sul do Brasil, afirmando que cada vez mais o trabalho do colono está submetido ao capital industrial e ao capital financeiro de bancos a partir de empréstimos para manterem a qualidade de sua produção. Entretanto as altas taxas de juros, as despesas para manter a propriedade de terra e de seus meios agrícolas de produção são cada vez maiores e não correspondem com o lucro que têm em suas pequenas propriedades. O autor explica que embora o preço dos alimentos nas cidades seja alto, ele é baixo para os agricultores, pois mais de 50% do preço dos produtos agrícolas ficam com os intermediários. Torna-se difícil a manutenção do pequeno agricultor em sua propriedade familiar e *“seus filhos e netos retomam o caminho da estrada. Matulas nas costas, como seus antepassados de um século atrás, vão saindo aos grupos do Rio Grande, de Santa Catarina, do Paraná”* (MARTINS, 1991, p. 91).

Para Bosi (2003), a condição imposta hoje de extrema mobilidade, em virtude da busca por empregos e melhores condições de vida, faz com que percamos o vínculo com nossa cidade, lar e gerações anteriores de nossa família. Identificamos que este desenraizamento reflete na continuidade dos jogos tradicionais pelas gerações seguintes.

Araújo e Rodrigues (2006) também chamam a atenção para as mudanças ocorridas com a industrialização e os processos migratórios das zonas rurais para as zonas urbanas, diminuindo a população daquela, o que contribuiu para que muitos jogos tradicionais praticados em zonas rurais entrassem em declínio ou fossem substituídos por outras manifestações. Nesse sentido, Maschio e Ribas (2011) concluem que as condições de vida da população, modificadas pela industrialização e urbanização, fazem com que os jogos tradicionais desvinculem-se dos seus sentidos atrelados às colheitas, às festas e à religião. Muitos, nesse processo, transformam-se em esportes, outros entram em fase de regressão ou de extinção.

Estas transformações ocorridas no campo, a substituição do trabalho braçal pelas máquinas, mudou a configuração e acelerou o tempo de trabalho das pessoas. Nesse sentido, há redução do tempo para a diversão e para os jogos. Renato sente essa mudança e conta como o tempo do trabalho transformou o tempo que existia para o jogo.

Até de semana... a gente trabalhava com os bois e não tinha o trator, a máquina, que deixou as pessoas escravas... Trabalham a qualquer hora, tem o ar condicionado, tanto faz almoçar e ir trabalhar porque é sempre o mesmo calor. Naquela época com os bois não. Os bois andam às quatro horas da tarde, porque antes era quente. De meio dia almoçava e ia tudo lá pra cancha, até às quatro horas da tarde... Dando risada... Depois ia capinar, ia trabalhar com os bois que era mais fresquinho... Aí então era um dos pontos que conservava, né. Hoje não tem mais isso, hoje o maquinário deixou o homem escravo. [...] Então, acho que isso que apagou o lazer, apagou a conversa, o diálogo com as pessoas, as conversas o ambiente... isso que eu acho que se foi. (RENATO, 70 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013)

Acácia também sente essa mudança e afirma que *“uma vez se sesteava de meio dia e coisa... Agora não tem mais tempo! Tudo acelerou [...] e ninguém para... Não tem. É trabalho e trabalho e não tem jeito”*.

O aumento da produtividade, a aceleração do tempo é explicada pela necessidade de sobrevivência do homem no campo. A desvalorização dos preços dos produtos, em contraste com o aumento do custo de vida, não dão opção para os trabalhadores. Ocorre o aumento e a aceleração do tempo de trabalho ou abandono do campo para outras regiões.

Uma vez plantava três hectare, quatro ou cinco e colhia 100 sacas de arroz, 100 sacas de soja e se vivia. Hoje não, hoje se é uma família com número bastante de filhos, se não colher dois ou três mil sacas não se vive. A despesa é muita. Tem luz, tem rádio, tem tv, tem telefone... e tudo isso aí hoje custa, né. Então deixa a pessoa escrava, não tem mais tempo. O tempo é rápido. (RENATO, 70 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013)

O aumento da carga de trabalho influencia também no tempo para trabalho voluntário, necessário para a manutenção da SACE. Rosa alerta que atualmente as pessoas não vão às Sociedades porque a mesma *“funciona assim: tu tem que trabalhar de graça, sabe? E hoje em dia não é mais fácil trabalhar de graça, cada um tem seus compromissos. Então o mundo tá desse jeito.”*

Emílio e Renato chamam a atenção para a apatia da população em relação aos trabalhos voluntários e acenam que atualmente sem remuneração pelo trabalho, poucos estão dispostos em auxiliar na manutenção da Sociedade, enfatizando o caráter individualista que os seres humanos desenvolveram em detrimento dos interesses e necessidades coletivas.

Aqui era um céu na terra. Era gente bastante, mas tudo era como se fosse uma só pessoa. Tudo tava de acordo, tudo faziam, todos se ajudavam.... Não tinha coisa pra dizer “não”. Ele deixava de fazer as coisas pra ir onde precisava. Hoje se não pagar uns 100 reais, tu não acha ninguém. Hoje cada um tem sua máquina, tem seu trator e dirige lá... E não quer mais nem saber. (EMILIO, 91 anos, Vale Vêneto, 14-08-2013)

Eu sempre disse que a Sociedade não é nós que vivemos dela, é ela que vive de nós. O clube vive da gente, não é a gente que vive do clube. Como é que vai se manter se o cara não participa, não ajuda? Então, este é o trabalho que não tá sendo mais feito

e que antes a gente fazia. [...] Hoje o povo tá assim... é individualismo... Então, isto é uma coisa que tira a união. Individualismo e união é o contrário. (RENATO, 70 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013)

Duarte (1999 e 2004) ajuda-nos a compreender essa transformação por meio de sua análise sobre a dissociação entre significado e sentido das ações humanas, que na sociedade capitalista atingem proporções destrutivas. O autor explica que na sociedade capitalista, as objetivações do trabalho humano tornam-se mercadorias e que a própria força de trabalho é uma mercadoria. O trabalho humano passa a ter o sentido de obtenção de salário ao final do mês. Não é o valor de uso do que foi produzido que confere sentido à ação, o sentido é dado por seu valor de troca. Para Duarte (2004, p. 57), “a atividade produtiva na sociedade capitalista é essencialmente movida pela lógica econômica de reprodução do capital. É isso que determina o sentido dessa atividade” e que transforma o trabalho em algo estranho e externo ao sujeito, ou seja, em trabalho alienado.

Para a população, o trabalho voluntário perde o sentido de suprir suas necessidades materiais, como a de constituir e manter as Sociedades como espaço e tempo de divertimento, e ganha o sentido de mercadoria, susceptível à obtenção de dinheiro. Não é o valor de uso do que foi produzido que confere sentido ao trabalho; o sentido é dado pelo seu valor de troca. Em contrapartida, as Sociedades, que se consolidaram com o trabalho voluntário, enfrentam dificuldades diante da exigência de remuneração do trabalho para sua manutenção.

Uma das alternativas encontradas por estas entidades é a transformação dos seus interesses, no que diz respeito às manifestações culturais fomentadas por elas e a própria mercadorização do espaço, com cobranças de taxas de aluguel para eventos particulares. Renato afirma que *“quase fugiu de quando começou. Quando começou vivia de jogos. Hoje não, hoje tá mudando. Hoje o lucro não é dos jogos, é de jantares, é de aniversários, é de formaturas. Então entra dinheiro assim. Mas se fosse pelos jogos e pela cozinha, não”*.

Identificamos, com as atas da última década, o grande envolvimento das SACEs com o carnaval da Quarta Colônia, promovido pela Associação Vale do Jacuí Centro de Entidades (AVAJACES). Firmino, em seu relato, expressa as principais atividades desenvolvidas pela SACE Vale Vêneto nos últimos anos:

Ah, promover almoços, eventos. Acho que a maior função agora é os eventos, as festas, excursões que vem aqui e a gente fornece almoço, janta. Então dá um trabalho grande. E a AVAJACES também acho que faz parte. O clube faz parte. São sete clubes, do carnaval da AVAJACES, a gente promove o carnaval. Isto não tinha antigamente. (FIRMINO, 48 anos, Vale Vêneto, 16-07-2013)

Um dos eventos mais representativos para as SACES é a noite do baile de carnaval. A partir da década de 1990, na região da Quarta Colônia, houve a fundação da AVAJACES para a organização e promoção da festividade. A SACE Polesinense e a SACE Vale Vêneto, juntamente com mais cinco entidades, formam o quadro de sócios da Associação. Em cada dia da semana de carnaval, o baile é concentrado em uma das entidades sócias, não havendo coincidência nas datas. Há participação de pessoas de todo o RS e de outros estados. Os dados disponibilizados na página eletrônica da AVAJACES registram público de 30.110 pessoas no decorrer dos sete dias de festividades, no ano de 2012. Há nesse processo, a transformação do carnaval em mercadoria e espetáculo, e o consumo ou o distanciamento da população local, que não mais se identifica com a festividade.

Apesar da ressignificações das Sociedades, elas ainda constituem-se como espaço e tempo para os jogos tradicionais. Entretanto, com as transformações dessas entidades, identificamos o retorno da vivência dessas manifestações às residências das famílias e aos bolichos. Podemos inferir que estas mudanças da dinâmica espaciotemporal tem relação com as transformações dos sentidos atribuídos aos jogos tradicionais e a sua resistência frente às mudanças. Com o intuito de compreendermos as transformações dos sentidos atribuídos aos jogos tradicionais, apresentamos nosso quarto e último capítulo.

4 OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS JOGOS TRADICIONAIS A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES DE SEUS ESPAÇOS E TEMPOS

Nesse capítulo, os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais tomam forma com as falas dos sujeitos entrevistados. Procuramos apontar elementos que fizeram com que os sentidos dessas manifestações se transformassem no decorrer dos períodos abarcados em nossa pesquisa, ou seja, anterior à existência das Sociedades, durante a constituição e primeiras décadas dessas entidades, e, na atualidade. Buscamos também identificar como os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais transformam seus espaços e tempos.

Como manifestação da cultura, os jogos tradicionais têm sentido para a sociedade da qual fazem parte. Para Moreno *et al* (2007), estudando jogos tradicionais das Ilhas Canárias, estas manifestações não surgem separadas da cultura, mas com ela, atribuindo sentidos que mudam de cultura para cultura. O autor ainda alerta que estes sentidos têm caráter histórico, não estando aquém do espaço e do tempo em que são produzidos. Dessa maneira, as mudanças do espaço e do tempo podem mudar os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais, assim como a própria manifestação pode modificar-se.

No decorrer dos relatos de cada sujeito da pesquisa, identificamos elementos que conduziam aos sentidos atribuídos aos jogos tradicionais e à sua transformação com as mudanças de seus espaços e tempos. Ao serem questionados sobre os sentidos de jogar bocha, baralho ou corridas em cancha reta nas residências das famílias, nos bolichos e canchas de carreira, todos os entrevistados enfatizaram a diversão como elemento central, em afirmações como: *“ah, era uma diversão mesmo, pra gente se divertir”* (BENITO); *“em casa era pra passar o tempo, pra se divertir”* (ROSA); *“não tinha televisão, não tinha nada... Então no domingo o cara ia se divertir... o cara saía pra isso, pra jogar”* (RENATO); *“porque o jogo é assim, a gente se realiza jogando!”* (HORTÊNCIA).

Nesse sentido, Huizinga (2010), analisando o caráter lúdico existente na vida dos seres humanos, explica que a partir de suas características³⁸, o jogo proporciona um elemento primordial que é o divertimento, suprimindo necessidades materiais e imateriais do ser humano. Além disso, identificamos em todas as falas que jogar está associado ao sentido do encontro

³⁸ Para Huizinga (2010, p. 16), o jogo é uma “atividade livre, conscientemente tomada como ‘não-séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro dos limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras.”

para o estabelecimento dos laços sociais entre os membros da comunidade e reafirmação de valores considerados fundamentais pela coletividade. Os sujeitos jogam não apenas pela diversão, mas para a reconstrução das relações sociais, corroborando com Elkonin (1998, p. 20), quando afirma que “o jogo é reconstrução de uma atividade que destaque o seu conteúdo social, humano: as suas tarefas e as normas das relações sociais”.

Em algumas falas, o elemento da diversão está associado ao jogo e ao mesmo tempo ao encontro, como expressa Emílio, resumindo o sentido de jogar como:

Felicidade. Tem encontro com pessoas. Tu te sente bem. Tu joga, não tem inimigo nenhum. Tu sai de lá feliz porque tudo correu bem. Porque o encontro é bom quando tu vai lá e vê teus amigos e enquanto uns jogam , tu vai conversando disso ou daquilo... A felicidade te leva ao bem, não te leva ao mal e o jogo é a mesma coisa. Eu tenho um prazer, aquele gosto de ter os amigos juntos, de conversar juntos, de dialogar. (EMILIO, 91 anos, Vale Vêneto, 14-08-2013)

Muitas vezes jogava-se com apostas em pequenas quantidades de dinheiro, balas, bebida ou desafios verbais, que segundo os relatos, davam “*graça*” ao jogo, aumentando a característica de tensão dessa manifestação cultural.

Os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais nos espaços anteriores à existência das Sociedades não estavam associados aos resultados de cada partida, mas constituídos por todas as relações sociais que eram estabelecidas no processo. Emílio, sobre as corridas em cancha reta, salienta que “*se jogava com cavalo velho. Era só pra brincar. Não era pra ganhar dinheiro, não... E nem perder muito também*”. Acerca da bocha e do baralho nos bolichos, Antônio afirma que os jogos aconteciam “*dentro da paz. Não é aquela coisa que tu vai lá só por dinheiro. Tu vai lá pra se divertir e conversar com os amigos*”.

Salientamos que o elemento da competição existia, como demonstra a fala de Hortência, entretanto não constituía-se como sentido norteador dos jogos.

Se joga sem valer nada, mas aí não tem graça, porque tu não vê quem é que está ganhando. Então, às vezes quando a gente se reúne ali no salão paroquial pra trabalhar pras festas, A gente pega qualquer coisa que tenha, palito de fósforo, feijão, pra gente marcar os pontos de quem ganhar. (HORTÊNCIA, 69 anos, Vale Vêneto, 26-08-2013)

A entrevistada também afirma que os sentidos estavam no encontro, no jogo e na ceia.

É um encontro gostoso, por exemplo, a gente se encontrar pra jogar. E aí depois vinha a segunda dimensão, no caso que é a janta, né, se fazia um risoto... depois mais tarde vinha o café com pãozinho novo. Então tudo isso aí era o motivo... era o encontro, era o jogo, era o comer também. (HORTÊNCIA, 69 anos, Vale Vêneto, 26-08-2013)

O jogo tradicional e o encontro não se manifestavam na relação causa-efeito. Ao mesmo tempo em que jogar assumia o sentido de encontrar-se, esse se desdobrava em jogo, um transformando-se no outro, numa relação dialética constituída pelas motivações da vida destas pessoas.

De acordo com os relatos, também nas Sociedades a prática de jogos tradicionais assumem os sentidos de diversão e encontro, fomentados pela possibilidade de reunir maior número de pessoas nestas entidades em detrimento das famílias e bolichos. Emílio explica os motivos da escolha em jogar na SACE: *“Ah, achamos melhor na SACE que dava o encontro de muito mais gente. De onde que não tinha como andar até as famílias, não se reuniam. Mas na SACE eles vinham. Por exemplo, tinha lá os Brondani, lá pra cima bem longe... ali na SACE eles vinham”*. Hortência argumenta na mesma direção: *“um mora mais longe... O outro mora lá pra baixo... Aí dificilmente a gente se encontra.. Então deixa pro sábado. Porque todos vão pra missa e depois vão pro jogo na SACE”*.

Ao mesmo tempo em que estes elementos permaneceram com as mudanças dos espaços dos jogos tradicionais para as Sociedades, outros surgiram, dando o contorno de novos sentidos a estas manifestações.

O processo de institucionalização advindo com a criação das Sociedades atribuiu aos jogos tradicionais caráter controlado. Os jogos de baralho e bocha e, na SACE Vale Vêneto, as corridas de cancha reta, obtiveram receptividade das instituições religiosas e policiais, inclusive como participantes, embora com ressalvas. Esse fato contribuiu para que muitos adotassem esse espaço para jogar em substituição dos bolichos. A criação de regulamentos internos, tanto para a utilização da cancha de bochas quanto para as demais atividades das Sociedades, as determinações sobre os modos de vestir-se e portar-se no jogo, dentre outras regras eram importantes para a aceitação dessas práticas pelas instituições locais.

Na SACE Vale Vêneto, a Igreja não somente proporcionou a consolidação da sede oficial com a venda do antigo pensionato São Luiz, como também participou de cargos do quadro da diretoria da entidade, como consta na listagem da chapa aprovada em assembleia geral em 1979, com o padre da localidade no cargo das Relações Públicas. No início de cada reunião eram realizadas orações, caracterizadas como “rezas costumeiras” nos registros das atas das primeiras décadas da SACE Vale Vêneto. Além disso, a inauguração da cancha de bocha segundo modelo oficial, contou com missa concelebrada e bênção da cancha com o arremesso das primeiras bochas por Dom Arnoldo Onisto, bispo de Vecenza/Itália e Dom Ivo, bispo local, conforme registro da programação do dia 17 de julho de 1977. Na SACE

Polesinense, o apoio foi dado pela figura do médico local, que representava a instituição militar do Estado no período da ditadura.

A FRGB também teve papel importante para a mudança dos sentidos atribuídos, ou seja, de jogo a esporte, a partir da incorporação de regras fixas, de estatutos, canchas regulamentadas, sistema de fiscalização de campeonatos e competições locais, regionais e também nacionais, atribuir-lhe o sentido esportivo e de competição.

No Circular nº 16/81, de 27 de setembro de 1981, remetido pela Federação Riograndense de Bocha para os presidentes das Sociedades filiadas, é possível identificar esta tentativa:

Verificamos que na maioria dos municípios do interior do R.G.Sul, não existe sequer um clube filiado. É triste constatar que muitos adeptos da bocha não chegam sequer a entendê-la como esporte de competição. A conhecem, via de regra, como um esporte que vive à margem da lei. É preciso que cada um de nós contribua um pouco para que a bocha oficial chegue a todos os recantos de nosso Estado. É necessário que cada um procure, em seu município, os clubes não filiados, o sr. Prefeito municipal, os vereadores, ou, até mesmo o pároco da Igreja e lhe exponha tudo o que sabe sobre a prática deste belo e sadio esporte. Não é necessário muito esforço. A bocha está intimamente ligada às tradições do povo rio-grandense. O que é necessário é que se substitua a bocha dita como ilegal pela oficial, ela não é apenas o esporte que faz amigos, mas é o esporte do PAPA. (PORTO ALEGRE, Federação Riograndense de Bocha, Circular n. 16/81, 27 DE SETEMBRO DE 1981, p. 15-16)

Segundo Giovani, em campeonatos, o resultado da partida assumia maior importância do que em jogos realizados comumente aos finais de semana na Sociedade. Nessa direção, o elemento competição começa a manifestar-se como um dos sentidos atribuídos à bocha.

O princípio é o mesmo, mas a sensação é diferente, é muito diferente. Modifica porque a pessoa, o atleta, ele sempre procura o melhor, ele sempre quer ser campeão. Nas bodegas ou de brincadeira na SACE, é jogado por cerveja, é jogado por dinheiro... Aí a pessoa não se importa em perder. Mas quando é campeonato com camiseta, uniformizado, representando uma Sociedade, ali a coisa pega! (GIOVANI, 80 anos, São João do Polêsine, 08-08-2013)

Benito salienta que quando começaram a disputar campeonatos, os treinos passaram a fazer parte da rotina dos jogadores:

Ali tinha treino. Três vezes por semana rigorosamente. Quando era o doutor Binato o presidente do clube, era exigência. Quando começamos a disputar campeonatos era ele o presidente. Ele que botou nós a treinar... E rigorosamente! Anotava até as jogadas tudo... Ele era exigente mesmo. (BENITO, 73 anos, São João do Polêsine, 30-08-2013)

Segundo Parlebas (2004), o processo de esportivização incorpora nos jogos tradicionais a regulação institucional, a partir de federações e outros órgãos, que controlam,

unificam, estabelecem condições para a prática, princípios que acirram a competitividade e o rendimento máximo. Existe, nesse processo, a homogeneização dos jogos, que perdem sua identidade, singularidade e diluem-se no universo esportivo. Para o autor, a supremacia dos esportes, em detrimento dos jogos tradicionais, advém de suas características, que se adaptam perfeitamente às exigências midiáticas da sociedade.

Para Giovani o regulamento estabelecido pela Federação é a diferença entre o jogo no bolicho e o jogo na Sociedade

Mas a mudança da bocha de bodega, do bar, para a do clube era diferente porque essa do clube, ela tem um regulamento dirigido pela Federação, tem toda uma técnica que não pode fugir disso aí que senão não vale a jogada. A jogada pra ser válida tem que ser dentro do regulamento. E essa da bodega, do bar, ela não tem regulamento nenhum. Por exemplo, pode correr até uma raia. Essa do clube não pode ultrapassar nem pisar em cima da raia. E tem o regulamento da bocha que bate uma na outra que não pode correr mais que 50 cm. Quando dá a bochada, se pega, tem que tá dentro de 30 cm. Tem as medidas e tudo. E na cancha de terra, de bodega, não tem isso aí, se joga a vontade. Pega e traz mais longe, mais perto, não quer dizer nada. Mas lá do clube tem regulamento, é mais avançado o negócio, mais sofisticado. Essa é a diferença. (GIOVANI, 80 anos, São João do Polêsine, 08-08-2013)

Pietro comenta que anterior às imposições das regras pela FRGB, era possível lançar a bocha e caminhar juntamente com ela na extensão da cancha, acompanhando sua trajetória e torcendo para que a mesma parasse no lugar desejado. Atualmente, essa ação não é permitida, tornando o jogo desmotivador.

A regra muda a toda hora e parece que muda pra pior. A Federação Gaúcha ou a Brasileira muda [...] Uma vez valia tudo. Agora não. É complicado! [...] Desmotiva porque hoje a gente tem que cuidar. Larga a bocha e não pode... Porque o cara que joga a bocha, ele gosta de torcer pra bocha dele, vai atrás da bocha torcendo. Agora não... Até que a bocha não para, o jogador não pode passar da metade da cancha. Uma série de coisas! Agora ficou ruim mesmo! (PIETRO, 72 anos, Vale Vêneto, 12-09-2013)

Nos relatos de Giovani e de Isidoro, identificamos a coexistência de elementos que dão sentido aos jogos de bocha como prática institucionalizada, a partir da FRGB, e elementos afirmam os sentidos de encontro, diversão e estabelecimento de laços de amizade.

Eu ia, mas não é que eu fosse um grande jogador. Fomos disputar em várias cidades. Mas ia mais pra se divertir. Não era lá essas coisas... Pegava muito profissional desses graúdos, tinha gente que era profissional. Nós era amador e pegava time profissional. Tinha um castelhano que jogava pras Dores que ganhava uma nota preta pra jogar. Nós não, nós fazia com pouco recurso. Mas o que marca é a amizade que tu faz com a turma, porque a infinidade de gente, amigos que tu conheceu por estar jogando, porque não é só o jogo, a partida que tu vai jogar. Depois tu vai sair, tomar uma cervejinha, conversar e aí tu faz toda a amizade. Então quando tu vê, tu tem uma roda de amigos que tu nem conhecia. Até hoje eu tenho gente que eu

conheço e que me conhece porque nós se conhecemos nas bochas. (ISIDORO, 81 anos, São João do Polêsine, 10-07-2013)

Pra mim é emocionante. Eu chego a me emocionar só em falar disso aí... É uma alegria enorme... É uma beleza... É um esporte que faz amigos, a gente joga... Pra jogar em outros municípios, longe, e depois a gente se telefona, se escreve... A gente fica tudo amigo pro resto da vida. (GIOVANI, 80 anos, São João do Polêsine, 08-08-2013)

Além disso, identificamos que as transformações nas canchas de bochas influenciaram os jogadores quanto à escolha do local para o jogo. A partir da década de 1990, o material utilizado para a construção do piso das canchas na região da Quarta Colônia passou a ser sintético, incluindo as canchas das SACE Polesinense e SACE Vale Vêneto.

Quatro entrevistados citaram essa transformação. Todos argumentam que em termos práticos, as canchas sintéticas estão em vantagem, pois não há necessidade de frequente manutenção em virtude de orifícios e desníveis, estes existentes nas canchas de areia. Entretanto, os relatos apontam que estas mesmas características de instabilidade das canchas de areia conferem tensão ao jogo, tornando-o imprevisível a cada arremesso, fazendo com que muitos optem pelos jogos nos bolichos. Segundo Antônio, a cancha de areia torna-se mais atrativa, pois

Ela não é bem parelhinha, tem lugares que tem caídas... O cara que sabe, ele não joga bocha pra este lado, porque sabe que ela vai pra lá... Os que sabem já jogam ela em outra direção... É bem interessante. Tem que conhecer muito bem a cancha. E estes caras que estão aí jogando, jogam todos os dias e eles conhecem qualquer ondulaçõzinha que tem na cancha. Porque não tem como tu nivelar ela muito direitinho. Dá muito trabalho. Aí os caras passam o rolo, passam uma coisa pra dar uma emparelhadinha e segue assim. (ANTÔNIO, 66 anos, São João do Polêsine, 20-10-2013)

Benito explica a preferência por canchas de areia: *“Na cancha sintética eu não gostei de jogar. Eu achava mais gostoso jogar numa cancha de terra. Era mais rápido e o cara preparava a cancha pro cara adversário jogar mal [risos] tinha todos estes esquemas. Essa aí não tem esquema”*.

Com a análise das atas das SACEs, identificamos que ao mesmo tempo em que existia a conformidade das pessoas com o processo de institucionalização dos espaços e tempos para os jogos tradicionais, também houve resistência. Dentre as reuniões registradas nas atas, desde a fundação das entidades até atualmente, encontramos assuntos relacionados a discussões e brigas entre membros advindas do não cumprimento dos regulamentos e normas estabelecidas, como por exemplo, o uso de sapato inadequado nas canchas, a ingestão de bebida alcoólica durante o jogo e a entrada de homens sem camisa na entidade.

Dos dez jogadores, todos eles continuam jogando bocha ou baralho nas SACEs no decorrer da última década, atribuindo os sentidos de diversão e encontro aos mesmos. Porém, ao mesmo tempo em que permanecem nestes espaços, retomam às famílias e aos bolichos, que conquistam novamente o espaço para a prática dos jogos tradicionais.

Identificamos que com o passar do tempo, o sentido controlado atribuído aos jogos nas Sociedades e a tentativa de transformar a bocha em esporte, não contemplam em sua totalidade o que a população, para usufruto, busca no âmbito da diversão.

Segundo Antônio, o caráter controlador que as Sociedades imponham aos jogadores fez com que parte deles não jogasse mais em suas dependências, tendo como preferência os jogos nos bolichos, por agregar características de maior liberdade, de expressão de sentimentos, de identidade pessoal e grupal. Em suma, congrega a possibilidade de ir e vir, de jogar ou conversar, de se expressar conforme lhe convier. O entrevistado explica as preferências da comunidade e compara o comportamento que se tem em cada um dos espaços:

Só que hoje, o que é... nós de origem italiana... o italiano gosta de jogar bocha, mas gosta de tá assim mais no livre, naquelas canchas que eles aprenderam a jogar, de areia, de terra, embaixo de umas árvores, onde tinha um barzinho, um bolichinho... e isso hoje na SACE ninguém mais joga bocha. Tá a cancha aqui no centro da cidade e ninguém vem jogar bocha, nem de noite. [...]Então, hoje o que o pessoal quer? Um lugar livre, tranquilo, tem sombra, quem quer jogar bocha joga, quem não quer, joga um baralho, um três sete, um pife, qualquer outra coisa. Ou ficam conversando. Então, como é na SACE, tu já tem que ter outro comportamento. Tu já tem que tá um pouco mais bem vestido, tu tem que jogar de tênis, tu tem que tá adequado, tu tem que usar um palavreado diferente. Não é como ali ao ar livre, todo mundo brinca, fala às vezes besteira e coisa, toma sua cerveja e coisa. (ANTÔNIO, 66 anos, São João do Polêsine, 20-10-2013)

A necessidade do respeito aos estatutos e regulamentos internos das Sociedades é apontada pelos entrevistados como uma das características que os levaram a retornarem com os jogos nos bolichos e nas famílias.

Em nossa primeira inserção em campo, surgiram algumas pistas sobre a configuração atual dos bolichos como espaços e tempos para os jogos tradicionais que só puderam ser compreendidos na totalidade da pesquisa.

Enquanto esperávamos um de nossos entrevistados em frente à rodoviária de São João do Polêsine para, então, dirigirmo-nos até sua residência, iniciamos conversa com um casal de senhores que se encontrava sentado no banco ao lado. Durante o diálogo, explicamos rapidamente o motivo que nos levava ao destino São João do Polêsine. O casal, moradores do município, interessados no assunto, prontamente esclareceram-nos: *“O povo não vai mais na SACE. O povo mesmo joga nos bolichos”*.

Na medida em que os relatos apontavam a migração dos jogadores de bocha e baralho da SACE Polesinense para os bolichos, fomos instigadas a compreender melhor esse espaço, realizando algumas inserções no mesmo.

Em companhia de Antônio, visitamos dois bolichos em São João do Polêsine: o Bolicho do Nico e o Bolicho do Bugo. Lá encontramos Giovani e Benito, os quais já haviam relatado que eram frequentadores assíduos desses espaços. Assim, identificamos que os modos de organização desse espaço convergem com os do período anterior à constituição das Sociedades. Ali se encontram homens jogando bocha, baralho, realizando apostas valendo bebida alcoólica, pequenas quantidades de dinheiro, jantares ou desafios verbais. Algumas regras instituídas pela FRGB foram adotadas pelos jogos nas bodegas, mas não na sua totalidade. Mesclam com regras adequadas pelo coletivo a partir das suas experiências e das condições dos espaços.

Entre risos, conversas e partidas de bocha ou baralho, os grupos de homens envolvem-se e divertem-se às tardes de toda a semana, em especial aos sábados e domingos. Segundo os relatos, não jogam na SACE pela necessidade de cumprir regulamentos e não poder “*balaquear*”, ou seja, não ter a liberdade para dar gargalhadas, falar em tom alto e beber entre os amigos.

Giovani, durante seu relato, recitou poema de sua própria autoria, em homenagem ao Bar do Nico, frequentado há em torno de quinze anos por ele. Com humor e poesia, expressa as características desse espaço e a relação com o jogo.

Bolicho do Nico³⁹

Você sabe onde fica o bolicho do Nico
Aqui vai o endereço certo
Fica ali meio perto
Escuta bem estou falando sério
É bem em frente do necrotério
Se der peleia e morrer alguém
Problema não tem
Já fica ali mesmo no outro dia pro cemitério.

Mas do Nico a xirusada não toma conta
E logo o reclame de uma criatura tonta
Nico bota mais uma bota
E o Nico vai tomando nota
Mas se o índio vem engulesmado de outro bolicho
E quer um trago no fiado
O Nico no modo mais delicado
Mete-lhe um pé no traseiro com todo capricho

³⁹ O poema encontra-se também na obra “Polêsine Antigo: história, causos e poesias”, de Dalmolin (2006, p. 95-97).

Todo mundo vai no bolicho do Nico
 Índios de todas as cores
 E de diferentes amores
 Até quando termina a vida
 E como despedida
 O morto faz uma sestiada ali na frente
 Parece que fica contente
 Para a derradeira partida

No bolicho do Nico
 Não pode deixar de ir não
 Ouvir um toque de violão
 Também tem canastreiros
 Uns quantos perus para conferir os erros
 O Nico sempre ganha
 Não dá bola pra balbúcia
 Depois diz “não contavam com minha astúcia”

Tem também uma cancha de bocha
 Destas sem coberto e bem bagual
 Mas que reúne tanta gente não tem igual
 Ali todo mundo bebe catuaba cerveja cachaça
 Como salgadinho cuca e bolacha
 No fim do dia a turma já meio tonta
 Terminou o dinheiro manda toma na conta
 Hora de fechar o bolicho é o que o Nico acha

Muitas vezes o bolicho fica cheio
 Só o Nico é que atende
 Ele está jogando ninguém se ofende
 E chama de longe a dona Marli
 Ela vem e não nega
 E demora um pouco pra ver a reação
 E se ele não chama com educação
 Já sabe o pau pega.

De tardezinha a indiada está toda ali
 Quase todos com apelido
 Todo mundo divertido
 E muita gargalhada
 Quase a troco de nada
 O Nico só faturando
 Só de vez em quando dá alguma risada

Alguns com nome outros com apelido
 Dos que frequentam o bolicho
 O Nasta o Ni o Natalho o Tio Bicho
 O Pisca o Bala o Amante o Nereu
 O André o Alceu quase sempre também eu
 O Nico é só apelido não é pouca porqueira
 Nome verdadeiro que põe respeito é
 Ademar Gonçalves Oliveira

Que bom que existe o bolicho do Nico
 Às vezes a pensar fico
 É tão pequeno mas com muita grandeza
 Se um dia fechado que tristeza
 Seu Ademar de Oliveira
 Digo hoje amanhã ou segunda-feira
 Sem pestanejar um segundo

Que o bolicho do Nico é o melhor do mundo.

Sobre os jogos tradicionais nas famílias, identificamos que acontecem de maneira mais individualizada. Os grandes encontros entre várias famílias e vizinhos transformaram-se em pequenas confraternizações, muitas vezes entre membros de uma mesma parentela. Os mais velhos que permaneceram em São João do Polêsine e Vale Vêneto aguardam a visita de seus filhos e netos, que residem na cidade, para algumas partidas de baralho, como relata Emílio: *“Eu jogo em aqui em casa com os meus filhos! Agora então eles vêm me visitar [...] Então jogamos três sete. Toda a tarde, sempre no domingo, porque eles não podem também. Logo tem que voltar pra suas casas”*.

Em algumas residências, como na de Rosa, o sistema de fichas, implementado nas Sociedades, passou a fazer parte dos jogos em sua casa, mesmo não havendo apostas em dinheiro.

Portanto, podemos inferir que embora as Sociedades constituam-se como espaço e tempo para os jogos tradicionais, elas perdem expressão na atualidade. Os bolichos e as famílias, reconfigurados às condições atuais, são a nova e também antiga opção para a vivência dessas manifestações que resistem e se conformam no processo histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da pesquisa buscamos conhecer as transformações dos espaços e tempos dos jogos tradicionais e os sentidos atribuídos pelos sujeitos que jogam em Sociedades italianas no RS. Apressadamente, poderíamos concluir que as Sociedades, palco para diferentes manifestações culturais tradicionais, perdem sua expressividade frente à conjuntura atual da vida no campo, com consequente enfraquecimento dos jogos tradicionais praticados nelas. Entretanto, voltando-nos para a dialética entre o ontem e o hoje e analisando as transformações desses espaços e tempos no movimento histórico, outras considerações são produzidas, ampliando o contorno ao que de início constituía-se como uma realidade turva, segmentada e descontínua.

Os jogos tradicionais estiveram presentes no cotidiano das colônias italianas estabelecidas no Rio Grande do Sul, em específico à Quarta Colônia, desde as primeiras décadas de colonização. As condições históricas do período aliadas às necessidades materiais e imateriais constituíram as residências das famílias, os bolichos e os campos destinados às carreiras de cancha reta como principais espaços para os jogos tradicionais, como os jogos de baralho, bocha e corridas de cavalo. Ao mesmo tempo em que os espaços eram particulares, pois se constituíram nas residências, nos campos e salões pertencentes às famílias ou nos bolichos de propriedade do bolicheiro, assumiam também caráter comunitário, pois as relações sociais estabelecidas estavam fortemente pautadas no trabalho familiar e coletivo.

Não sem resistência, os jogos tradicionais sofreram repressões de instituições policiais e religiosas, por os considerarem desintegradores de valores e ideais da classe dominante. A partir de uma moral de trabalho como única atividade enobrecedora do ser humano, todas as formas de divertimento não atreladas à Igreja e sem a prévia autorização policial, estavam fadadas à condenação, inclusive a organização de espaços e tempos específicos para as mesmas, como as Sociedades.

Mesmo conformados com a condenação da organização de Sociedades para a prática das manifestações culturais, observamos resistência expressa nos encontros para os jogos. A atribuição dos sentidos de diversão, encontro e reafirmação das relações sociais foram motivadores para a construção desses espaços, produzidos com maior expressividade até meados da década de 1960, quando as medidas de nacionalização que iniciaram no período do Estado Novo, na década de 1930, repercutiram como repressoras e ao mesmo tempo instigadoras da consolidação das Sociedades na região da Quarta Colônia. Repressora no

sentido da proibição e negação de manifestações que não tivessem o caráter nacionalista brasileiro almejado. E instigadora, pois com o usufruto do esporte, principalmente o futebol, como instrumento para o desenvolvimento do sentimento nacional brasileiro, era preciso a consolidação de um espaço e tempo institucionalizado para essa prática.

Atrelado ao desejo de construção de um espaço para a prática desportiva, estava a necessidade de aceitação dos jogos tradicionais pela classe dominante e também espaço que congregasse número maior de pessoas da comunidade. Nesse sentido, a consolidação das Sociedades contou com a presença dos jogos tradicionais dentre suas principais manifestações e não apenas o esporte.

Ao mesmo tempo em que houve transformações dos espaços e tempos, os jogos tradicionais ganharam novos elementos, mantendo e também modificando seus sentidos. Por um lado mantiveram-se os sentidos de diversão, encontro e reafirmações das relações sociais, motivados pela participação de maior número de pessoas nas Sociedades em detrimento das residências das famílias, bolichos e campos para as corridas de cancha reta. Por outro, houve a tentativa de transformação do jogo de bocha em esporte e a atribuição do sentido de competição com o fim último dessa prática, principalmente com a atuação da Federação Riograndense de Bocha. Também a institucionalização do espaço e tempo para os jogos tradicionais fez com que os mesmos assumissem sentido controlado com regulamentos e normas que deveriam ser cumpridas no interior das Sociedades, desaparecendo elementos como o caráter livre, a tensão e a imprevisibilidade, que conferem diversão aos mesmos.

As transformações nos sentidos atribuídos ao trabalho transformam também as Sociedades e os jogos tradicionais abarcados por estas. Nas primeiras décadas dessas entidades, o trabalho voluntário tinha o sentido de suprir a necessidade de consolidação de espaço e tempo para diferentes manifestações culturais. Atualmente, ele está intimamente relacionado ao sentido do capital, à venda da mão de obra em troca de dinheiro. Aliado a isto, encontramos as dificuldades da população manter-se no campo, acarretando a partida dos mais jovens em busca de trabalho e melhores condições de vida e a não continuidade dos mesmos nas Sociedades. Aos que permanecem no campo, resta negociar com a lógica de produção e aceleração do tempo e, conseqüentemente, com o aumento da rotina de trabalho e a redução do tempo destinado aos jogos tradicionais. Porém, desconsiderar toda a práxis das manifestações culturais tradicionais e apenas fazer alusões pessimistas sobre a sua condição atua traz consigo grandes equívocos.

As mudanças dos espaços e tempos geraram também mudanças nos sentidos atribuídos aos jogos tradicionais. Entre conformações e resistências, há o retorno aos bolichos e às famílias, na busca de diversão, encontro e produção das relações de amizade. Os espaços, tempos e sentidos que foram condição para a constituição das Sociedades, reivindicam retorno.

Há abdicação de regulamentos, da FRGB, da imposição de regras fixas, da cronometragem rígida, do controle das instituições, do cuidado com os modos de se vestir, comportar, gesticular, comunicar. Enfim, recusam a dominação sobre formas de expressão de suas vidas materializadas nos jogos tradicionais.

Estas manifestações têm sentido na vida dos que jogam quando assumidos em seu caráter livre, informal, casual, simples, imprevisível, desafiador, provocador, tenso, com baixos custos financeiros, local de aprendizado entre gerações, manifestação que gera conhecimento, sério na medida em que é importante para os que jogam, onde o resultado não é ignorado, mas não ganha relevância máxima.

Salientamos a resistência que os jogos tradicionais fazem à conjuntura atual de nossa sociedade em relação à efemeridade que as próprias condições do modo de produção capitalista instituem com a forma de acumulação flexível. Nesse sentido, eles também assumem a perspectiva do povo, pois resistem aos valores da classe dominante. Entretanto nosso não pessimismo em relação aos jogos tradicionais não limita o olhar atento a eles e ao conformismo que incorporam.

Assim, com a síntese de nosso estudo, outros questionamentos passam a nos inquietar: quais os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais pelos que não permanecem nos pequenos distritos e municípios e migram para os grandes centros urbanos? Quais os espaços e tempos para estas manifestações nas grandes metrópoles? Existem espaços e tempos específicos para eles? Os jogos tradicionais constituem-se como resistência nestes espaços? Quais os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais quando há total ruptura entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho, quando o tempo da máquina prevalece em relação ao tempo da natureza e da vida?

Depreendemos que no decorrer de seu movimento, os jogos tradicionais conservaram algumas de suas características, sendo transmitidos de geração em geração. Também foram transformados, assumindo novas feições de acordo com as condições materiais de cada período e espaço onde foi e é praticado. Portanto, os jogos tradicionais são atuais porque permanecem no cotidiano, e permanecem porque têm sentidos para as vidas dos sujeitos,

sentidos estes condicionados pelas relações entre os sujeitos e as condições objetivas, mediados pelas relações sociais estabelecidas no processo histórico.

REFERÊNCIAS

ADELANTADO, Vicente Navarro; NÚÑES, Ulises Castro. Los Juegos y Deportes Tradicionales en Canarias: el caso canario ante la estructura de los juegos y deportes tradicionales canarios. In.: LAVEGA BURGUÉS, Pierre. (ed.). **Juegos Tradicionales y Sociedad en Europa: la cultura europea a la luz de los juegos y deportes tradicionales**. Barcelona: Imprenta Grafic Car, 2006. p. 73-96

ARAÚJO, Paulo Coelho de; MENDES, Nuno Miguel Casaca. **O jogo da bola de aro em São Miguel de Machede**. Lousã: Tipografia Lousanense Lda, 2007.

ARAÚJO, Paulo Coelho de; RODRIGUES, Mário Duarte Maia. **Jogo do Beto do Conselho da Lousã: uma expressão singular portuguesa**. Lousã: Tipografia Lousanense, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; AnnaBlume, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1990.

BENEVENUTO, Álvaro Fraga Moreira; SEIBT, Urbano; SEIBT, Elisabeth. Christina **Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo: 110 anos de cultura**. Nova Petrópolis: Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo, 2006.

BORNHEIM, Gerd. O conceito de Tradição. In.: BORNHEIM, Gerd et al. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. 14-29

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BORNHEIM, Gerd et al. **Cultura Brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 31-58

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser desportivo? In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p 136-153

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean Claude.; PASSERON, Jean Claude. **Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**: promulgada em 16 de julho de 1934, Rio de Janeiro, RJ, 16 jul. 1934. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1558/constituicao_1934_texto.pdf?sequence=>>. Acesso em: 26 out. 2013.

BRASIL. Decreto-Lei n. 383, de 18 de abril de 1938. Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, RJ, 18 abr. 1938. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 26 out. 2013.

BRASIL. Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm>. Acesso em: 25 out. 2013.

BRUHNS, Heloisa. Turini. O jogo nas diferentes perspectivas teóricas. **Motrivivência**, Florianópolis, ano VIII, n. 9, p. 27-33, dez. 1996.

CAMARGO, Vera Regina Toledo; ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz; SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (org.). **Jogo, celebração, memória e identidade**: reconstrução da trajetória de criação. Implementação e difusão dos Jogos Indígenas no Brasil (1996-2009). Campinas: Curt Nimuendajú, 2011.

CELLARD, André. A análise documental. In.: POUPART, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 295-316

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

COSTA, Rovílio. et al. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**: vida, costumes e tradições. Porto Alegre: EST, 1986.

COUTINHO, Eduardo Granja. Os Sentidos da Tradição. In.: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

DALMOLIN, Romualdo. **Polêsine Antigo**: histórias, causos e poesias. Santa Maria: Home Artes Gráficas Ltda, 2006.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-82

DUARTE, Newton. **A individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. 2. dd. Campinas: Autores Associados, 1999.

DUARTE, Newton. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 44-63, abr. 2004.

ELKONIN, Daniil Borisovich. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FALCÃO, José Luiz Ciqueira; PEDROZA, Reigler Siqueira. Os Jogos e Brincadeiras Tradicionais e Experiência Lúdica em Comunidades Quilombolas. In.: SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Ciqueira (org.). **Práticas corporais em comunidades quilombolas de Goiás**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2001. p. 135-149

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. **Etno-desporto indígena**: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang. Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2005.

GAMBOA, Silvio Sanchez. **Pesquisa em educação**: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2007.

GOOGLE EARTH. São João do Polêsine. São João do Polêsine, 2013. 1 mapa, color. Disponível em: <www.earth.google.com>. Acesso em: 16 dez. 2013

GOOGLE MAPS BRASIL. São João do Polêsine. São João do Polêsine, 2013. 1 mapa, color. Disponível em: <https://maps.google.com.br/maps?q=s%C3%A3o+jo%C3%A3o+do+polesine&ie=UTF-8&ei=5V_qUrq8NIiUkQeE9YCYBw&ved=0CAkQ_AUoAQ>. Acesso em: 28 dez.2013

HARVEY, David. A experiência do tempo e do espaço. In.: _____. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In.: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

IANNI, Octavio. A Sociologia e o Mundo Moderno. **Tempo Social**, Ver. Sociol. USP, v.1, n. 1, 1. sem, 1989, p. 7-27

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 01 mar. 2013

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KUENZER, Acacia Zeneida. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho educação e o papel social da escola. In: FIGROTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 55-75.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LAVEGA BURGUÉS, Pierre. **Juegos y deportes populares tradicionales**. Barcelona: INDE Publicaciones, 2000.

LAVEGA BURGUÉS, Pierre. (ed.). **Juegos Tradicionales y Sociedad en Europa: La cultura europea a la luz de los juegos y deportes tradicionales**. Barcelona: Imprenta Gráfico Car, 2006.

LAVEGA BURGUÉS, Pierre. et al. Os jogos tradicionais no mundo: associações e possibilidades. **Licere**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 1-19, jun. 2011.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

MARIN, Elizara Carolina. **O lúdico na vida: colonas de Vale Vêneto**. 1996. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MARIN, Elizara Carolina. et al. Jogos tradicionais no Estado do Rio Grande do Sul: manifestação pulsante e silenciada. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 73-94, jul./set. 2012.

MARIN, Elizara Carolina.; RIBAS, João Francisco Magno (orgs.). **Jogo Tradicionais e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

MARIN, Joel Orlando. O Integralismo na ex-Colônia Italiana de Silveira Martins. In.: MARIN, Jérri Roberto (org.). **Quarta Colônia: novos olhares**. Porto Alegre: EST, 1999. p. 110-117.

MARIN, Jérri Roberto. Combatendo nos exércitos de Deus: as associações devocionais e o projeto de romanização da Igreja Católica. In.: _____ (org.). **Quarta Colônia: novos olhares**. Porto Alegre: EST, 1999. p. 74-94

MARIN, Jérri Roberto. **Ora et Labora: o projeto de restauração católica na ex-Colônia Silveira Martins**. 1993. 212 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

MARTINS, JOSÉ DE SOUZA. **Expropriação e violência: a questão política no campo**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Coleção Abril Cultura. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luiz Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2003.

MASCHIO, Vanderléia; RIBAS, João Francisco Magno. O jogo enquanto conteúdo escolar na abordagem crítico-superadora. **EFDeportes**, Buenos Aires, ano 16, n. 157, jun. 2011.

MAZO, Janice Zarpellon. A nacionalização das associações esportivas em Porto Alegre (1937-1945). **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 43-63, set./dez. 2007.

MAZO, Janice Zarpellon. **Associações Esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias**. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2012.

MAZO, Janice Zarpellon; GAYA, Adroaldo. As associações desportivas em Porto Alegre, Brasil: espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto (Portugal), v. 6, n. 2, p. 205-2013, mai. 2006.

MEDEIROS, Roseana Borges de. **Para uma compreensão da cultura popular na teoria marxista**. Recife: Livro Rápido, 2007.

MILLS, Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MOLLENA, Francisco Terán. Los Juegos y Deportes Tradicionales en Cantabria. In.: LAVEGA BURGUES, Pierre. (ed.). **Juegos Tradicionales y Sociedad en Europa: La cultura europea a la luz de los juegos y deportes tradicionales**. Barcelona: Imprenta Gráfico Car, 2006. p. 97-112

MORENO, José Hernández. et al. **Catálogo de los deportes y juegos motores tradicionales canarios de adultos**. Barcelona: INDE Publicaciones, 2007.

NICOLÁS, Juan Carlos Martín. Proceso de formación de los juegos y deportes tradicionales y bienestar relacional. In.: JAOUEN, Guy; et. al. **Juegos Tradicionales y salud social**. Espanha: Associação Europeia de Jogos y Deportes Tradicionales, 2009. p. 110-117

PARLEBAS, Pierre. El destino de los juegos: herencia y filiación. In.: LAGARDERA OTERO, Francisco; LAVEGA BURGUES, Pere. (org.). **La Ciencia de la acción motriz**. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2004. p. 59-76

PARLEBAS, Pierre. **Juegos, Deporte y Sociedad: Léxico de Praxiología Motriz**. Barcelona: Paidotribo, 2001.

PAZ, Ivoni. Nör. **Nova Petrópolis: da submissão à rebeldia (1858-1937)**. Caxias do Sul: UCS, 1998.

PEREIRA, Ester Liberato; Mazo, Janice Zarpellon; Lyra, Vanessa Bellani. Corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural-esportiva sul-riograndense. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 4, p. 655-666, 4. Trim. 2010.

ROQUE, José Ignacio Alonso. Los Juegos y Deportes Tradicionales en Murcia. In.: LAVEGA BURGUES, Pierre. (ed.). **Juegos Tradicionales y Sociedad en Europa: La cultura europea a la luz de los juegos y deportes tradicionales**. Barcelona: Imprenta Gráfico Car, 2006. p. 171-188

SÃO JOÃO DO POLÊSINE. **Histórico**. São João do Polêsine, 2013. Disponível em: <http://www.saojoaodopolesine.rs.gov.br>. Acesso em: 01 mar. 2013

SAQUET, Marcos Aurelio. **Colonização italiana e agricultura familiar**. Porto Alegre: EST, 2002.

SANTIN, Silvino. **A Imigração Esquecida**. Porto Alegre: EST, 1986.

SANTIN, Silvino. Sonhos diferenciados ou desfeitos: Silveira Martins, a Quarta Colônia, no cenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul. In.: MARIN, Jérri Roberto (org.). **Quarta Colônia: novos olhares**. Porto Alegre: EST, 1999. p. 11-24

SCHUCH, Heitor. **As sociedades alemãs: a cultura através dos tempos**. Porto Alegre: Corag, 2008.

SOUZA, Ricardo Luiz. Cachaça, vinho e cerveja: da Colônia ao século XX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 56-75, jan./jun. 2004.

TELEGINSKI, Neli Maria. **Bodegas e bodegueiros de Irati – PR na primeira metade do século XX**. 2012. 250 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VERÍSSIMO, Érico. **Olhai os lírios do campo**. 79. ed. Porto Alegre: Globo, 1998.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS

Anexo A – Roteiro de entrevista

Dados do pesquisador		
Nome:		
Data:	Horário – Início:	Término:
Local:		
Observações do pesquisador sobre o trabalho do dia:		

Dados sobre o informante		
Nome do Informante:		
Idade:		
Local de residência (comunidade, localidade, distrito, etc.):		
Instituição/ Sociedade:		
Cargo/Função:		
Outras características do informante:		
E-mail:		
Telefone	Residencial	
	Trabalho	
	Celular	

1. Quais jogos tradicionais você joga?
2. Qual ou quais os jogos que mais gosta?

PERÍODO ANTERIOR À EXISTÊNCIA DA SOCIEDADE

Tempo/espaço

3. Com quem você aprendeu a jogar?
4. Como você começou a se envolver com o jogo?
5. Desde quando você joga?
6. Com quem você jogava?

7. Onde você costumava jogar, antes de haver Sociedade?
8. Como eram os encontros nestes locais?
 - Seu espaço físico
 - Quem fazia parte
 - O que era necessário para fazer parte? (Quem tinha acesso - todos tinham ou era privada)
 - Havia cobrança de taxa?
9. Em que dias da semana você jogava?
10. Em que horários você jogava?
11. Havia algum período do ano que você destinava mais tempo para jogar?
12. Como se definiam os locais de encontro para jogar?

Jogo tradicional

13. Quais eram os jogos praticados?
14. Quem jogava?
15. Eram sempre as mesmas pessoas que jogavam com você?
16. Como era a participação dos jovens nos jogos?
17. Como era a participação das mulheres nos jogos?

Sentidos

18. O jogo era o motivo principal do encontro? Havia outros interesses, além de jogar? (Existiam outras manifestações além do jogo)
19. O que levou você a participar/frequentar estes locais?
20. Por que você jogava nestes locais?
21. Que sentido tinha para você o jogo nestes locais?
22. Qual a maior lembrança que ficou para você do jogo nestes locais?

SURGIMENTO E PRIMEIRAS DÉCADAS DA SOCIEDADE

Tempo/espaço

23. Houve mudança destes espaços de jogo? Onde passou a ser o ponto de encontro? (A partir de quando você começou a jogar na Sociedade)
24. Por que houve mudança no espaço de jogo?
25. Explique como era constituído este espaço

- Seu espaço físico
 - Quem fazia parte
 - O que era necessário para fazer parte? (Quem tinha acesso - todos tinham ou era privada)
 - Havia cobrança de taxa?
26. Em que dias da semana você jogava na Sociedade?
27. Em que horários você jogava na Sociedade?
28. Havia outras Sociedades na comunidade?

Jogo tradicional

29. Quais eram os jogos praticados?
30. Quem jogava?
31. Eram sempre as mesmas pessoas que jogavam com você?
32. Como era a participação dos jovens nos jogos?
33. Como era a participação das mulheres nos jogos?

Sentidos

34. O jogo era o motivo principal do encontro? Havia outros interesses, além de jogar? (Existiam outras manifestações, além do jogo)
35. O que levou você a participar desta Sociedade não de outra?
36. Por que você jogava nesta Sociedade?
37. Que sentido tinha para você o jogo na Sociedade?
38. Qual a maior lembrança que ficou para você do jogo neste local?
39. Existia diferença de quando você jogava na Sociedade e quando você jogava outros locais? (Caso existam jogos em outros locais, com em casa...)

SOCIEDADE NA ATUALIDADE

Tempo/espaço

40. A sociedade/clube/associação ainda é o ponto de encontro para jogar?
41. Você percebeu alguma mudança na Sociedade desde que começou a jogar nela?
42. Quais as mudanças você considera mais significativas?
42. Quais as principais mudanças que ocorreram?
44. Por que houve estas mudanças?

45. Explique como é constituída a Sociedade atualmente?

- Seu espaço físico?

- Quem faz parte?

- O que é necessário para fazer parte? (Quem tinha acesso - todos tinham ou era privada)

- Há cobrança de taxa?

46. Em que dias da semana você joga neste espaço?

47. Em que horários você joga neste espaço?

48. Todas estas mudanças modificam/influenciam de alguma maneira o jogo neste local?

49. Há outras Sociedades na comunidade?

Jogo tradicional

50. Quais são os jogos praticados atualmente?

51. Quem joga?

52. São sempre as mesmas pessoas que jogam com você?

53. Como é a participação dos jovens nos jogos?

54. Como é a participação das mulheres nos jogos?

Sentidos

55. E hoje, o jogo é o motivo principal do encontro? Há outros interesses, além de jogar? (Existem outras manifestações além do jogo)

56. Você ainda joga na Sociedade? Por quê?

57. Que sentido tem para você o jogo neste local?

Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: Os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais a partir das transformações de seus espaços e tempos no contexto da colonização italiana no RS

Pesquisador(es) responsável(is):

- Prof.^a Dr.^a Elizara Carolina Marin (professora orientadora)

- Fernanda Stein (aluna do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação Física e Desportos)

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Telefone para contato: (55) 33075925 ou (55) 84298452

Email para contato: fefestein@yahoo.com.br

Prezado(a) Senhor(a)

Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas desta entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder as perguntas, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Nossa pesquisa tem como objetivo compreender os sentidos que o jogo tradicional assumiu com as transformações ocorridas nas Sociedades onde eles são praticados. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder de forma voluntária perguntas sobre os sentidos que o jogo tradicional assumiu e assume para você ao longo de sua relação com estes jogos, bem como questões relacionadas à Sociedade onde você jogava ou joga.

Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, ajudando na elaboração de estudos que contemplem o tema Jogos Tradicionais e elucidando o conhecimento científico, sem benefício direto para você.

Esta entrevista não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você. No decorrer da entrevista o informante poderá sentir algum desconforto ao responder algumas perguntas, podendo, portanto, a qualquer momento desistir de colaborar com a pesquisa.

As entrevistas serão gravadas (vídeo e/ou áudio) e posteriormente transcritas, pela pesquisadora, em formato de texto. Antes da utilização dos dados da entrevista, você receberá o texto transcrito para que possa fazer correções e/ou suprimir trechos de sua fala que não queira que seja divulgado.

As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone, o endereço institucional, endereço eletrônico e telefone do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Local: _____

Data: _____

Sujeito da Pesquisa

Prof.^a Dr.^a Elizara Carolina Marin
(pesquisadora responsável)

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM - Cidade Universitária - Bairro Camobi, Av. Roraima, nº1000 - CEP: 97.105.900 Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362 – Fax: (55) 3220-8009 . Email: comiteeticapesquisa@smail.ufsm.br. Web: www.ufsm.br/cep

Anexo C - Carta de Agradecimento

ESTIMADO(A) SR(A)

Agradecemos sua preciosa e dedicada participação nesta pesquisa que é de muita importância para professores, alunos, bem como toda a comunidade.

O objetivo do estudo “*Os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais a partir das transformações de seus espaços e tempos no contexto da colonização italiana no RS*” é compreender os sentidos que o jogo tradicional teve/tem para os sujeitos que jogavam/jogam nas Sociedades bem como as transformações destes locais, a fim de contribuir para a memória, a difusão cultural, o desenvolvimento de ações educativas sobre do tema.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Todas essas informações estarão armazenadas junto às pesquisadoras Fernanda Stein e Prof.^a Elizara Carolina Marin e junto ao Grupo de Pesquisa em Lazer e Formação de Professores do CEFD/UFSM, sob responsabilidade das mesmas.

Gratas pela grande contribuição e informações dadas à pesquisa.

Atenciosamente,

Prof.^a Elizara Carolina Marin
Prof.^a Orientadora da pesquisa

Fernanda Stein
Aluna do Curso de Mestrado em
Educação Física/CEFD/UFSM
Email: fefestein@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Maria
Avenida Roraima, n 1000 - Cidade Universitária - Bairro Camobi
Santa Maria – RS. CEP 97105-900
Fone: (55) 32208431